**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA**

Leandro da Silva Selari

**BOLIVIANOS EM SÃO PAULO: DINÂMICAS DA
IMIGRAÇÃO, REFLEXÕES E PRÁTICAS DA MUDANÇA
SOCIAL**

São Paulo

2013

LEANDRO DA SILVA SELARI

**Bolivianos em São Paulo: Dinâmicas da Imigração, Reflexões e
Práticas da Mudança Social.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, na Escola de Humanidades da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Ansara.

Versão Corrigida

(Versão original disponível na Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo)

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

Biblioteca

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Selari, Leandro da Silva

Bolivianos em São Paulo : dinâmicas da imigração, reflexões e práticas da mudança social / Leandro da Silva Selari ; orientadora, Soraia Ansara. – São Paulo, 2013.

115 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.
Versão corrigida.

1. Imigração boliviana – Brasil. 2. Imigração boliviana – São Paulo (SP). 3. Precarização do trabalho. 4. Identidade social. I. Ansara, Soraia, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 304.881084

BANCA EXAMINADORA

Suplentes:

Dedico esta monografia aos homens e as mulheres que trabalham e vivem em condições precárias e análogas a escravidão, aqueles que neste momento estão longe de suas casas, dos seus pais e filhos, em meio a canaviais, carvoarias, em empreiteiras e oficinas de costura, se subjugando ou sendo subjugados por um mundo desigual. A todos os imigrantes bolivianos que se tornaram sujeitos desta pesquisa e nos permitiram suas memórias, vidas e sonhos.

Agradeço a Deus e aos homens que sempre tornaram tudo possível. À minha querida orientadora Soraia Ansara pela longa parceria neste projeto, sempre disposta a aguçar o olhar científico interdisciplinar nesta mente sociológica. À minha linda família que vive e suporta pacientemente todas as intempéries do intento de ser pesquisador no Brasil, à mãe sempre amiga e amorosa Fraina, ao pai presente e conselheiro Esequiel e à irmã parceira em tudo Talyta. Sem vocês nunca teria chegado até aqui. Ao meu motivo de vida, de sorrir e não desistir jamais, obrigado por tudo que é e sonha ser ao meu lado, te amo Priscila.

“O imigrante, de habitante de um espaço nacional definido (incola), ao transitar deste espaço tradicional para outro se transforma em um atopos, sem lugar próprio no sentido social, cultural e econômico, um deslocado no novo espaço que não lhe pertence em termos de práticas, valores, usos e costumes, modos de agir e pensar, tornando-se um ser imigrante inoportuno, embaraçoso, incômodo, objeto de estereótipos, preconceitos e de atos de intolerância. Talvez, sem ter consciência, o imigrante, antes de ser imigrante, devido aos seus sonhos, aos seus anseios e as suas utopias, também. Estava se metamorfoseando em seu próprio país e na sua comunidade em um atopos, pelo menos uma parte dele não tinha uma posição definida na estrutura social.” (HIRANO, 2011 apud MOTOYAMA, 2011, p.16)

RESUMO

Ao falarmos de imigração boliviana em São Paulo, nos referimos à comunidade inserida no ciclo precário do modo de produção do ramo informal das confecções têxteis. Buscamos contribuir com a percepção teórica deste fenômeno social tendo como fonte empírica deste conhecimento as múltiplas trajetórias particulares e descontínuas vivenciadas por estes imigrantes.

Nesta pesquisa damos continuidade a um estudo desenvolvido no decorrer dos anos de 2010-2011 na Escola de artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo: Especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais que teve por título: “Bolivianos na cidade de São Paulo: Caminhos de uma investigação Psicopolítica”.

Abordando a questão na perspectiva da Psicologia Social Comunitária e da Sociologia do Trabalho, utilizamos a metodologia de análise da psicossociologia do trabalho para compreender as relações sociais e identitárias que estes imigrantes constroem no Brasil, os sentimentos de pertença, a sua apropriação cultural e os caminhos para a conquista da cidadania em múltiplos sentidos. Isso por meio da análise das identificações sociais, das origens culturais e psicológicas decorrentes das socializações experienciadas por estes sujeitos na Bolívia e no Brasil, isto é, a partir daquilo que foi estabelecido a priori bem como do que decorre de suas vivências como imigrantes e no trabalho, a apropriação cultural, o sentimento de pertença e identidade, bem como os aspectos de manutenção e reprodução da cultura boliviana no Brasil.

Assim, o estudo deste fenômeno social parte das experiências psicossociais destes sujeitos na sua relação com o meio social, com o grupo imigrante e no trabalho da costura, das memórias e identidades sociais, percebendo as possibilidades de rupturas e apontando possíveis caminhos às mudanças nas estruturas sociais pela criação e multiplicação de instrumentos psicossociais, tais como: a multiplicação de espaços de resignificação e apropriação cultural, como instrumento de identificação e fortalecimento comunitário; a conquista de uma cidadania produto da organização e incentivo à participação coletiva e comunitária tanto na apropriação quanto na construção de lutas por direitos sociais, civis e políticos; a busca pela ascensão social e econômica no interior do setor têxtil como instrumento de escape à precariedade ou até a ruptura deste imigrante em suas relações de trabalho com o ciclo precário da costura na diversificação e na mudança de ramo nas suas atividades de trabalho.

Em suma, uma análise interdisciplinar (psicossocial e sociológica) das memórias e relatos de vivências emblemáticas que caracterizam este grupo imigrante como fenômeno social em constante transformação.

Palavras-chave: Imigração boliviana, Exploração do trabalho, Memória, Identidade.

RESUMEN

Cuando hablamos de la inmigración boliviana en São Paulo, nos referimos a la comunidad inserida en el ciclo precario del modo de producción de sector informal de productos textiles. Buscamos contribuir a la percepción teórica de este fenómeno social teniendo como fuente empírica de este conocimiento las múltiples trayectorias particulares y discontinuas vivenciadas por estos inmigrantes.

En este trabajo seguimos un estudio realizado en los años 2010-2011 en la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo: Especialización en Psicología Política, Políticas Públicas y Movimientos Sociales que tenía el título: Bolivianos en São Paulo: Caminos de una investigación Psicopolítica.

Abordamos la cuestión desde la perspectiva de la Psicología Social Comunitaria y Sociología del trabajo, utilizamos la metodología de análisis de la Psicología Social del Trabajo para entender las relaciones sociales e identitarias que los inmigrantes construyen en Brasil, los sentimientos de pertenencia, su apropiación cultural y los caminos para la conquista de una ciudadanía en múltiples sentidos. Eso por medio del análisis de las identificaciones sociales, de los orígenes culturales y psicológicos decurrentes de las socializaciones experimentadas por estos sujetos en Bolivia y en Brasil, es decir, de aquello que fue establecido a priori, así como lo que viene de sus vivencias como inmigrantes y en el trabajo, la apropiación cultural, el sentimiento de pertenencia e identidad, así como los aspectos de la conservación y la reproducción de la cultura boliviana en Brasil.

Por lo tanto, el estudio de este fenómeno social parte de las experiencias psicosociales de estos sujetos en su relación con el medio social, con el grupo de inmigrantes y en el trabajo de costura, de las memorias e identidades sociales, percibiendo las posibilidades de rupturas y apuntando caminos posibles para los cambios en las estructuras sociales, por la creación y la multiplicación de los instrumentos psicosociales, como: la multiplicación de espacios de re-significación y apropiación cultural como herramienta de identificación y fortalecimiento comunitario; la conquista de una ciudadanía producto de la organización y fomento a la participación colectiva y comunitaria en la apropiación y construcción de las luchas por derechos sociales, civiles y políticos; la búsqueda de ascenso social y económico en el interior del sector textil como una vía de escape de la precariedad o asta mismo la ruptura de este inmigrante en sus relaciones de trabajo con el ciclo precario de la costura en la diversificación y en el cambio de ramo en sus actividades de trabajo.

En resumen, una análisis interdisciplinar (psicosocial y sociológica) de memorias e historias de experiencias emblemáticas, que caracterizan a este grupo de inmigrantes como un fenómeno social en constante transformación.

Palabras clave: inmigración boliviana, Explotación laboral, Memoria, Identidad.

ABSTRACT

In speaking of Bolivian immigration in São Paulo, we refer to the community inserted in precarious cycle of the production mode of informal textile products sector. We aim to contribute with theoretical perception of this social phenomenon having as empirical source of this knowledge the multiple trajectories private and discontinuous experienced by these immigrants.

In this paper we continue a study conducted over the years 2010-2011 in the Arts, Sciences and Humanities School, São Paulo University: Specialization in Political Psychology, Public Policy and Social Movements which was entitled: “Bolivians in São Paulo city: Paths of a Psychopolitical investigation”.

Approaching the issue from the perspective of Community Social Psychology and Sociology of Work, we use the analysis methodology of social psychology of the work to understand the social and identity relations immigrants build in Brazil, feelings of belonging, their cultural appropriation and paths to achieve citizenship in multiple ways. It through analysis of social identifications, cultural and psychological result from socialization experienced by these subjects in Bolivia and Brazil, that is, to what was first established as well as what comes from their livings as immigrants and labor, cultural appropriation, feeling of belonging and identity, and aspects of maintenance and reproduction of Bolivian culture in Brazil.

Thus, study of this social phenomenon part of the experiences psychosocial of these individuals in their relationship with the social environment, with immigrant group and sewing work, memories and social identities, realizing rupture possibilities and pointing possible ways to changes in social structures through the creation and multiplication of psychosocial instruments such as multiplication of resignification spaces and cultural appropriation as a tool for identifying and strengthening community, citizenship achievement product of organization and encouragement to collective and community participation both in appropriation and in building struggles for social, civil and political rights, search for social and economic ascension within textile sector as a means of poor escape or even rupture of this immigrant in working relationships with the sewing poor cycle on diversification and branch change in work activities.

In short, an interdisciplinary analysis (psychosocial and sociological) the memories and stories of iconic experiences that characterize this immigrant group as a social phenomenon in constant transformation.

Keywords: Bolivian immigration, labor exploitation, Memory, Identity.

SUMÁRIO

1.CONTEXTO E DEBATES CONTEMPORÂNEOS SOBRE A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO	12
2.IMIGRAÇÃO, TRABALHO, IDEOLOGIA, IDENTIDADE SOCIAL: CONCEITOS BASE DE NOSSA INVESTIGAÇÃO	21
2.1. A imigração e o permanente provisório.....	27
2.2. O trabalho e ideologia: conceitos indissociáveis	30
2.3. A identidade social e o autoconceito de imigrante	33
3.FLUXOS IMIGRATÓRIOS E A INSERÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO: O PROCESSO GRUPAL E IDENTITARIO	36
4.METODOLOGIA E ENCAMINHAMENTOS DA PESQUISA	49
5.DIÁLOGOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE BOLIVIANO	57
5.1. Alguns relatos introdutórios de vivência em campo	56
5.2. Identificação.....	60
5.2.1. A construção das origens culturais, sociais e psicológicas	62
5.2.2. A constituição do sujeito, das sociabilidades e vivências como imigrante..	65
5.3. Identidade, Socialização e Apropriação Cultural.....	67
5.3.1. O sentimento de pertença, identidade cultural e o entendimento abstrato/prático sobre cultura	67
5.3.2. Os aspectos de manutenção e reprodução da cultura boliviana e a socialização dos nascidos e ou crescidos no Brasil.....	73
5.3.3. O idioma como importante elemento de cultura, identidade e memória.....	78
5.3.4. O estabelecimento das relações, identificações psicossociais e as apropriações culturais deste imigrante	83
5.4. Cidadania e Identidade Política	85
5.4.1. Algumas impressões do imigrante boliviano sobre sua vivência na cidade de São Paulo	86
5.4.2. O entendimento conceitual/filosófico e o entendimento normativo de cidadania	88
5.4.3. Identidade Política, análise social do grupo e noção de direitos	91
5.4.4. Análise comparativa e justificação da imigração.....	94
5.5. Trabalho	97
5.5.1.Transformações nas vivências do trabalho.	98
5.5.2.Aspirações e o sonho de superação o do trabalhador imigrante	101
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
7.BIBLIOGRAFIA.....	112

1. CONTEXTO E DEBATES CONTEMPORÂNEOS SOBRE A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO

A nossa pesquisa sobre a imigração boliviana em São Paulo se inicia em meados de 2010 quando percebemos este fenômeno social em crescente efervescência, principalmente na zona leste da capital paulista. Assim, voltamos nosso olhar para este objeto de pesquisa quando tivemos a oportunidade de desenvolver um estudo monográfico¹, que tratou de construir as nossas primeiras impressões a partir da observação empírica e do levantamento bibliográfico do que já havia sido estudado com relação ao assunto.

Percebemos que a imigração boliviana em direção a cidade de São Paulo é um movimento recente, mas não novo em sua funcionalidade produtiva enquanto força de trabalho imigrante. Isso porque estes trabalhadores, ao virem para esta cidade, tomam parte em um movimento migratório e produtivo anterior a eles. Podemos dizer que esta característica é recorrente em processos migratórios, pois quando os imigrantes passam a fazer parte do processo produtivo (SAYAD, 1998), a tendência é que este setor da produção e atividade econômica fique atrelado à determinada função social da imigração dentro do processo produtivo local.

No Caso dos Bolivianos na cidade de São Paulo, encontramos características comuns a este processo. Esta imigração remonta o início da década de 1980, onde estes imigrantes começam a fazer parte do crescente setor têxtil paulistano, arregimentados por quem, até os nossos dias, detêm majoritariamente o controle do processo produtivo têxtil no atacado: os coreanos em São Paulo.

¹ Este trabalho monográfico foi desenvolvido na especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais pela Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, intitulado **Bolivianos na cidade de São Paulo: Caminhos de uma investigação Psicopolítica.**

Dados da Associação Brasileira dos Coreanos indicam que 50% deles são atacadistas de roupas, 15% são varejistas, 20% proprietários de confecção, 5% vendedores e apenas 1% são profissionais liberais.

Existem, hoje, na cidade de São Paulo, cerca de 2.500 estabelecimentos comerciais coreanos, dos quais 90% são de confecções, que vendem uma média de 7 milhões de peças de roupas por mês. (GALETTI, R. 1995)

Em nossas investigações, observamos que a imigração boliviana está visceralmente atrelada ao processo produtivo das confecções têxteis em São Paulo, hoje controlado predominantemente pela imigração coreana que, majoritariamente, se dedica ao comércio atacadista e varejista, confeccionando e fornecendo os modelos às oficinas de Bolivianos, recolhendo e comercializando o produto da confecção têxtil, com grandes marcas e magazines da moda ou vendendo em suas próprias lojas, em regiões características da cidade de São Paulo. Assim se caracteriza o ciclo têxtil na cidade de São Paulo (Esquema 1):

Esquema 1. (Baseado na descrição dos imigrantes Bolivianos entrevistados)

Como defendíamos no começo deste texto, a imigração boliviana na cidade de São Paulo cumpre um papel determinado dentro do processo produtivo no setor têxtil, função esta que, historicamente, já vem sendo desenvolvida por imigrantes, na qual a substituição da força de trabalho se dá de imigrante para imigrante, a partir das “franjas” mais precárias do

processo produtivo. Isso porque o imigrante coreano que, inicialmente, ocupava o posto de costureiro e dono de pequenas confecções em bairros paulistanos, como Bom Retiro e Brás, logra “ascender” dentro do processo produtivo têxtil aos ramos dos comércios atacadista e varejista, arregimentando, para ocupar os postos mais baixos da cadeia produtiva, outros imigrantes, no caso, os bolivianos. Vemos que neste processo a força de trabalho imigrante é essencialmente substituída por outra força de trabalho também imigrante. A imigração subsequente não só se insere, mas também toma para si as formas de se cumprir e administrar as funções sociais dentro de determinado setor do processo produtivo local. Evidências dessa perpetuação se dão quando analisamos o ritmo de trabalho de tradição oriental, existente em pequenas confecções bolivianas: jornadas de até 16 horas dia, o tipo de arregimentação e administração “familiar” herdado dos coreanos.

“As oficinas”, que é como se nomeiam as pequenas confecções bolivianas na cidade de São Paulo, se organizam mediante um sujeito boliviano, imigrante mais antigo que, na maioria dos casos, já trabalhou para coreanos em São Paulo e, por meio de influência familiar e regional, em sua cidade na Bolívia. Tal sujeito alista trabalhadores para si ou manda buscá-los através de pessoas responsáveis por atravessá-los na entrada ao Brasil. Aqui, eles se organizam em pequenas oficinas/dormitórios, com no máximo 20 trabalhadores que executam a costura de peças que são entregues e encomendadas por coreanos atacadistas, na maioria dos casos. Estes últimos apenas se encarregam de fazer à logística e a comercialização do produto final. Os trabalhadores imigrantes bolivianos trabalham e dormem em residências que cumprem o papel tanto de local de trabalho quando de moradia.

O cientista social Sidnei Antônio da Silva (2008) nos traz dados como o do *Centro de Estudios para o Desarrollo del Labor Agrario* (CEDLA) da Bolívia que, em 2005, apontava um contingente de 250 mil bolivianos no Brasil. A *Pastoral do Migrante*², em São Paulo, hoje

²A Pastoral do Migrante é um serviço eclesial voltado para a acolhida, orientação e inserção sócio-religiosa dos migrantes sob a animação das Congregações dos Missionários e Missionárias Escalabrinianos, que atuam no Brasil em estreito vínculo com o Setor de Mobilidade

aponta o número de 80 mil bolivianos somente na cidade de São Paulo. Mesmo não tendo vocação quantitativa, nosso trabalho parte destes dados para contextualizar a presença dos bolivianos em São Paulo e, para traçar um estudo qualitativo e de caso, procurando perceber características internas à constituição deste fenômeno social.

Nosso interesse em investigar o tema se iniciou a partir de questionamentos como: quais são as motivações psicossociais que movem o imigrante em direção a São Paulo? Quais as condições de sua permanência ou regresso? Quais os mecanismos de sujeição e alienação do trabalho? Como se configurava a rede de relações que envolvem o imigrante? Onde estas populações se encontravam inseridas no interior do ciclo das confecções têxteis, em São Paulo? E quais as situações-chaves e os fatores de tomada de decisão em favor da ruptura ou reprodução do mesmo? Por fim, interessava-nos compreender o quê o imigrante entende por cidadania, em que sentido desejaria construí-la?

Propusemo-nos a estudar, já na pesquisa anterior, as condições psicossociais de vida do imigrante no ciclo da costura em São Paulo e de que forma a comunidade boliviana estava inserida neste ciclo; refletir a respeito da condição humana, melhoria da qualidade de vida e da consolidação da cidadania; analisar os fatores que levavam os imigrantes bolivianos a se submeterem ao ciclo perverso de exploração do trabalho, procurando compreender a reprodução deste ciclo de geração a geração.

Alguns dos objetivos, inicialmente traçados para o desenvolvimento da referida pesquisa, tais como: pesquisar as formas de fortalecer e desenvolver as relações sociais em favor da geração de redes comunitárias; pensar práticas de fortalecimento comunitário, conscientização, cooperativismo, qualificação, etc; pensar, em conjunto com a comunidade, ações estratégicas de investigação e intervenção, possíveis de serem postas em prática, não

foram contemplados, os quais permaneceram como interesse para a continuidade desta investigação.

Dessa maneira, trouxemos para a presente pesquisa, principalmente estes três últimos propósitos como objetivos gerais de nossa pesquisa, já que em nossa pesquisa anterior, o curto tempo e a complexidade de nosso objeto não nos possibilitaram dar prosseguimentos em direção a estes objetivos.

Nós obtivemos algumas considerações, resultantes da pesquisa e construção teórica realizada até este momento, no que tange às motivações psicossociais, condições materiais de vida, mecanismos de sujeição e alienação do trabalho precário, as redes de relações sociais, as formas de inserção, ruptura e reprodução, e, por fim, a ideia de cidadania³ para este imigrante.

Os mecanismos de sujeição⁴ e alienação⁵ do trabalho, em sua maioria, não são evidentes. Num primeiro olhar, estes se baseiam em todo tipo de dependência econômica, social e psicológica. O principal vetor, composto por estes elementos simultaneamente imbricados, é o que podemos chamar de rede subalterna de relações sociais e as identidades sociais que dela derivam. Limitar os espaços de convivência é também limitar as possibilidades de interação e identificação para além daquele meio. Percebemos que a vida em sociedade fica restrita ao trabalho e ao meio em que ele se reproduz, as identidades remanescentes das construções em relações psicossociais em experiências anteriores a esta, se rearranjam para adaptar-se a este meio. Isto é, a identidade que compõem o ser boliviano, de determinada localidade, região, povoado, oriundo de certa cultura originária, se mistura à condição de imigrante, trabalhador de oficinas de costura em São Paulo, às suas implicações e às particularidades que cada local de trabalho lhe impõem. Que se entenda o trabalho e as

³Falamos em uma cidadania concedida ao imigrante por meio de acordos bilaterais, desenvolvimento e apoio social por meio de projetos de iniciativa pública e privada, que busquem a conquista e a garantia de direitos comuns à pessoa humana.

⁴A sujeição significa que o sujeito sujeitado sempre julga que trabalha para seus próprios fins, desconhecendo que, na realidade, trabalha para o fim daquele que o sujeita. Assim, o carneiro chefe do rebanho, julga que continua a comandar seu rebanho, quando, na realidade, obedece ao pastor e, finalmente, à *lógica do matadouro* (MORIN, 1999, p. 109)

⁵El trabajo concreto, no alienado, que es una expresión creadora de la personalidad de un individuo, no puede realizarse dentro del proceso de producción de la sociedad capitalista. El trabajo que produce mercancías, o sea cosas para la venta en el mercado, no es un trabajo concreto, sino abstracto (PERLMAN, 1982, p. 25)

relações sociais que este produz como pilar central nessa categoria - isso quer dizer que, quando um imigrante é trazido para trabalhar em uma oficina de costura, o principal cerceamento é o que incide sobre a possibilidade de construção de uma rede de relações sociais e uma identidade para além da oficina de costura. Quando estes indivíduos conseguem vivenciar novas experiências, para além dos portões da oficina em que trabalham, estes logram romper com as primeiras amarras que o prendem a tal condição. Porém, isso não é o bastante, pois pudemos observar que, ao conquistar certa autonomia, o imigrante ainda se movimenta entre oficinas. Isso devido às barreiras impostas pelo idioma, fenótipo, cultura, qualificação e socialização, que ainda o prendem a um ciclo que se reproduz essencialmente sob a dinâmica da exploração precária e exaustiva do trabalho. Tal dinâmica é que move, majoritariamente, a imigração boliviana para e na cidade de São Paulo para o trabalho precário em oficinas de costura, configurando as relações que se estabelecem a partir dele. Devemos ressaltar também que, essa rede de relações sociais contém domínios ideológicos próprios, isso quer dizer que, mesmo reproduzindo em escala micro, certa ideologia capitalista empreendedora aplicada aos setores terceirizados da produção, ele o faz sob signos próprios, ampliados em perversidade e exploração. Existe uma diferenciação clara entre costureiro aprendiz e costureiro de máquinas, que exigem menos habilidade, e costureiro de máquinas e tecidos mais complexos. Como aspiração final, ser um dono de uma oficina traz em si, não só a possibilidade de alcançar ganhos maiores, mas também, o status de um “Don”, personagem responsável por sua própria equipe e comprometido com as famílias que enviaram os seus para trabalhar com ele. Porém, ser um “Don” não o diferencia dos demais imigrantes quando ele se encontra fora desta rede, isso quer dizer que, estes signos são reconhecidos mais internamente do que pela sociedade como um todo.

Entendemos que quando falamos em redes de relações sociais, a codificação dos signos é sempre restrita a determinado âmbito e tem alcance e reconhecimento limitado a este,

mas ressaltamos que, neste caso, é necessário romper com certa visão que naturaliza determinadas relações ao abordá-las pelo aspecto das redes sociais. Isto porque, é necessário evidenciar as contradições existentes no interior do ciclo que constitui esta rede, para buscar entender as dinâmicas deste fenômeno social. As condições de permanência ou regresso estão intimamente ligadas a estes laços, isso porque eles estabelecem os parâmetros, os fins e os sentidos dessa imigração.

Vale ressaltar que o ciclo das confecções têxteis, em São Paulo, não se limita às relações de uma determinada população imigrante. O papel subalterno que estes imigrantes cumprem na execução da produção têxtil, ocupando os setores mais terceirizados do sistema, os coloca em posição subalterna na rede de relações estabelecida com os imigrantes coreanos. Isso porque, estes últimos são os responsáveis por contratar, demandar e comercializar o trabalho das oficinas bolivianas. Essa dependência é um exemplo claro da força das redes sociais pré-estabelecidas, haja vista que os coreanos mantêm o domínio majoritário dos contratos e contatos com o atacado e o varejo têxtil. Uma das rupturas realizada por alguns imigrantes bolivianos é conseguir trabalhar para brasileiros em regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Porém, em nossa pesquisa se manteve evidente que, mesmo quando isso ocorre, permanece a manifestação do desejo de ser “dono de oficina” no modelo de oficina característico da imigração boliviana.

No sentido mais básico do termo, a cidadania, para este imigrante, parece estar atrelada à obtenção de documentação pessoal. Devemos entender que este processo diz respeito à possibilidade de trânsito, do libertar-se, do ir e vir. Assim, este não é um elemento trivial, pois quando se estabelece a possibilidade de trânsito, a construção de relações sociais para além da oficina de costura é maior. O que um dono de oficina quer impedir ao trancar as portas, intimidar e não permitir a saída de trabalhadores é, essencialmente, o trânsito de funcionários e a disputa por essa força de trabalho em um mercado aberto. No fim, a

cidadania é muito mais entendida para estes imigrantes como liberdade de trânsito, de não ter que se esconder, do poder de mudar de oficina livremente, do que como direito à participação, fortalecimento coletivo e organização comunitária em torno dos direitos.

A condição humana é elementar e, para estes indivíduos, anterior a qualquer construção comunitária, o desejo de união frente a outros imigrantes como os coreanos ou até frente à própria sociedade como um todo existe, mas em nossas entrevistas percebemos que a preocupação com a falta de direitos humanos básicos é o aspecto mais importante neste caso. Sabemos que a construção coletiva é um caminho possível, quase que necessário para a conquista destes direitos fundamentais, mas entendemos que, sem garantias mínimas de humanidade, a construção de uma coletividade é mais lenta.

Dando continuidade ao estudo dos imigrantes bolivianos em São Paulo, a presente pesquisa parte destas primeiras análises, tendo em vista ampliar este debate, teórica e empiricamente, além de apontar caminhos sobre aqueles aspectos que ainda não logramos responder como, de que maneira pode ocorrer a mudança e o fortalecimento dessa comunidade a partir do estudo das relações que estes imigrantes constroem no Brasil.

Além de construir de maneira mais densa e refinada a análise da imigração boliviana em São Paulo, no sentido teórico e qualitativo, continuamos refletindo a respeito deste intento de responder aos questionamentos e pensar estratégias que nos foram adiadas pelo advento da complexificação da pesquisa durante o seu percurso. Nesse sentido, temos como objetivos específicos desta pesquisa;

- I. Em um primeiro momento, aprofundar a análise sobre a construção e a legitimação do processo psicossocial e histórico desse grupo, considerando como centrais as condições identitárias e ideológicas dos bolivianos em São Paulo;

- II. Intensificar o diálogo com os envolvidos na pesquisa, a fim de apontar caminhos em favor de alguma mudança que contribua para o fortalecimento dessa comunidade.

O nosso problema se reconstitui de saldos de uma pesquisa introdutória e novos questionamentos que surgiram durante o percurso decorrente do aprofundamento deste tema. Assim, procuramos perceber e analisar, de maneira mais aprofundada, este fenômeno da imigração boliviana, a partir da contribuição de alguns autores que tomamos por referencial teórico tais como: Sayad (1998) e Silva (2008), para falar de imigração e imigração boliviana, Mézáros (2009), Antunes(2008) e Braga (2004), para tratar do trabalho e das transformações no mundo do trabalho, Tajfel (1984) e Ansara (2008), para refletir a respeito de processos grupais e identidades sociais, dentre outros autores que contribuíram para a compreensão e análise de nosso objeto.

Procuramos contribuir para um entendimento teórico do que podemos chamar de uma cidadania para este imigrante, a partir do estudo dos laços construídos pelas identidades sociais, de bases material e ideológica, advindas da atividade econômica e da condição grupal e psicossocial que caracteriza esta imigração. Isto é, em nossos capítulos analíticos, os diálogos com os sujeitos de nossa pesquisa revelam importantes processos de identificação destes trabalhadores imigrantes bolivianos no Brasil, a constituição de uma identidade que mescla a herança cultural e socializadora ocorrida na Bolívia, caracterizada pelo sentimento de pertença e de origem, com novos elementos culturais pertencentes aos seus contextos de imigração no Brasil, com os quais, estes sujeitos e as novas gerações deles advindas passam a se identificar cada vez mais.

Procuramos traçar, a partir do estudo das identidades construídas nas relações psicossociais no trabalho, estratégias que logrem fortalecer e desenvolver as relações sociais em favor da geração de redes comunitárias que provoquem rupturas com este ciclo precário

de exploração da força de trabalho imigrante. Assim, temos neste estudo, um entendimento crítico deste fenômeno social da imigração visando pensar estratégias de fortalecimento comunitário e gerando apontamentos que contribuam para estas rupturas.

2. IMIGRAÇÃO, TRABALHO, IDEOLOGIA, IDENTIDADE SOCIAL: CONCEITOS BASE DE NOSSA INVESTIGAÇÃO.

Consideramos importante, tratar de alguns conceitos que para nós, fundam e orientam teoricamente a nossa investigação. Citamos aqui, autores que consideramos basilares para o desenvolvimento de nosso aprofundamento teórico.

Para tanto, estabelecemos um tripé conceitual, que busca articular Imigração e cidadania – Trabalho e Ideologia – Identidade Social, no intento de compreender a imigração boliviana em São Paulo com mais de um olhar, a partir da interdisciplinaridade, considerando a arena múltipla das Ciências Sociais que estuda as populações imigrantes: a Sociologia do Trabalho e a Psicologia Social.

Não é o nosso desejo manter separadas as análises de cada conceito na área que consideramos de sua origem, firmamos aqui os nossos pontos de partida para então, traçar relações entre esses saberes. Tampouco, iremos nos limitar aos autores que serão citados neste capítulo, isso porque a leitura destes autores é frutífera em nos apresentar suas bases e pares teóricos, sobre os quais também iremos nos apoiar.

Entendemos a imigração como sendo um fenômeno social inerente ao desenvolvimento da humanidade, que se encontra na constituição do ser social sendo um fenômeno anterior à formação do “estado territorial moderno” (KRITSCH, 2002). Porém, pensamos que a formação dos modernos estados nacionais, na concepção política, territorial e jurídica do termo, é o ponto chave do nosso entendimento conceitual de imigração, não por atribuir a esta, a gênese

de tal fenômeno social, no que diz respeito aos movimentos populacionais, mas por entender que, se faz necessário estabelecer um ponto de partida, a fim de não incorrer em anacronismos ao lançar as nossas bases teóricas no entendimento do referido conceito.

Ao tratar da imigração, consideramos que este conceito está umbilicalmente ligado a noção de cidadania e de direitos fundamentais do homem. Não estamos tratando ainda da noção de “cidadania para o imigrante”, da qual falaremos mais adiante, mas da noção clássica de cidadania, aquela que tem historicamente seus primeiros registros em religiões e civilizações antigas.

No que se refere às raízes históricas, há certa coincidência, certo consenso, quanto ao fato de que o conceito tem suas raízes mais remotas nas antigas religiões, na civilização grega, no Império Romano. Etimologicamente, a palavra cidadania vem do latim *civitas*, mas as ideias que levam à noção de cidadania surgem muito antes disso. Com os gregos, já são incorporados os ideais que remetem à noção de liberdade, de valores republicanos, constituindo o germe do conceito de cidadania. E mesmo antes dos gregos as referências abstratas à noção de igualdade na doutrina das religiões antigas já introduzem alguma noção de igualdade. A noção de que os seres humanos são idênticos perante Deus, perante alguma divindade, constitui uma inovação nesse sentido. De qualquer forma, pode-se dizer que, no contexto da polis grega, as noções de liberdade e igualdade adquirem, diferentemente das religiões antigas, um conteúdo político. Muitos interpretaram essa politização de liberdade e igualdade como tendo origem na cidade fortificada. Se a polis era uma cidade fortificada para fazer frente ao inimigo, isso também implicava que as pessoas que confrontavam um inimigo comum mantinham alguma solidariedade entre si e constituíam um corpo político. (REIS, 1997, p.12)

Ponderamos que a reflexão sobre as raízes do entendimento histórico-clássico de cidadania - que eclodiram a partir das revoluções modernas – constitui uma condição a priori para que possamos compreender que, as ideias de liberdade e igualdade, como valores e/ou normas, carregam em si o núcleo elementar do desenvolvimento histórico ocidental da noção de cidadania. O conceito moderno de cidadania é aquele que se baseia política, territorial e juridicamente a partir da constituição dos modernos estados nacionais.

A emergência dos Estados Modernos eliminaria boa parte das normas e valores feudais. Mesmo assim, em nossas modernas instituições políticas sobreviveria ao menos um elemento que remontava diretamente a essas origens feudais: a noção de que a relação entre governantes e cidadãos se baseava no contrato mútuo, o que significava terem os governos direitos e

deveres, e ser legítima a resistência aos governantes ilícitos que quebrassem esse contrato. [...]. Mas até que se chegasse no Estado territorial moderno, algumas transformações políticas fundamentais ainda teriam lugar, a principal delas a disputa pelo poder último de fazer cumprir a justiça, isto é, nos termos medievais, pelo “vicariato de Cristo” na terra. (KRITSCH, 2002, p. 206)

Mesmo existindo, já no interior das relações feudais, a noção contratual de bem comum – outro conceito basilar da moderna ideia de cidadania – é o conceito de soberania. Entendemos que, assim como afirma Kraitsch (2002), ao tratar conceitualmente de soberania, a legitimidade de exercer a justiça em determinado estado territorial e político, tal como se estabeleceu nos modernos estados nacionais, somente ocorre plenamente a partir da fundamentação laica do foro jurídico, baseado no bem comum e no exercício do poder dos homens sobre os homens.

Por cidadania moderna entendemos então, aquela ideia de liberdade e igualdade, que se fundamenta de valores a normas, baseada na constituição política, territorial e jurídica do bem comum e no exercício legítimo do poder dos homens sobre os homens, a favor da paz entre os seus integrantes e da proteção mutua, coletiva e soberana contra a violência dos agentes externos. Deste último aspecto se faz necessário afirmar que:

É possível assegurar com alguma convicção, portanto, que as questões vinculadas à noção de soberania eram simultaneamente políticas e jurídicas. Eram políticas porque envolviam a construção de um sistema de poder, fosse ele hierocrático ou estatal. A imagem do *rex in regno suo imperator est* – que viria a ser muito em breve reivindicada pelos governantes dos Estados territoriais emergentes – evocava, ao mesmo tempo, a concentração do comando territorial (relações internas) e a pretensão de independência em face de potências externas, fossem elas os não-cristãos ou os territórios vizinhos. E jurídicas porque todas as pretensões eram apresentadas como legais. (KRITSCH, 2002, p. 225)

A imigração sempre esteve ligada, positiva ou negativamente, à noção política e jurídica de soberania, isso porque esta última definição também pautaria a forma com que este “não-cidadão” seria tratado, aceito como convivente entre os cidadãos legítimos ou como transeunte naquele território, feito escravo-servo ou considerado de antemão como um inimigo apenas pela sua naturalidade.

Desta relação entre soberania e cidadania, consideramos como afirma Kritsch (2002), que a construção da noção de soberania se tratava principalmente de reforçar a ideia de independência, frente aos agentes externos. Porém, esta noção não é apenas política, jurídica e territorial, mas assim como a cidadania, ela também é identitária, isso porque a noção de bem comum, liberdade, igualdade e solidariedade desenvolve entre os cidadãos, uma forte identificação psicossocial.

Os elementos clássicos que formaram o Estado-Nação foram o território, o povo e a soberania. No entanto, é a soberania que constitui o elemento determinante entre os três, pois começando pela mesma se decide em última instância a ocupação do território e se afirma a identidade de um povo como nação soberana. (BAVARESCO, 2001, p.78)

Isto quer dizer que, a soberania e a identidade psicossocial seriam o “cartão de visitas” daquele território que, a partir de então, usaria esta identificação como critério de diferenciação e estranhamento frente aos de fora.

Neste aspecto, ainda nos falta refletir a respeito do reconhecimento do “agente externo” enquanto cidadão de determinado estado nacional – como no caso dos imigrantes – isso porque, esta decorre do processo de reconhecimento da soberania entre estados nacionais⁶. A partir do momento, que um ou mais estados nacionais reconhecem a independência e a soberania de determinado estado nacional como legítima, se reconhece também a cidadania de seus integrantes. Isto é parte do reconhecimento mútuo da legitimidade de existência entre estados nacionais, não ligadas estritamente aos indivíduos, mas estabelecida no âmbito das relações internacionais interestados.

No fim, o que nos interessa aqui é compreender, no que diz respeito a este breve desenvolvimento conceitual, em que medida o reconhecimento dos termos que consideramos

⁶O Estado só pode ser reconhecido pelo outro, na medida em que ele é capaz de se constituir internamente enquanto Estado. Não há reconhecimento sem essa prévia determinação da soberania interna com um conteúdo constitucional. Caso contrário, há uma diluição e perda da soberania nacional. Hegel entende que o processo do reconhecimento entre os Estados é sempre conflituoso, porque não existe uma organização ou autoridade acima deles para resolver os problemas que se originam entre as diferentes vontades soberanas estatais. A solução está nos acordos, porém, estes permanecem sempre contingentes. Daí, que a solução bélica passa a ser saída para reger os conflitos e, ao mesmo tempo, afirmar o reconhecimento dos Estados. Kant tem, porém, uma outra proposta para garantir a paz entre os Estados: organizar uma Federação de Estados como garantidora da paz interestatal. Hegel, no entanto, é céptico quanto à solução kantiana. (BAVARESCO, 2001, p.104-105)

constituintes à cidadania como liberdade e igualdade – neste caso, do imigrante boliviano – pode extrapolar o âmbito normativo interestados. Isso porque, de fato entendemos que a imigração deve ser olhada, não apenas sob o prisma da cidadania formal, mas também por meio daquela de raiz filosófica espiritual que a constitui⁷, remetendo à noção de garantias fundamentais do homem e do cidadão, como fator indissociável, precedente e constituinte dos direitos do cidadão, tendo a liberdade e a igualdade como inatas ao homem dotado de dignidade e direitos⁸, de caráter universal e pertencente à natureza do ser.

Nesse sentido, a imigração, em nosso caso na América Latina, deve ser pensada a partir da interconexão territorial existente entre os modernos estados nacionais (ELIAS, 2006), com certa interdependência social, política, econômica entre os povos, que extrapola o âmbito normativo estatal. Aquela noção que compreende e garante a dignidade e os direitos do cidadão para além das fronteiras territoriais, pertencente ao debate e aos tratados internacionais sobre os direitos humanos, a ratificação pelos países desses tratados internacionais e o seu cumprimento. Consideramos, também que, o fortalecimento de organizações supranacionais como a Organização de Estados Americanos (OEA), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o reconhecimento vinculante de cortes internacionais, como a Corte Interamericana de Direitos Humanos e o Tribunal Penal Internacional (TPI), contribui em muito, na criação, no avanço e no cumprimento de acordos regionais, multilaterais e bilaterais.

Exemplos de avanços nesse sentido são: O Acordo BRASIL/BOLÍVIA sobre Regularização Migratória, que principalmente reconhece:

Os imigrantes regularizados na forma deste Acordo gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos às mesmas obrigações de natureza laboral em vigor para os trabalhadores nacionais do Estado receptor e da mesma proteção no que se refere à aplicação das leis relativas à higiene e à segurança do

⁷Artigo 1º- “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum.” (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO. Assembleia Nacional Constituinte, França. 1789).

⁸Artigo 1º- “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948).

trabalho. (La Paz, 15 de agosto de 2005. Nº. 88/2005. DOU nº. 179, de 16/09/2005, Seção 1 página 67.).

O Acordo Multilateral de Seguridade Social do MERCOSUL - Decreto nº 5.722, de 13 de Março de 2006, que reconhece a circulação de pessoas e trabalhadores entre os países membro como produto da integração econômica. O acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL, Bolívia e Chile – Decreto nº 6.975, de 07 de outubro de 2009 que reconhece principalmente em seu Artigo 9º o “DIREITO DOS IMIGRANTES E DOS MEMBROS DE SUAS FAMÍLIAS”:

1. IGUALDADE DE DIREITOS CIVIS: Os nacionais das Partes e suas famílias, que houverem obtido residência, nos termos do presente Acordo, gozarão dos mesmos direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicas dos nacionais do país de recepção, em particular o direito a trabalhar e exercer toda atividade lícita, nas condições que dispõem as leis; peticionar às autoridades; entrar, permanecer, transitar e sair do território das Partes; associar-se para fins lícitos e professar livremente seu culto, conforme as leis que regulamentam seu exercício.
2. REUNIÃO FAMILIAR: Aos membros da família que não tenham a nacionalidade de um dos Estados Partes, será concedida uma autorização de residência de idêntica vigência a da pessoa da qual dependam, sempre e quando apresentem a documentação que estabelece o artigo 3º e não possuam impedimentos. Se, por sua nacionalidade, os membros da família necessitarem de vistos para ingressar no país, deverão tramitar a residência ante a autoridade consular, salvo quando, nos termos das normas internas do país de recepção, este último requisito não seja necessário.
3. IGUALDADE DE TRATAMENTO COM OS NACIONAIS: Os imigrantes gozarão, no território das Partes, de tratamento não menos favorável do que recebem os nacionais do país de recepção, no que concerne à aplicação da legislação trabalhista, especialmente em matéria de remuneração, condições de trabalho e seguro social.
4. COMPROMISSO EM MATÉRIA PREVIDENCIÁRIA: As partes analisarão a exequibilidade de firmar acordos de reciprocidade em matéria previdenciária.
5. DIREITO DE TRANSFERIR RECURSOS: Os imigrantes das Partes terão direito a transferir livremente, ao seu país de origem, sua renda e suas economias pessoais, em particular os valores necessários ao sustento de seus familiares, em conformidade com as normativas e legislação interna de cada uma das Partes.
6. DIREITO DOS FILHOS DOS IMIGRANTES: Os filhos dos imigrantes, que houverem nascido no território de uma das Partes, terão direito a ter um nome, ao registro de seu nascimento e a ter uma nacionalidade, em conformidade com as respectivas legislações internas. Os filhos dos imigrantes gozarão, no território das Partes, do direito fundamental de acesso à educação em condições de igualdade com os nacionais do país de recepção. O acesso às instituições de ensino pré-escolar ou às escolas públicas não poderá ser negado ou limitar-se a circunstancial situação irregular de permanência dos pais.

A Convenção nº 97 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) – Trabalhadores Migrantes - Decreto nº 58.819, de 14 de julho de 1966 que compromete os membros que ratificaram a Convenção, a aplicar, “sem discriminação de nacionalidade, raça, religião ou sexo, aos imigrantes legalmente no seu território um tratamento não menos favorável do que o outorgado a seus próprios nacionais”.

Para além das garantias a imigrantes regularizados, temos avanços no campo das leis de anistia como a Lei nº 11.961, de 02 de julho de 2009, que reconheceu o estrangeiro em situação irregular no território nacional e possibilitou que este pudesse, sem prejuízo legal, requerer a sua residência provisória, estando a partir de então coberto pelas demais garantias legais citadas anteriormente.

2.1. A imigração e o permanente provisório.

As imigrações constituem a interação do homem com outros homens, para além de seu grupo, localidade política, territorial e jurídica originária. Como afirma Sayad (1998), o imigrante é aquele indivíduo disposto a deixar um Estado definido em sua constituição política e territorial, em direção a um país de outra ordem social e ali se estabelece provisoriamente, na maioria das vezes pelo trabalho.

Quem migra leva consigo sonhos de uma vida melhor para si e suas famílias, de obter sucesso econômico rápido e de regressar vitorioso, o quanto antes, à sua terra natal, pois o retorno é, segundo Sayad (2000), um elemento constitutivo da condição do imigrante. (SILVA, 2006. p.157)

Ao mesmo tempo em que, em seu país de origem, ele é o ser ausente que se encontra no estrangeiro estabelecido provisoriamente e se aguarda seu retorno, no país receptor é também o ser social “estranho”, diferente, peculiar e que se encontra enxertado na ordem social de maneira consentida ou não, causando por vezes um desconforto e até repúdio por parte desta ordem social.

Ele estabelece também uma ordem social e territorial específica (CYMBALISTA e XAVIER, 1997), determinada tanto pela ocupação material de espaços e função social na produção nacional, na maioria das vezes marginais, historicamente ligados à imigração naquele território, quanto à ocupação imaterial, no que diz respeito ao cultural, linguístico, identitário, ideológico, etc. Como afirma Araújo (2000), no caso da imigração italiana na cidade de São Paulo, o imigrante inicialmente ocupa uma posição marginal no contexto social, a partir do trabalho, ali estabelece uma relação ambígua, de luta por aceitação e inserção ao mesmo tempo em que busca reafirmar e ou resgatar sua identidade originária e a identidade de seu grupo.

A presença do imigrante conserva certa regularidade no desenvolvimento econômico, social, político e cultural dos modernos estados nacionais, ela faz parte de sua constituição. Mesmo quando determinado movimento migratório arrefece o seu fluxo e sua integração no contexto interno, se mescla e se dilui de tal forma que se torna parte integrante e indissociável no contexto interno, o lugar que cabe socialmente ao imigrante não deixa de existir. Por isso, estudar as imigrações com o intuito de apontar caminhos para o reconhecimento de garantias de direitos humanos e do cidadão, não é tratar exclusivamente deste ou daquele imigrante ou movimento migratório, se trata de enxergar em cada um, uma função social que, em determinado tempo é cumprido por certos indivíduos de origem característica e que assim como à função social, herdarão os avanços ou retrocessos executados em tal ordem societária. A exploração de sua força de trabalho ocorrerá tanto, conforme as características existentes no âmbito da cadeia produtiva, onde exercerá sua condição de trabalhador imigrante, quanto da sua capacidade de apropriação de tais tarefas.

Sabemos que o processo geracional e a vivência social, política e cultural desse grupo irá se encarregar de integrar estes indivíduos à sociedade, como tem se encarregado historicamente de fazê-lo. Porém, o problema persistirá no ponto em que logo virão outros

imigrantes para tomar lugar, ao seu modo, nessa função, a cada tempo determinada pelas necessidades do contexto social e econômico.

Nem completamente igual, tampouco completamente diferente, o imigrante é um ser social permanentemente provisório, a ruptura deve ocorrer cada vez mais num sentido que inverta essa lógica. A lógica da busca pela exploração da força de trabalho imigrante considerando-a menos qualificada, mais barata, mais submissa, não detentora, conhecedora ou até não apropriada, no que diz respeito a direitos trabalhistas, sociais e políticos.

Os avanços não devem ser vistos, tampouco construídos, como avanços pertencentes a esta ou aquela migração, desta ou daquela etnia, nacionalidade ou cultura, devemos perceber que o lugar do migrante é permanente, independente da imigração que ocupe este posto momentaneamente, as rupturas devem ocorrer no sentido da construção de direitos coletivos pertencentes ao migrante como fenômeno social, detentor de uma natureza e regularidade específica.

Por isso, entendemos que, mesmo com o avanço no campo dos tratados internacionais, e acordos de cooperação, especialmente nos de natureza bilateral, como os citados anteriormente, se faz necessário compreender que nos falta avançar ainda mais, no sentido de alargar os debates sobre acordos regionais, no caso do Brasil, tratados políticos e sociais de migração que acompanhem em agilidade e importância os tratados econômicos de cooperação entre mercados regionais, já no caso da América latina, tratados que reconheçam e assumam o bônus e o ônus social causado pelas influências econômicas regionais. Por exemplo, é necessário que o Brasil assuma de maneira consciente, as responsabilidades e os efeitos colaterais de sua liderança econômica regional e o efeito que isso causa nas economias de países vizinhos, a exemplo de grandes economias mundiais. É ilógica a opção de reproduzir na América Latina o modelo imperialista e protecionista, que tem se mostrado tão prejudicial a países periféricos como o próprio Brasil.

Falar de imigração também é falar de desenvolvimento regional e integrado, tratamos deste momento da América Latina, não só no aspecto econômico, mas também no que diz respeito ao rearranjo social que este provoca nestes países, ao impacto nos mercados de trabalho, na transformação e movimentação das populações enquanto força de trabalho que procura se colocar no mercado, mesmo que para isso tenha que cruzar as fronteiras. Por exemplo, no caso boliviano, a imigração em direção ao Brasil, não é motivada apenas pelas transformações econômicas endógenas àquele país, esta é, em grande parte motivada também, pelo aumento da presença e da influência do Brasil na economia daquele país.

O desenvolvimento econômico regional – no sentido amplo e humano do termo – deve considerar e assumir as migrações como produto de sua existência, só assim poderemos construir caminhos para romper com a lógica perversa da exploração exaustiva da força de trabalho imigrante, ampliando cada vez mais esta noção de desenvolvimento econômico que, considere a força de trabalho migrante como, seu legítimo produto.

2.2. Trabalho e ideologia: conceitos indissociáveis.

Podemos considerar a história das imigrações, a história do desenvolvimento da modernidade, o movimento populacional de grupos em busca de garantir a sua sobrevivência pelo trabalho, oportuno em um país que, conforme sua necessidade interna de força de trabalho, aceita mais ou menos a entrada destes trabalhadores.

Entendemos o conceito tradicional de trabalho, que considera a moderna classe trabalhadora, conforme Braga (2004):

O trabalho é essencialmente trabalho assalariado e como tal, a capacidade humana de realizar um trabalho criativo é frustrada e distorcida inevitavelmente, ainda quando haja divergência de níveis entre setores minoritários das classes trabalhadoras que podem dispor de algum controle do uso de sua força de trabalho e de sua criatividade e aqueles setores majoritários submetidos à atividade mecânica e repetitiva, que são meros apêndices das máquinas como assinalou Marx. (BRAGA, RUY. 2004. p. 53)

Porém, não consideramos a imigração, principalmente a imigração Boliviana em São Paulo, em sua maioria, constituinte desta classe trabalhadora, mesmo que moderna e flexível, mas ainda formal. Ela é parte constituinte de uma reserva extranacional ou mundial de força de trabalho, na maioria dos casos, chamada oportunamente a ocupar as posições subalternas no contexto produtivo nacional, sobretudo, quando no interior destes países, as reservas regionais e extras regionais de força de trabalho, não logram atender ou se mostram menos compensadoras para o desenvolvimento do Capital nacional.

Segundo Marx (1982), o "exército de reserva industrial" é vital para o funcionamento da economia capitalista. Podemos localizar a imigração entre duas de suas principais categorias neste assunto, a “reserva flutuante” e a “reserva intermitente”. A primeira congrega aqueles trabalhadores que ora são atraídos, ora rechaçados pelo setor industrial, mas que permanecem em postos médios e predominantemente regulares. Os imigrantes, que já se encontram integrados no mercado de trabalho formal ou já estiveram nele, fazem parte desta categoria. Porém, consideramos a “reserva intermitente”, a que reúne a maioria dos imigrantes, principalmente em nosso caso, os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Isso porque esta categoria se compõe de trabalhadores chamados a ocupar os postos irregulares na produção social das mercadorias, trabalham sob as condições mais degradantes, mínimos salários, sem alguma seguridade social e se encontram à margem da classe operária, ora permitidos, ora vetados de maneira conveniente ao Capital Industrial. Exemplo disso são os momentos de manifestação, do que Mészáros (2009) afirma ser a “Crise Estrutural do Capital”.

O momento da verdade chega, porém, quando as “desventuras” da explosão social ocorrem ainda mais misteriosamente do que nas “áreas de desenvolvimento recente”, no verdadeiro país da “suprema modernização” e de nível mais alto que o do “alto consumo de massa”, nomeadamente os Estados Unidos. Assim, não é apenas o modelo de crescimento e modernização sem transtorno que se despedaça, mas, ironicamente, é também o *slogan* do “crescimento sustentado sobre uma base política e social que preserva as possibilidades de um progressivo desenvolvimento democrático” que da, ideologicamente um tiro pela culatra, numa época em que se

multiplicam os protestos contra a violação das liberdades básicas e a privação dos direitos políticos de massas. (MÉSZÁROS, I. 2009, p. 50-51.)

A Crise das economias nacionais, como a americana de 2007-2008 e a europeia em 2010, provocou altos índices de desemprego entre imigrantes, suscitou a xenofobia e causou, muitas das vezes, retorno dos imigrantes aos países de origem.

O desenvolvimento avançado do capitalismo global carrega consigo uma crise estrutural que rompe também com a tradicional Ideologia imigrante, ainda citando Silva (2006), de “sonhos de uma vida melhor”, “sucesso econômico rápido”, “regresso vitorioso” e desvela a precariedade do trabalho imigrante.

“O mundo do trabalho viveu, como resultado das transformações e metamorfoses em curso nas últimas décadas, particularmente nos países capitalistas avançados, com repercussões significativas nos países de Terceiro Mundo dotados de uma industrialização intermediária, um processo múltiplo: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho, decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, etc. Verificou-se, portanto, uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho.” (ANTUNES, R. 2008p. 209)

Como cita Antunes (2008), principalmente o trabalho “terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços”, que é o caso dos postos de trabalho ocupados pelos imigrantes bolivianos em São Paulo, é uma das maiores consequências do atual modelo do desenvolvimento capitalista. Já na década de 1980, a Bolívia passa por um processo de crise econômica, com altos índices de inflação, desemprego e profundas reformas sociais, provocando consequências para além de suas fronteiras:

A partir dos anos 1980, a emigração boliviana mudou de patamar, o que se vinculava, mesmo que parcialmente, a razões internas ao país emissor, como a crise do setor de mineração e a reforma agrária (Freire da Silva, 2009; Silva, 1997). Ocorreu, então, certa “banalização” da emigração (Cortes, 2001), que cresceu por volta de 24% no período 1980-1990, ultrapassando os limites dos grupos mais qualificados e atingindo as camadas menos qualificadas e de menor renda. (RIZEK, C. S; Georges, I; Freire da Silva, C. (2010) pp. 114-115)

Podemos dizer que, o contexto de crise nacional boliviana impulsionou as expectativas de emigração, principalmente em direção ao Brasil e a Argentina.

2.3. A identidade social e o autoconceito de imigrante.

É por meio da identidade social que o imigrante dá sentido à construção de sua relação com o grupo social do qual se considera originalmente integrante, bem como com os demais grupos com os quais tem contado, traçando assim aproximações e distanciamentos, identificações e diferenciações sociais e psicológicas com os diversos grupos integrantes do meio social, político e cultural em que se encontra.

Como afirma Tajfel (1984), os indivíduos pertencentes a determinado grupo buscarão pertencimento em novos grupos por aproximação, não só de características de origem psicológica, cultural e geográfica, mas de interesses em comum, de satisfação de suas necessidades em si, que também determinam a construção de novos vínculos identitários.

Consideramos, como Tajfel (1984), que a identidade social é um autoconceito de um indivíduo que deriva do conhecimento e da sua pertença a um grupo ou grupos sociais, isso somado ao significado valorativo e emocional associado a tal pertencimento multigrupal.

Así, los aspectos y consecuencias psicológicas de la pertenencia a un grupo, a no ser en casos excepcionales, son susceptibles de cualquier tipo de definición *sólo* gracias a su inserción en una estructura multigrupal. Por consiguiente, la identidad social de un individuo, concebida como el conocimiento que tiene de pertenecer a ciertos grupos sociales junto con la significación emocional y valorativa que él mismo le da a dicha pertenencia, sólo puede definirse a través de los efectos de las categorizaciones sociales que segmentan el medio ambiente social de un individuo en su propio y en otros grupos. (TAJFEL, 1984, p. 296)

Reafirmamos que, mesmo sendo o indivíduo quem operacionaliza os signos no processo de formação de sua identidade social, não é ele quem cria individualmente estes signos, estes são elementarmente criados em sociedade.

Sem a ação social, seja ela voluntária ou espontânea, o que um indivíduo pode fazer quando não se sente mais identificado com em determinado grupo social é solitariamente abandonar este grupo que não o satisfaz e aderir a outro.

Outra forma de ação individual que Tajfel (1984) apresenta, é quando este indivíduo não consegue abandonar o grupo social no qual se encontra inserido, para sobreviver social e psicologicamente a esta inserção forçada ou involuntária, ele reinterpreta os sentidos de sua vivência ali e ou aceita a desesperança de conseguir sair dele.

Para que determinados signos, comportamentos intergrupais e conjunturas sociais sejam destruídos, transformados ou superados, se faz necessário que os mesmos percam socialmente sua legitimidade:

Así pues, la ilegitimidad percibida de una relación intergrupal es social y psicológicamente la palanca aceptada y aceptable para la acción social y para el cambio social en la conducta intergrupal. (TAJFEL, H. 1984. p. 304)

Consideramos as imigrações e os imigrantes, dentre outros grupos sociais, aqueles que apresentam o tempo todo à sociedade, a necessidade da integração intergrupar e de rearranjo dos signos no contexto social. O imigrante carrega em si essa necessidade, ele traz consigo identidades sociais inéditas pertencentes a outros processos intergrupais, ele esgarça o tempo todo às relações sociais estabelecidas. O incômodo, que traz a presença do imigrante em determinado contexto social, em grande parte se deve a esta característica.

Como afirma Elias (1994), são as inter-relações sociais e intergrupais em diferentes níveis, as responsáveis por gerar as categorizações e segmentações da complexa rede de relações sociais, aquilo que o autor conceitua como “Kultur”⁹, se encarrega de guardar o “caráter” e o “valor” de determinados produtos destas vivências, experienciadas pelos grupos humanos, gerando assim as identidades particulares. São estas as identidades que possibilitam a formação de um auto entendimento ou “auto-imagem” de um grupo ou povo, é por meio

⁹ Para Norbert Elias “[...] o conceito de kultur reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual [...]” (1994, p. 25).

delas que são operacionalizadas as aproximações e os distanciamentos dos signos psico-sócio-culturais.

Consideramos que, tanto a constituição originária do boliviano enquanto povo “kultur”, quanto a sua inserção intergrupar e a vivência por meio da produção social, formam a sua identidade como imigrante. O trabalho a que este está submetido enquanto fazer e viver social – ainda que ele seja precário – constitui, em grande parte, a afirmação da identidade social boliviana em São Paulo, bem como os elementos ideológicos que legitimam este processo.

A partir de Tajfel (1984) e Elias (1994) entendemos os conceitos de cultura e identidade, como sendo processos formados em primeiro lugar pelo o “caráter” e o “valor” produzidos pelas experiências vivenciadas por aquele grupo humano originário, no qual o imigrante se encontra enraizado, assim “a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento” (BOSI, 1987, p. 11). Neste contexto, entendemos o *enraizamento* como sendo o resultado legítimo deste processo de pertencimento identitário e cultural. No mesmo sentido, consideramos que o conceito de “kultur” abrange de maneira ampla e satisfatória o que chamaremos de identidade cultural para este imigrante.

Por outro lado, no caso imigrante, podemos considerar também, parte complementar deste processo, o que Poutignat e Streiff-Fenart (1998) chamam de identidade étnica:

A identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciências de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.40)

Entendemos que são estas inter-relações sociais e intergrupais, vividas pelo imigrante fora de seu contexto original, que impõem a ele a necessidade de apropriação de novos signos diferenciadores para estabelecer fronteiras de sua nova sociabilidade. Mais que isso, se faz necessário uma nova construção do pertencimento a significações culturais, emocionais e valorativas pertencentes ao novo meio. Este “embate” é um processo necessário e inevitável

ao imigrante, isso porque, quanto antes for estabelecido o autoconceito de seus pertencimentos dentro das novas segmentações da complexa rede de relações sociais, mais rapidamente ele estabelecerá novas sociabilidades que garantirá a sua sobrevivência como imigrante.

No fim, o que ocorre ao imigrante neste processo étnico, cultural e identitário é uma dinâmica complexa de pertencimento multigrupal que transita entre a atração e a repulsa. Este é um “embate” que se impõem o tempo todo ao imigrante. Para além da apropriação das diferenças, o imigrante necessita apropriar-se de similaridades para garantir a sua sobrevivência em terreno estrangeiro. No limite, ele precisa também romper com a resistência de um grupo que já tem as suas fronteiras étnicas, identitárias e culturais previamente estabelecidas. Neste sentido, podemos dizer que os signos étnicos parecem ser o núcleo mais duro neste “embate”, aquele permanece como último posto de resistência do autoconceito imigrante e do autoconceito dos indivíduos e grupos do país receptor. Assim, resta ao migrante, à apropriação de signos culturais e identitários para romper as resistências impostas a ele como estrangeiro, a isto chamamos apropriação cultural e identitária.

3. FLUXOS IMIGRATÓRIOS E A INSERÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO: O PROCESSO GRUPAL E IDENTITARIO.

Fluxos imigratórios em direção à cidade de São Paulo fazem parte de sua constituição enquanto cidade desde os tempos coloniais. Os imigrantes vêm cumprindo papéis definidos e ocupando funções sociais específicas na reprodução da vida em sociedade e, a cada tempo, se encarregam de ocupar certos ramos da produção social.

Assim como os italianos, japoneses, coreanos e outros grupos imigrantes, a inserção dos imigrantes bolivianos em São Paulo se dá inicialmente pelo trabalho. As suas identidades

partem de elementos que se compõem na junção entre as condições materiais, ideológicas e culturais no país de origem e as condições materiais, ideológicas e culturais vividas no país de estada.

A identidade e as condições materiais da localidade de origem, do trabalho executado, da função social que este imigrante cumpre, do lugar social que ele ocupa e o lugar que lhe é atribuído socialmente, definem a composição psicossocial do imigrante e de seu grupo. Além disso, sua identidade como imigrante está intimamente ligada à imagem social atribuída a ele e sua inserção social e de seu grupo passa também pelo reconhecimento destes como indivíduos e cidadãos na sociedade receptora (ARAUJO, 2000). Esta trama se baseia essencialmente no que Sayad (1998) afirma e, no que Araujo e Salles (1999) comentam como sendo condições de identificação indissociáveis à condição de imigrante e à condição de trabalhador.

No caso do ramo das confecções têxteis na cidade de São Paulo, no que diz respeito à exegese histórica do contexto socioeconômico que hoje envolve nosso objeto, consideramos principalmente a imigração dos judeus na década de 1930, como fundadoras do ciclo têxtil estabelecido a partir do bairro do Bom Retiro, em São Paulo-SP. A imigração subsequente, que assumiu o protagonismo no setor têxtil paulistano e o formatou ao seu modo de produzir, foi a dos Coreanos. Estes, a partir de meados dos anos 1940, estabeleceram pequenas confecções de organização e gerência familiar, praticando horários estendidos de trabalho e a subcontratação, a produção por metas e a venda direta no atacado e varejo em bairros como Brás e Pari (GALETTI, 1995).

A imigração boliviana se insere, nesse contexto, principalmente a partir da década de 1980, quando estes passam a ocupar postos de trabalho em pequenas oficinas de costura de propriedade ainda de imigrantes coreanos.

Posteriormente, na década de 1990, os imigrantes bolivianos vão assumindo a gerência das oficinas de costura, reproduzindo e perpetuando o mesmo modelo e ritmo de produção oriental (RIZEK, GEORGES e DA SILVA 2010).

Assim, os coreanos são aqueles que detêm o controle de 90% das confecções têxteis, em São Paulo (GALETTI, 1995), sendo responsáveis pela distribuição logística e pelas demandas de costura em pequenas confecções de imigrantes bolivianos. Posteriormente, os mesmos são os que recolhem e pagam pela costura ao dono da oficina boliviana (um Don boliviano), para encaminhar e comercializar o produto no atacado e no varejo, tanto para o abastecimento de lojas próprias nas regiões do Bom Retiro e Brás, como também, para o abastecimento de grandes magazines e lojas de departamentos.

Este processo de inserção, inicialmente dado pelo trabalho e logo permeado pela construção de elementos de identidade, se dá tanto pelo entendimento que o grupo constrói de si, no fazer e viver em uma sociedade de novas relações e o entendimento que este grupo constrói de tal sociedade; quanto pela compreensão social atribuída a este grupo, nessa inter-relação. Essa dinâmica constrói a teia que constitui o entendimento do que é ser imigrante, mais que isso, ela discrimina cada grupo imigrante segundo o seu nível de inserção e aceitação social.

Isso é comum quando observamos alguns estudos sobre processos de inserção de imigrantes. Um dos clássicos exemplos de inserção e legitimidade social em São Paulo é a imigração italiana, isso porque hoje ela chega a permear parte do imaginário na própria constituição da identidade da sociedade na qual ela procurou se inserir. Segundo Araujo (2000), o processo de inserção e legitimidade dessa imigração passou pelo caminho da construção da própria etnicidade italiana, uma ideia de italianidade como identidade comum e agregadora, utilizando o associativismo por meio da fundação de um clube de futebol (Palestra Itália), para se por perante a sociedade como um grupo e romper com a

marginalidade. Como observamos, este processo passou pela ascensão social e econômica advinda do trabalho, a reconstrução do que se entendia por identidade de origem e do que se firmava como identidade imigrante e cidadania para este imigrante na sociedade receptora.

Podemos verificar que a mudança da imagem do imigrante italiano era necessária tanto para eles mesmos, que, de alguma forma, conseguiram ascender socialmente, como para o próprio país de origem; necessitavam de indivíduos não menosprezados nas sociedades receptoras, caso dos paulistanos na virada do século XX. O imigrante ao conseguir sua ascensão social, queria seu reconhecimento enquanto indivíduo e cidadão na sociedade receptora; e a Itália necessitava de uma melhor imagem de seus cidadãos no exterior, para construir a italianidade e projetar-se no cenário mundial. (ARAUJO, 2000: p. 36-37)

Na perspectiva das sociedades receptoras, este processo de inserção, permitida pelo trabalho e através dele (SAYAD, 1998), desencadeia a formação de uma nova identidade imigrante, produto da relação entre as novas e as antigas configurações sociais.

Podemos inverter o referencial receptor tomando como exemplo, o estudo de Magalhães (2006) sobre o processo de inserção de brasileiros na Flórida, nos Estados Unidos e os processos que permeiam a constituição da Subjetividade, Identidade e da Memória desses imigrantes.

Vemos, pois, que os sentimentos que envolvem a imigração traduzem os ajustes psicológicos aos contextos do país de destino flexibilizando argumento político-econômicos que se traduzem em imagens de oposição entre Brasil e Estados Unidos. (MAGALHÃES, 2006)

Tanto o imaginário e a identidade do que compõem e se entende como ser brasileiro, quanto o que se entende como Brasil, tudo se transforma mediante a relação com a sociedade receptora, suas formas de viver, pensar e se identificar como sociedade. A Identidade imigrante se compõe num misto de vivências que tomam experiências do passado e do presente, para se constituir como sujeito e grupo social.

Para Silva (2005), os processos identitários no contexto imigratório boliviano, em São Paulo, se dão por meio de uma simplificação da cultura de origem e por meio da conservação

de traços mais marcantes. Assim, estes podem da melhor maneira distinguir e de certa forma criar uma imagem de si mesmo perante o todo social.

Em primeiro lugar, a conquista de espaço não é um processo naturalmente dado, ela ocorre por meio do conflito, pelo estranhamento sociocultural e pela resistência à aceitação oferecida pelos locais que não veem os imigrantes como cidadãos. Podemos considerar a dinâmica da legitimidade cultural como um processo gerado entre memórias e identidades. As identidades do país de origem não se reproduzem de maneira literal na localidade onde os imigrantes se estabelecem, o que ocorre é uma rememoração identitária que nesse caminho sofre o processo de simplificação e ressignificação, como tratado por Silva (2005). Assim sendo, a legitimidade social, que pode ser requerida na construção de uma cidadania para este imigrante, se dá tanto no processo de aproximação, quanto no distanciamento, na assimilação e na diferenciação. Porém, essa diferenciação, na maioria das vezes, não ocorre no âmbito público, mas sim no contexto “privado” de uma oficina, ou no que Cymbalista e Xavier (1997) chamam de “Privacidade Coletiva”, já que as oficinas são moradias coletivas, onde os trabalhadores moram, se alimentam e trabalham. Isto quer dizer que, inicialmente, o trabalhador imigrante chega a São Paulo, mas prontamente se vê encerrado em um contexto de trabalho – o da oficina – que diferencia os de dentro e os de fora. Muitas vezes, esta prática é uma estratégia de intimidação adotada por donos de oficina, ao estabelecer uma série de regras e construir um imaginário ameaçador da sociedade externa para este imigrante, estabelecendo inclusive uma ideia de proteção entre imigrantes no interior da oficina.

Segundo Silva (2006), podemos considerar alguns espaços públicos na cidade de São Paulo como espaços que já foram apropriados pelos imigrantes bolivianos, lugares onde a clausura das oficinas de costura dá lugar a manifestação cultural pública e a socialização de certa maneira pública. O principal desses espaços é a Praça Kantuta, localizada no bairro Canindé. Ali, podemos perceber traços marcantes da cultura original boliviana como,

músicas, vestimentas, comidas típicas e também a oferta e a procura por trabalho nas oficinas de costura. Porém, ainda segundo Silva (2008), estas manifestações culturais não são homogêneas, elas apresentam múltiplas segmentações, não só de enclave étnico geográfico ou regionalista, mas também de outros cortes, como o religioso ou o da relação com outras imigrações, como a peruana, paraguaia e com os brasileiros, que estes imigrantes bolivianos possam estabelecer. Magalhães (2010) observa a inserção do imigrante boliviano, em São Paulo, pela ótica da inserção no direito à educação, outro espaço de construção de identidade, pertencimento e legitimidade; lugar onde os conflitos se estabelecem aparentemente fora do trabalho, mas que reproduz em sua escala, a maioria dos entraves como preconceito, intolerância, falta de garantias de direitos, segregação e outras barreiras presentes na sociedade como um todo aplicado a um espaço de convivência forçada, como acontece na maioria das instituições escolares.

Reafirmamos que os processos de inserção dessa imigração, não dizem respeito apenas às características que estes trazem para o contexto social em que procuram se inserir. Tais processos estão diretamente ligados à configuração sociocultural, psicossocial, socioeconômica da comunidade “receptora”. Destacamos este processo de interação nos debates que Rizek, Georges e Da Silva (2010) que destacam as diferenciações entre a inserção dessa imigração no Brasil e na Argentina. Segundo estes autores, naquele país, principalmente na cidade de Buenos Aires, os imigrantes bolivianos têm um leque maior de possibilidades de inserção para além das confecções de costura, pois lá o setor de serviços e da agricultura também absorve esta força de trabalho. Assim, a inserção ainda que também apresente elementos conflituosos, como os da luta no interior de movimentos indigenistas nacionais pelo reconhecimento da identidade andina, ela se dá em um processo menos segmentado. Isso devido, talvez, ao fato de ambas as populações falarem o mesmo idioma, os bolivianos serem esteticamente mais parecidos com populações nativas daquele país e conseguirem assimilar

aproximações identitárias com estas populações. Outro fator importante é que, segundo estes autores, a participação política é maior devido a uma maior legitimidade social, o envolvimento em ligas camponesas e movimentos urbanos de luta por direitos sociais tem uma maior penetração destas populações imigrantes.

As motivações que levam a aceitação ou submissão às condições de precariedade é outro fator importante para nós. Cacciamali e Azevedo (2006) consideram que a aceitação destas condições pelo imigrante boliviano, deve ser vista como uma opção em prol de uma pretendida mobilidade social. A aceitação está ligada diretamente à vontade de ascensão social do imigrante. Este sai de seu país de origem e se submete a tais condições, tendo-as como provisórias e parte de um caminho necessário para sua ascensão social. Percebemos então, que a reprodução da ideologia capitalista de ascensão social aplicada à máxima precariedade, no caso boliviano em São Paulo, ao trabalho exaustivo em pequenas confecções têxteis, não permitem a estas populações o vislumbre de alternativas a este tipo de produção e organização. A reflexão imediatista e comum da realidade conduz a perpetuação do modelo de exploração exaustivo do trabalho.

Patarra e Baeninger (2004) tratam do processo de mobilidade espacial de populações no MERCOSUL e das influências econômicas regionais no âmbito internacional, do qual à Bolívia e a imigração boliviana é partícipe ou no mínimo suscetível a esta influência econômica, principalmente a exercida pelo Brasil e Argentina na América do Sul. Isso porque, para estes autores, a conformação de blocos econômicos regionais exerce influência regional na atração também de força de trabalho. No caso dos imigrantes bolivianos em cidades como São Paulo, fica evidente para nós, e isso se demonstrou verdadeiro em nossa pesquisa até o momento, que o processo de imigração se dá em decorrência de influências econômica e política, decorrentes da formação de blocos econômicos e países que exercem preponderância econômica regional, neste caso o bloco Brasil-Argentina.

Este processo de influência mútua faz com que a crise vivida no campo e no setor da mineração na Bolívia, a partir da década de 1980, e o êxodo rural decorrente desta (RIZEK, GEORGES e DA SILVA 2010), provoquem um deslocamento que começa no campo, na Bolívia, passa pelas suas metrópoles, que não logram absorver tal demanda presente no mercado de trabalho, exportando assim seu êxodo rural para metrópoles que exercem influência econômica e política sobre eles. Assim, consideramos a imigração boliviana em São Paulo, não como um fato isolado, mas partícipe e resultante dos processos de internacionalização das economias e por consequência, da sua transformação em economias que exercem influências e se executam para além de suas fronteiras. Dessa maneira, tal imigração é produto da influência brasileira no contexto sul-americano, haja vista que não podemos considerar apenas a internacionalização das economias como se tratando apenas da internacionalização de capitais. Devemos considerar igualmente a internacionalização dos mercados de trabalho e a internacionalização também dos déficits sociais.

Definimos a imigração e o imigrante boliviano, em São Paulo, pela sua condição de trabalho e a partir dela. Por meio desta análise, percebemos a inserção psicossocial do trabalhador imigrante na cidade de São Paulo, a sua função na cadeia produtiva do ramo das confecções têxteis. Nesse caminho, buscamos compreender a formação ideológica e identitária do grupo, considerando essa dinâmica como decisiva para entender a configuração e o comportamento desse grupo imigrante.

A construção identitária se dá por meio das relações estabelecidas até o momento dessa inserção e a partir dela, pois memória e identidade se relacionam e se reconstroem, tanto no passado, quanto no presente. Isso quer dizer que, percebemos a construção identitária do imigrante como sendo uma mistura da herança sociocultural, socioeconômica e psicossocial, construída no país de origem, mesclada à construção identitária advinda da função social e produtiva que este assume no país onde se estabelece.

Assim como Sayad (1998), pensamos que este trabalhador imigrante é aquele trabalhador que se caracteriza por ser uma força de trabalho “provisória temporária em trânsito”, sua identidade social está atrelada a esta função estabelecida no trabalho. Sua força de trabalho provisória e revogável, o coloca em condição vulnerável a todo tipo de exploração e precariedade. Como bem ressalta Bourdieu (1998), no texto introdutório da obra de Sayad, o imigrante não é “nem cidadão, nem estrangeiro”, consideramos que ele ocupa de maneira incompleta duas categorias sociais ao mesmo tempo, ou transita entre elas sem ocupar posição definitiva em nenhuma das duas. Não se pode pensar neste imigrante como um cidadão imediatamente pleno, pois este não reúne em si de maneira completa as características sociais culturais e ideológicas que constituiriam o mesmo, tampouco podemos pensar este imigrante como um estrangeiro por completo, pois quando este estabelece relações que o enraízam fora de sua localidade de origem, ele rompe com seu estado original.

Para pensar a constituição psicossocial do imigrante e retirar desta reflexão um entendimento teórico mais aprofundado do que é um imigrante, para além de sua condição imediata, se faz necessário introduzir de maneira mais clara o elemento geracional em nossos estudos. Isso porque, quando afirmamos que a constituição interna e social do imigrante ocorre por meio do que se entende por “Ser” imigrante, como indivíduo de determinada origem sócio-espacial, psicológica, cultural e política, que tem internalizadas as características que estes elementos lhes atribuem e se encontra deslocado de seu contexto, dizemos que este imigrante traz consigo, a priori, uma cidadania de origem e transita para uma cidadania de estada ou permanência. Por isso, consideramos o “Estar” como imigrante, inseridos nas relações sociais a partir do trabalho e vivenciando seu contexto social, o elemento central na constituição destes sujeitos e grupo social, visto que entendemos que é a estada ou a permanência no processo produtivo e social, que transforma o imigrante em direção à busca e conquista de uma cidadania. Porém, esse processo não se dá naturalmente, em certa medida,

seu caminho se elucida a partir do momento em que o sujeito passa a vivenciar as contradições da produção social. Desta maneira, consideramos como Marx, que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX, 1982: 25).

Quando falamos em processo geracional, não temos a intenção de determinar gerações ou criar critérios para medi-las. Como Elias (1994), consideramos o processo geracional como o movimento processual de transformação social, nem puramente natural, nem puramente dirigido, mas vivenciado no inter-relacionamento humano, e no sentido dado por Marx (1982), o ser social determinando a sua consciência no interior das relações do modo de produção e subsistência no sistema capitalista. Enxergamos o imigrante como parte historicamente constituinte das sociedades modernas. O caso da inserção italiana em São Paulo, que tomamos como exemplo em Araujo (2000), assim como muitas outras imigrações, nos demonstra claramente esse processo de inserção social pelo prisma geracional, pela inter-relação na vivência social. A inserção imigrante, quando observada com esta distância geracional, pode ser vista como possível. Isso não quer dizer que nosso problema esteja resolvido pelo tempo, pois nesse caso seria necessário ao imigrante apenas vivenciar e esperar o tempo e as mazelas passarem. O elemento geracional nos demonstra que a estada prolongada ou permanente do imigrante, mesmo que permanentemente provisória, faz com que suas vivências como imigrante, quando atravessadas por estratégias de conquistas sociais e de luta política, torne possível a inserção plena e a conquista da cidadania. Isso considerando ainda que, os estigmas sociais atribuídos a uma imigração não pertencem somente a suas primeiras gerações, elas se prolongam de geração em geração. É sobre essa existência prolongada ou reprodução viciosa que buscamos refletir, tratando também de estratégias de encurtamento e de facilitação dos processos de inserção social do imigrante, sem com isso penalizar novos grupos de imigrantes até de outras origens.

A questão não está na impossibilidade de inserção social do imigrante, mas na forma e no tempo demandado para esta inserção, na lentidão e na incerteza desse processo, na perpetuação caricatural desta forma por meio de conceitos e estruturas sociais remanescentes que tentam manter as desigualdades através dos tempos. Isso tanto no interior do grupo, no caso de imigrantes mais antigos subjugando imigrantes mais novos à condições análogas às vivenciadas por eles, quanto de grupo para grupo imigrante, onde o primeiro subjuga o grupo imigrante chegado há menos tempo.

Este é o que já ressaltamos em nossa introdução e que devemos levar em conta quando observamos os processos de inserção social imigrante por meio da visão geracional. Na maioria dos casos que estudamos empiricamente e em nosso levantamento bibliográfico, identificamos a existência permanente de um novo fluxo imigrante, para ocupar o lugar daquele que já conseguiu se inserir e ascender socialmente, tanto no interior do mesmo grupo imigrante, quanto na troca de um grupo imigrante para outro para cumprir determinada função social – em nosso caso, a do trabalho precário em confecções têxteis em São Paulo. Assim, entendemos que *ser imigrante* é uma condição, um lugar social que se perpetua para além das imigrações, que se reproduz no processo geracional e por sobreposição, na medida em que um determinado grupo imigrante logra ascender e se inserir socialmente, outro grupo se apresenta para ocupar o espaço subalterno destinado ao imigrante.

O esforço por desvendar determinadas relações, que envolvem alguns grupos de imigrantes, deve ser também com o fim de romper com esse lugar de subalternidade que se perpetua nas sociedades. Ao compreender, de maneira crítica e desnaturalizadora, o lugar de determinada imigração no processo social de reprodução da vida em sociedade, nós estamos construindo uma crítica para além do grupo.

Assim como Martin-Baró (1998), assumimos uma posição sócio-histórica para evidenciar os processos sociais onde os indivíduos possam compreender a sua condição de

imigrantes oprimidos, isso para fins de potencializar mudanças nesse ciclo precário de trabalho socialmente construído e que insiste em perpetuar a exploração do imigrante. Assim, pensar processos de inserção do imigrante é perceber também quais são os laços ideológicos e materiais que amarram e possibilitam a reprodução dessa exploração.

Em primeiro lugar, é necessário deixar claro o lugar do imigrante no processo produtivo. Em certo sentido, o imigrante faz parte da classe trabalhadora produtiva, isso porque ele está amplamente inserido no processo produtivo e em nossos dias cumpre um papel indispensável em determinados setores da economia. O problema é perceber e apontar como ele ocupa este lugar. Para isso adotamos, assim como Antunes (2008), um conceito ampliado de classe trabalhadora.

A classe trabalhadora hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, *part time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Inclui, também, além dos trabalhadores materiais, aqueles que exercem formas do trabalho imaterial. E abarcam, ainda, a totalidade dos trabalhadores desempregados. Por isso se trata de uma concepção ampliada de classe trabalhadora, que atua tanto no mundo direto da produção, quanto da *totalidade do trabalho coletivo e social* (Marx) que participa da produção de mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais e (direta ou indiretamente) do processo de reprodução do capital. (ANTUNES, R. 2008)

Contribuindo para esta concepção ampliada, consideramos o imigrante, parte da classe trabalhadora integrante dessa “*totalidade do trabalho coletivo e social*”. Porém, fazer parte da classe trabalhadora por meio da produção, não os insere socialmente como trabalhadores cidadãos, pelo contrário, a sua condição de imigrante é explorada pelo capital como vantagem lucrativa, quando convém.

Ao mesmo tempo em que estes são parte no trabalho social, por meio da produção de mercadorias, eles também são (estão à) margem na sua constituição enquanto trabalhadores não cidadãos. Sua condição de imigrante é explorada na medida em que este se encontra em desvantagem, pois, ao não ser reconhecido como legítimo, ou ser reconhecido, sob condições

e tratados específicos, revogáveis a qualquer momento, ele está sujeito a passar pelas piores condições de exploração possíveis.

A terceirização, a informalização, o trabalho por demanda, a regulamentação mínima, o lucro máximo, a ilegalidade, a atual combinação entre estes elementos atingem o imigrante de maneira perversa. Ele está sujeito a sofrer as consequências de todas as modalidades e níveis da exploração precária da força de trabalho. Tomamos parte das conclusões de Antunes (2008) para situar de maneira exata a localização da força de trabalho imigrante no interior do modelo produtivo capitalista flexível, no caso dos imigrantes bolivianos, o seu lugar na composição flexível do setor têxtil na cidade da São Paulo.

Uma conclusão se impõe: “A flexibilização, definitivamente, não é solução para aumentar os índices de ocupação”. Ao contrário, é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições. É nesse contexto que estão sendo reforçadas as novas ofertas de trabalho, por meio do denominado mercado ilegal, no qual está sendo difundido o trabalho irregular, precário e sem garantias. (ANTUNES, R. 2008)

Para falar de nosso objeto, de seu contexto em São Paulo e suas motivações, aqui, podemos afirmar que os imigrantes bolivianos são, em sua maioria, produtos da flexibilização do setor têxtil, da sua ampla terceirização, da participação cada vez maior de um mercado que absorve, convive e estimula o trabalho ilegal, que impõem custos de produção cada vez menores e torna a atividade irregular regra.

A configuração do setor têxtil, em São Paulo, torna o trabalho precário e a máxima exploração da força de trabalho imigrante um fato quase que inevitável. A não ser que estratégias de luta e superação sejam traçadas de maneira coletiva, esta condição irá se prolongar por várias gerações de imigrantes, sem grandes rupturas.

Pensar este contexto, a partir do que constitui o *Ser imigrante e o Estar* como trabalhador imigrante são centrais neste debate, sobretudo porque estes conceitos estabelecem uma relação íntima na constituição das identidades sociais desses trabalhadores no país onde estes se encontram, estando sujeitas ao trabalho e as suas condições.

Assim como consideramos anteriormente, a rememoração psicológica, social e cultural do que se entende por *Ser um imigrante* de origem boliviana está umbilicalmente ligada à identidade gerada pela função social do *Estar como imigrante*, em condições e papéis semelhantes na reprodução da vida em sociedade. Suas sociabilidades se estabelecem a partir do campo material e ideológico para sedimentar a formação de identidades que são produto da dinâmica vivida no passado e no presente.

No caso dos imigrantes bolivianos, consideramos como Ansara (2008) que o fortalecimento das memórias e das identidades sociais destes sujeitos é parte importante e indispensável no processo de fortalecimento da própria comunidade boliviana que compartilha os laços psicossociais e sócio-históricos.

4. METODOLOGIA E ENCAMINHAMENTOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia da Pesquisa Participante segundo Brandão (1986) e Fals Borda (1988):

O que se entende por pesquisa participante? Antes de tudo, não se trata do tipo conservador de pesquisa planejado por Kurt Levin, ou as propostas respeitadas de reforma social e a campanha contra a pobreza nos anos 60. Refere-se, antes, a uma “*pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo*” (Huynh, 1979) *que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir.* (FALS BORDA, 1988 p. 43)

Procuramos pensar o problema e as estratégias de sua resolução em conjunto com a comunidade, promovendo um autoconhecimento da comunidade sobre a realidade vivida, valorização da memória e identidade do imigrante boliviano e o estímulo à análise crítica de sua realidade, à mobilização e à transformação social. Como Ansara, consideramos que:

Resgatar a memória histórica é dizer não ao fatalismo e mudar os rumos da história. Nesta perspectiva, Martín-Baró (1998) assume claramente uma posição sócio histórica que, evidentemente, implica pensar num novo sujeito

sócio histórico que reconhece sua condição de oprimido e que, conhecendo criticamente sua realidade, não poupa esforços para lutar contra essa condição. Pensada desta maneira, a memória coletiva não pode ser entendida apenas como transmissão geracional da experiência ou guarda das tradições nacionais e sim como estratégia de resistência e luta política, especialmente por aqueles que se vêem excluídos dos direitos à cidadania e passam a assumir uma cidadania ativa, configurando-se num sujeito que rompe com o fatalismo e assume seu próprio destino. (ANSARA, 2008, p.34)

Na primeira fase de campo desta investigação, realizada de janeiro a junho de 2012, utilizamos como estratégia de investigação e ferramenta de pesquisa a vivência e o registro denso próprio da etnografia, participando do cotidiano dos imigrantes bolivianos. Isso foi possível por meio de visitas e reuniões comunitárias semanais nas oficinas de costura, ali nos reuníamos e propúnhamos grupos de trabalho onde seriam debatidos temas pertinentes à imigração boliviana em São Paulo como; Trabalho; Cidadania; Migração; etc.

Na segunda fase de campo, realizada de julho a setembro de 2012, efetuamos *entrevistas semiestruturadas em profundidade* com sujeitos com idades entre 25 e 45 anos, que identificamos como relevantes para o avanço qualitativo de nossa pesquisa, estes serão tratados por nomes fictícios.

Os dados de nossa pesquisa anterior “Bolivianos na cidade de São Paulo: Caminhos de uma investigação Psicopolítica” realizada no Curso de Especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais, na EACH-USP no decorrer dos anos de 2010-2011, foram utilizados, sempre que pertinentes, como documentos-fonte que não foram explorados em sua totalidade.

Os instrumentos de registro dos trabalhos foram as gravações (com prévia autorização dos sujeitos) e o caderno de campo. Após a coleta de dados, o tratamento de transcrição integral foi aplicado às gravações.

Os critérios utilizados para seleção dos entrevistados foram: serem imigrantes de nacionalidade boliviana residentes em São Paulo há pelo menos cinco anos, que já foram ou ainda estão inseridos no ciclo informal de confecção têxtil; e a vivência do imigrante no ciclo

da costura. A seleção destes sujeitos está vinculada a nossa inserção no campo, o que possibilitou uma melhor aproximação aos sujeitos com os quais pudemos trocar informações ricas à pesquisa, favorecendo a pesquisa etnográfica e as entrevistas em profundidade.

Os sujeitos entrevistados foram seis homens e uma mulher, isso devido ao papel dominante ser assumido, na maioria das vezes, pelo homem. A organização destes imigrantes seguiu majoritariamente uma lógica de liderança patriarcal, já que quando foram propostas as entrevistas à comunidade em que estivemos inseridos, os homens se voluntariaram de maneira preponderante.

Dos sujeitos entrevistados, cinco se identificaram como sendo oriundos do campo e dois como sendo da cidade, sendo que todos têm uma ligação muito próxima com o campo. A mulher se identificou como sendo da cidade.

Não nos interessou o cruzamento de dados numéricos quantitativos dos nossos entrevistados. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que objetivou entrevistar um número reduzido de sujeitos, optamos por realizar entrevistas em profundidade, não sendo de nosso interesse realizar qualquer tipo de análise quantitativa ou estatística. Por isso, vamos traçar sucintamente o perfil de cada entrevistado para que apresentemos os interlocutores de nossa pesquisa.

Vivian tem 26 anos, está no Brasil há aproximadamente 8 anos, é de origem urbana, casada com boliviano, tem um filho nascido na Bolívia, trabalha em oficina de costura.

Ângelo tem 45 anos, está no Brasil há aproximadamente 15 anos, é de origem camponesa, casado com brasileira, tem quatro filhos nascidos no Brasil, sendo dois de um relacionamento anterior, esteve inserido no ciclo da costura por pelo menos 5 anos, hoje trabalha com serviços gerais.

Edvaldo tem 29 anos, está no Brasil há aproximadamente 6 anos, é de origem camponesa, em união estável com boliviana, tem uma filha nascida no Brasil, trabalha em oficina de costura.

Elton tem 31 anos, está no Brasil faz aproximadamente 10 anos, é de origem camponesa, em união estável com boliviana, tem três filhos sendo dois nascidos no Brasil e um na Bolívia, trabalha em oficina de costura.

Enzo tem 29 anos, está no Brasil há aproximadamente 8 anos, é de origem camponesa, casado com boliviana, têm dois filhos, um nascido na Bolívia e outro no Brasil, trabalha em oficina de costura.

Ramon tem 28 anos, está no Brasil há aproximadamente 8 anos, é de origem urbana, casado com boliviana, tem um filho nascido na Bolívia, trabalha em oficina de costura.

Valdir tem 29 anos, está no Brasil há aproximadamente 7 anos, é de origem camponesa, em união estável com boliviana, tem duas filhas nascidas no Brasil, trabalha em oficina de costura.

O detalhamento das características de cada entrevistado será evidenciado de maneira coerente e contextual na apresentação dos resultados de pesquisa. Vale ressaltar o fato de termos considerado indivíduos mais experientes, com vivência de pelo menos mais de cinco anos como imigrante, todos já tiveram filhos e estabeleceram família no Brasil.

As entrevistas foram realizadas a partir de um diálogo estabelecido, que considerou quatro eixos temáticos interligados entre si:

- 1°. Identificação.
- 2°. Identidade, Socialização e Apropriação Cultural.
- 3°. Cidadania e Identidade Política.
- 4°. Trabalho.

Em primeiro lugar em “Identificação” procuramos abordar aspectos que levassem os sujeitos a refletirem a respeito de suas origens, laços afetivos, sociais e psicológicos com a localidade de nascimento, a comunidade, a família e como este sujeito percebe e operacionaliza as transformações ocorridas nestes níveis. As questões desta provocação inicial foram:

1. ¿Eres de la ciudad o del campo? Cuéntame un poco sobre tus orígenes.
2. ¿Tienes familia aquí? ¿Hijos? ¿Eres casado o vives en pareja?
3. ¿Si tuvieras la oportunidad, te casarías con un/a brasileira/o?

Consideramos duas categorias de análise neste primeiro eixo temático:

- a. A que trata da construção das origens culturais, sociais e psicológicas na Bolívia.
- b. A que trata da constituição atual deste sujeito e das sociabilidades já estabelecidas ou passíveis de acontecerem em sua vivência como imigrante.

Em segundo lugar, abordamos de maneira mais extensa, questões referentes à “Identidade, Socialização e Apropriação Cultural” na tentativa de apreender como ocorreu e/ou como ocorre à preservação da identidade cultural e a apropriação de novos elementos de cultura, identidade e socialização. As questões que nortearam este diálogo foram:

4. ¿Cómo te sientes culturalmente, totalmente boliviano o te crees un poco brasileño ya?
5. ¿Qué es la cultura boliviana para ti?
6. ¿Que es la cultura brasileña para ti?
7. ¿Crees que viviendo acá en Brasil, la cultura boliviana debe ser mantenida?
¿Por qué?
8. ¿Tus hijos se creen más brasileiros o bolivianos?
9. ¿Cuál es la importancia del idioma para ti?

10. ¿Cuál el primer idioma que aprendiste en casa?
11. ¿Cuál es la importancia de tu idioma nativo?
12. ¿Cuál es la importancia del español para ti?
13. ¿Es importante saber hablar y entender portugués?
14. ¿Cuál el primer idioma que aprendieron tus hijos?
15. ¿Te relacionas con brasileiros? ¿Tienes amigos brasileiros?
16. ¿Escuchas radio de programación brasileira o boliviana? ¿Por qué?
17. ¿Cuáles son tus principales actividades de diversión? ¿Cuando ocurren?
18. ¿Te gusta ir a lugares donde puedes comer comida boliviana y recordarte de Bolivia?
19. ¿Practicas deportes? ¿Los deportes en grupo son practicados entre bolivianos o con brasileiros también?

Consideramos quatro categorias analíticas para abordar este segundo êxito temático:

- c. O sentimento de pertença e identidade cultural e o entendimento abstrato/prático sobre cultura.
- d. Os aspectos de manutenção e reprodução da cultura boliviana pelos imigrantes e a socialização dos seus filhos crescidos e ou nascidos no Brasil.
- e. O idioma como importante elemento de cultura, identidade e memória, símbolo tanto da manutenção, quanto do trânsito do imigrante no universo Nativo/Bolívia, Espanhol/Bolívia, Português/Brasil.
- f. O estabelecimento das relações, identificações psicossociais e as apropriações socioculturais deste imigrante.

Em terceiro lugar, tratamos de “Cidadania e Identidade Política” como forma de compreender as impressões que este imigrante tem de sua vivência na cidade de São Paulo,

dos aspectos sociais e normativos de Cidadania e Política para este imigrante. As questões abordadas foram:

20. ¿Qué te parece la vida en la ciudad de São Paulo
21. ¿Que es ciudadanía para ti? ¿Qué es ser un ciudadano boliviano?
22. ¿Qué es ser un inmigrante con documentos en Brasil?
23. ¿Te interesas por la política brasileira?
24. ¿Te interesas por la política boliviana?
25. ¿Te interesa la condición social que vive tu pueblo en Bolivia, y en São Paulo?
26. ¿Crees que tus derechos son respetado en Brasil?
27. ¿Cuáles las ventajas de vivir en Brasil? ¿Cuáles son las desventajas?
28. ¿Cuáles las ventajas de vivir en Bolivia? ¿Cuáles son las desventajas?

Consideramos quatro categorias analíticas para abordar o terceiro êxito temático de nossa pesquisa:

- g. O das impressões do imigrante boliviano sobre sua vivência na cidade de São Paulo.
- h. O entendimento conceitual/filosófico e o entendimento normativo de cidadania.
- i. Identidade Política, análise social do grupo e noção de direitos.
- j. Análise comparativa e justificação da imigração.

Por fim, em quarto lugar, abordamos o “Trabalho” como último eixo temático capaz de evidenciar as transformações e aspirações vividas por este imigrante na reprodução de sua existência. As questões desta última parte do debate foram:

29. ¿Qué te parece el trabajo dónde estás? ¿Te gusta hacer costura?
30. ¿Extrañas el trabajo que hacías en Bolivia? ¿Por qué?
31. ¿Cuáles son tus sueños de futuro con relación al trabajo en la costura? ¿Paga la pena trabajar en la costura?

32. ¿Tienes interés de trabajar en otro tipo de trabajo?

33. ¿De que manera la costura impactó en tu vida?

Consideramos duas categorias analíticas para abordar este último eixo temático de nossa pesquisa:

k. Transformações nas vivências do trabalho.

l. Aspirações e o sonho de superação do trabalhador imigrante.

Objetivando o melhor entendimento de nossos resultados e o desenvolvimento coerente dos quatro eixos temáticos e das categorias analíticas apresentadas nesta fase da pesquisa, nos basearemos no Quadro 1 de análise dos resultados apresentados a seguir, para organizar e sistematizar o desenvolvimento de nossos próximos capítulos. Adotaremos os tópicos aqui apresentados como base dos títulos e subtítulos do nosso trabalho a partir de agora, organizando-os conforme as subdivisões do 5º capítulo a seguir:

Quadro 1

5. DIÁLOGOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE BOLIVIANO

Como dissemos anteriormente, nossas considerações analíticas e nossos diálogos com os sujeitos desta pesquisa partem de um mapeamento prévio, que se efetivou a partir da experiência etnográfica em campo e da pesquisa participante que nos possibilitou perceber a natureza e as particularidades de nosso objeto. Porém, este trabalho não teve como intuito prioritário, a descrição etnográfica e histórica da formação da comunidade boliviana em São Paulo em seus resultados, isso porque, consideramos que autores como Silva (2006) já o fizeram, contribuindo em muito para que nós pudéssemos vivenciar o campo com um olhar mais afinado.

5.1. Alguns relatos introdutórios de vivência em campo.

De nossas vivências, queremos ressaltar apenas e brevemente, algumas figuras que consideramos emblemáticas para o entendimento do nosso contexto de pesquisa, para logo tratarmos dos resultados dos diálogos estabelecidos por meio das entrevistas semiestruturadas em profundidade.

Em nossa inserção nos grupos e oficinas de costura da zona leste da capital paulista, percebemos que, a figura principal e mais emblemática desta imigração é a do *donos de oficina* de costura: o *Don* é a qualificação e seu pronome, ele é tido como a figura do imigrante que deu certo e logrou ascender socialmente passando de *oficinista* a *donos de oficina*. Isso o identifica hierarquicamente como superior dentro e fora da oficina. Ele é aquele imigrante vencedor que personifica, o que Silva (2006) identifica como sendo o elemento constitutivo da condição do imigrante, a busca capitalista pela superação da condição subalterna por meio do trabalho e a esperança do retorno vitorioso (SAYAD, 2000). Essas estruturas se mantêm

mesmo fora de seu contexto grupal. Em um coletivo, a palavra de um *Don* tem peso de veto, mesmo que este não seja o empregador daqueles trabalhadores. Em uma reunião, onde se encontra mais de um *Don* presente, o diálogo se estabelece apenas entre eles, sendo que os oficinistas permanecem calados ou conversando paralelamente entre si.

A herança de uma cultura patriarcal de organização por lideranças locais é evidente no caso dos imigrantes bolivianos. Como por exemplo, no interior das relações grupais de gênero e familiares, a predominância de donos de oficina é masculina, e se casado, mesmo que trabalhando no mesmo local, é o homem, majoritariamente, quem administra os negócios. Às mulheres cabe – além do trabalho na costura – o cuidado com a preparação da alimentação para todos os trabalhadores da oficina e o cuidado com os filhos.

A relação da mulher boliviana com seus filhos também merece um destaque, isso porque os filhos permanecem sempre sob sua tutela, caso ela venha ter mais de um companheiro e um filho com mais de um deles, estes a acompanham nos próximos relacionamentos conjugais – o próximo companheiro é uma espécie de paternidade socialmente consentida dos filhos que a mulher teve de relacionamentos anteriores.

O casamento tradicional boliviano se constitui basicamente em uma festa dada pelos pais da noiva para todo o vilarejo, na Bolívia, durante uma semana. Assim eles preferem casar-se na Bolívia e preferencialmente o casamento ocorre entre bolivianos. Na maioria das vezes, o que ocorre no Brasil é a união familiar informal, após alguns anos com os filhos já nascidos, quando há condições econômicas, eles retornam a sua cidade natal para se casar. Por isso, quando chega a casar-se, a mulher já tem filhos de outros relacionamentos. A relação entre homem e mulher é marcada pela predominância masculina, casos de violência não são raros e são socialmente silenciados.

As relações familiares se misturam com as relações de trabalho. Empregar familiares e parentes é comum em oficinas de costura. Encontramos famílias inteiras trabalhando para o

dono da oficina, geralmente o patriarca, irmão mais velho, tio, etc. Isso não significa que no interior desta oficina de costura, o trabalho seja familiarmente “cooperativado”, uma vez que a exploração exaustiva da força de trabalho é exercida da mesma forma, até porque o próprio patriarca se senta na máquina de costura e executa a mesma jornada de trabalho, ganhando como costureiro e como dono.

A partir dos anos 2000, em maior número, começa a surgir uma primeira geração de bolivianos nascidos no Brasil, o que garante ao imigrante que o processo de documentação no Brasil seja mais ágil. Porém, chamamos a atenção para o fato de que estas crianças, filhas de imigrantes, se encontram em um processo acelerado de identificação e apropriação da cultura brasileira. Eles são alfabetizados em português e esta passa a ser sua primeira língua. O espanhol e os dialetos Quíchua e Aymara são ensinados a eles de maneira secundária pelos seus pais e pares, mas estes já tem em si introjetadas expressões e maneiras de se comunicar “abrasileiradas”. Isso demonstra certa apropriação cultural e de certa maneira, esta próxima geração enfrentará menos barreiras para tomar parte na sociedade local.

Quando iniciamos esta pesquisa nos perguntávamos como poderíamos compreender os mecanismos de ruptura e a reprodução do modo de vida do imigrante boliviano em São Paulo, de que maneira poderíamos pensar o fortalecimento comunitário e a construção de uma cidadania para o imigrante. Para além da nossa tentativa teórica de compreensão deste fenômeno social, o diálogo e a vivência com os sujeitos da pesquisa em campo, que nos trouxeram tanto respostas, quanto novos e mais férteis questionamentos, nos possibilitaram compartilhar com estes a construção do conhecimento sobre o fenômeno social do qual são parte interna e vivamente integrante.

Partimos da identificação social destes imigrantes, das suas memórias e origens culturais, dos seus laços familiares e com a localidade de origem, da sua vivência no campo ou na cidade, para perceber nas distintas trajetórias de vida dos sujeitos dessa imigração, os

elementos que evidenciam a formação de sua natureza enquanto trabalhador imigrante boliviano. A constituição identitária, os processos de socialização e aculturação foram pensados a partir do diálogo com a ótica imigrante, bem como a cidadania, a identidade política, a noção de direitos sociais e políticos individuais e coletivos. Discutimos as relações de trabalho, as transformações na função social de produção destes sujeitos, sua adaptação e a passagem – na maioria dos casos – da lógica de produção e vida rural ou semiurbana, para a lógica de produção e vida urbana industrializada. Por fim, buscamos apreender as aspirações de futuro deste imigrante e como o trabalho nas oficinas de costura tem impactado a vida destes sujeitos.

5.2. Identificação.

O perfil dos sujeitos desta pesquisa é constituído por alguns elementos que definem de que imigrante estamos falando. Essa caracterização dos sujeitos é importante para que possamos, mesmo que de maneira geral, apresentar as impressões introdutórias de nossa pesquisa, a fim de perceber aquilo que pertence ao campo específico desta pesquisa e destes sujeitos e aquilo que pode ser projetado, generalizado para compreender a imigração boliviana em São Paulo para além deste grupo e até a imigração como fenômeno social complexo. Para isso, é necessário deixar claro os limites de nossa pesquisa, tipificando ao longo da apresentação de nossos resultados de pesquisa, os sujeitos que dela fizeram parte.

Na cidade de São Paulo, estes trabalhadores estão alocados na zona leste da capital, os mesmos já tiveram experiências de trabalho em oficinas de costura nas zonas centrais de São Paulo como Brás, Pari e Bom Retiro, porém com o passar dos anos eles seguiram o que consideramos uma periferização da imigração, isto é, podemos perceber que a imigração boliviana em São Paulo tem se descentralizado e está pulverizando cada vez mais a sua presença em zonas concêntricas, mais periféricas da capital paulista, em nosso caso em

localidades da Zona Leste, como Penha, Itaquera, Ermelino Matarazo, A.E. Carvalho, etc. Percebemos que, ao escolhermos os sujeitos com mais tempo de vivência na imigração, esta característica se apresentou de maneira mais marcante: uma trajetória de periferização, ou seja, sujeitos que já estiveram há cinco ou há dez anos trabalhando em oficinas de costura no Brás e Bom Retiro, por exemplo, e posteriormente, foram se mudando e se estabelecendo na periferia e até na região metropolitana de São Paulo.

Por ter escolhido um recorte que considerava o tempo e a experiência do sujeito na imigração, nos deparamos com o fato de que estas pessoas já constituíram família, tendo a maioria deles uma união estável com bolivianas e com filhos. Isso foi um aspecto muito produtivo para nossa pesquisa, pois pudemos explorar as experiências e impressões destes imigrantes sobre o processo geracional de transformação e apropriação cultural que eles têm experimentado já com seus filhos. A maioria destes filhos nasceu no Brasil e já apresentam marcas desta vivência distinta, porém, ainda estas impressões não são tão perceptíveis, já que ainda estão na primeira infância.

Percebemos que para os sujeitos de nossa pesquisa, a relação entre o campo e a cidade, o nativo indígena e o ocidental hispano, se mostraram muito próximas. Por isso, entendemos que, a trajetória de lógica transitória do rural, nativo e indígena, para o urbano, ocidental e hispano é a predominante dentre estes imigrantes. De alguma maneira, o campo faz parte das origens da maioria dos entrevistados, mesmo que não tenha ocorrido diretamente. A vivência no campo é de origem familiar parental camponesa e nativa como é o caso de Ângelo¹⁰ (19.09.2012): “Vengo de una familia que trabajaba en el campo, en la agricultura, siempre sembrando, maíz, tomate, papa, en fin todos cereales de verduras etc... vengo de esa origen”. Na maioria dos casos, ocorre uma ligação de ancestralidade com o campo e o nativo-indígena, mesmo que este sujeito tenha nascido na cidade, como cita Ramón:

¹⁰ Por respeito aos sujeitos e aos critérios de ética na pesquisa científica, os nomes dos entrevistados são fictícios, estando resguardada pelo sigilo das fontes na investigação científica, à integridade moral dos entrevistados.

“Yo vivo en la ciudad prácticamente mis papas son de otras ciudades, mas yo, digamos pude ser una... como una mistura de razas, digamos así, porque mi mama tiene un poco de descendencia española y mi papa tiene una descendencia indígena, pura indígena. Entonces yo vine de ahí, es de ahí que viene mi apellido [...] es un “sobrenome” indígena, que significa “cóndor de los andes”.”(Ramón, entrevista concedida em 10.09.2012)

Percebemos que, mesmo nascendo na cidade, Ramón supervaloriza a sua ligação ancestral com o nativo, com os símbolos e significados pertencentes a essa ancestralidade nativa indígena que, de certa maneira, constitui a sua identidade e a identidade de seu povo, suas origens sociais, culturais e identitárias, que ainda estão muito vivas no povo boliviano.

5.2.1. A construção das origens culturais, sociais e psicológicas.

Quando pensamos nas origens do imigrante boliviano em São Paulo – aquele que está inserido no ciclo precário da costura – levamos em conta, na maioria dos casos a passagem do campo para a cidade. A crise no campo e a falta de oportunidade de trabalho põe diante de cada sujeito, a dialética contraditória entre a ligação afetiva com o campo, com o lugar considerado “seu” e a necessidade de sobrevivência: “no teníamos la oportunidad de trabajar, vivir en el campo fue bueno, clima “bien”, fue un poco sufrido pero bueno.” (Elton, 22.09.2012). Ainda não temos disponível um senso populacional que discrimine com precisão a origem cidade/campo da imigração boliviana em São Paulo, porém podemos considerar, com base em nossas investigações que, as expectativas de imigração em direção ao Brasil, hoje fazem parte da passagem do rural/semiurbano para o urbano da população boliviana, como afirma Enzo (07.10.2012) “A otro país seria, no”.

Assim, consideramos a imigração um dos produtos do êxodo rural ocorrido nos últimos anos na Bolívia. Decorrentes das crises econômicas, da concentração fundiária e da falta de perspectiva da pequena produção no campo, para além da agricultura familiar de subsistência, emigrar parece a melhor opção para sujeitos como Edvaldo:

“...la vida en el campo es más llena... digamos... vives en campo así... no tienes una estructura buena de casa para vivir, vives normal así, cocinas con

leña, después vives, no tienes una cama así buena... a vez hasta... improvisamos con madera o con digamos, con ladrillos o alguna cosa hacer la cama, así dormimos. Si tienes animales “pa” cuidar, digamos ovejas, cabra, gallina, vaca, burro, es normal vivir en el campo es tener... tienes muchas cosas para hacer... esa vida era... para nosotros es normal porque mis padres mismo antes pasaron esa vida... ellos vivieron con es... con sus padres... es una cadena digamos. Que ellos nacieron con sus padres, tuvieron todo ese trabajo, entonces nosotros igual lo mismo hemos nacido. Entonces de ahí ahora es normal “pa” nosotros ese trabajo, porque gracias a ellos hemos sabido valorar la vida como es.” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Este sujeito apresenta forte identificação com o campo, com a valorização da identidade nativa e da sua ancestralidade camponesa, porém a despeito da atividade tradicional ter sido passada de pai para filho, e esta ter sido identificada por ele como sendo uma cadeia que pertence à lógica natural da vida, Edvaldo se vê obrigado a emigrar e romper física, material e geograficamente com ela. Porém, identificamos ainda que, mesmo fora do meio em que fora criado, este sujeito guarda em si, a priori, a identidade do campo, o conceito camponês “da vida como ela é”.

Nas últimas duas décadas, a emigração para grandes centros da América do Sul, como Buenos Aires – Argentina e São Paulo – Brasil, tem sido uma opção de busca pela ascensão social para estes imigrantes. Verificamos que, ao emigrar, estes sujeitos geram expectativas não só pertencentes a si mesmos, tais expectativas são socialmente construídas e mantidas também pelo grupo que fica. Quem emigra não o faz sozinho, carrega consigo os sonhos de ascensão social de um contexto familiar e grupal muito forte, presente o tempo todo na memória deste sujeito.

O que há de peculiar neste movimento populacional e, que aproxima o Brasil a um tipo de imigração que já ocorre em direção a outros grandes centros urbanos no mundo, como aquele que parte dos países latino-americanos do hemisfério norte em direção as grandes cidades dos Estados Unidos, é a atração da imigração por influência ou importância econômica regional. Os grandes fluxos populacionais que o Brasil recebeu durante o século vinte de países europeus e orientais, historicamente tiveram por característica, o êxodo de

situações econômicas e políticas e sociais adversas, porém a influência econômica do Brasil sobre estes países era muito pequena ou quase nenhuma.

Diferente daquelas imigrações, a vinda do imigrante boliviano a São Paulo, é produto do crescimento da influência econômica e política do Brasil junto à Bolívia nas últimas décadas, da ingerência brasileira em interesses industriais e de capitais naquele país, bem como da importância estratégica regional e da posição de liderança política e econômica assumida pelo Brasil nas últimas décadas na América do Sul.

A noção do imigrante, que este é o lugar onde se busca o “sucesso” econômico, tem em vista a comparação da situação econômica, social e política entre os dois países:

“...bueno nosotros digamos; venimos aquí a juntar un dinero y “conseguirnos” tener un capital de giro para volver allá, y como la situación ya está mejor allá, aprovechamos para tomar el barco que está yendo bien... la pretensión de volver sí, pienso volver en un cierto tiempo, futuramente... pero por en cuanto no todavía, porque estamos estabilizados aquí” (Ramón, entrevista concedida em 10.09.2012)

As possibilidades de retorno dependeriam tanto da melhoria das condições daquele país, quanto das condições de vida deste imigrante no Brasil.

“Estamos pensando en volver futuramente, planeando todo bien para que también no acontezca errores “mais” para frente, como a muchos patricios míos... en la emoción se fueron a Bolivia, no les fue bien y tuvieron que volver a Brasil. Pero tuvieron que volver con una mano atrás y otra mano adelante. (Ramón. Entrevista concedida em 10.09.2012)

Desta forma, a estadia do imigrante boliviano em São Paulo pertence a um campo permanentemente provisório. O imigrante se mantém com a esperança do retorno a sua localidade de origem, porém projetando a sua volta para um devir incerto e distante.

Podemos perceber na fala de Ramón (10.09.2012), que a tentativa de regresso frustrada de alguns “patricios” à Bolívia evidencia que este fluxo tem mão dupla e é constante. As idas e vindas fazem parte desse modo de imigração regional estabelecido entre estes países: “... se me vine aquí a trabajar, estaba trabajando en oficina de costura, de ahí me he ido de nuevo a Bolivia pasear visitar mi familia, he vuelto de nuevo, y... así es la vida

trabajando.” (Valdir, 27.10.2012). Esta possibilidade de manutenção dos vínculos familiares por meio de visitas periódicas à Bolívia tem mantido a esperança de retorno a casa.

5.2.2. A constituição do sujeito, das sociabilidades e vivências como imigrante.

A relação contínua do sujeito com a localidade de origem e a localidade de permanência como imigrante, fortalece um “embate” entre culturas e identidades, ao mesmo tempo em que, ocorre uma contínua busca pela manutenção de uma identidade étnica e cultural, por meio da valorização da vivência nativa no campo e da socialização decorrente dela. Existe também, a necessidade de apropriação cultural é posta a eles o tempo todo, ora como perda, ora como ganho, porém indispensável à sua sobrevivência.

Neste sentido, a questão familiar é uma das principais preocupações do imigrante, na constituição do casal, na geração de filhos, na correlação de ganhos e perdas entre nacionalidades. Podemos citar a preocupação com a escolha de um cônjuge boliviano ou brasileiro. Na maioria dos casos, essa escolha é feita entre bolivianos, e quando não é assim, demanda de uma das partes aceitar certa ruptura de costumes e vínculos, por exemplo, no caso de Ângelo (19.09.2012):

...la brasilera tienes sus orígenes ya propias aquí de Brasil y queriendo o no tú tienes que adaptarte... a la vida de Brasil no... que... desenvuelves tus cosas aquí en Brasil y... eso de una cierta forma te ayuda no... te... ayuda a ver más lejano no... si fuera una boliviana y a veces la boliviana se limitaría con ciertas cosas y “eu” pensaría en volverse allá o... visitar... una mujer brasilera ya es diferente que tu e... realmente te instalas para desenvolver aquí tu trabajo y... y tu familia... (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

Por ser casado com uma brasileira, neste caso, este imigrante entende que terá que abrir mão de grande parte de seus vínculos. Há uma mudança drástica no caráter provisório da estadia, a necessidade de aculturação é clara para ele, o estabelecimento permanente se põe pela dinâmica de vida, a possibilidade de retorno é definitivamente abandonada e o foco passa ao desenvolvimento da vida aqui. Este caso começa a elucidar, o nosso debate da condição

permanentemente provisória do imigrante, isto porque esta questão trata de enraizamento¹¹, mais ou menos veloz, mais ou menos profundo do imigrante fora de sua localidade de origem. Dizemos isto porque, percebemos que este enraizamento ocorre em todos os casos e, talvez este seja um dos principais motivos do retorno do imigrante ser cada dia mais adiado até atingir um status permanente.

No caso de Elton (22.09.2012), a preocupação em se casar com uma boliviana evidencia a necessidade de compatibilidade na socialização, nas raízes culturais, na possibilidade de retorno, manutenção dos vínculos. Quando questionado sobre a possibilidade de casar-se com uma brasileira ele afirma:

“...si, mas es un poco difícil, por causa de diferencias que cuando son iguales ya es más fácil, uno que es del campo otro que vive solo en la ciudad, ir allá en Bolivia visitar la familia, es un poco extraño, para nosotros mejor casar entre bolivianos, es más fácil salir allá, ir a visitar tu campo, tu tía, no sé dónde vive, si yo me casase con brasilera creo yo difícilmente podría llegar. (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Mesmo que este processo de enraizamento ocorra inevitavelmente, com o nascimento dos filhos no Brasil, como demonstraremos mais adiante, a preocupação com a manutenção da condição imigrante, da condição de formação identitária e cultural como tal é evidente, “... es que la formación de cada una persona es diferente creo, porque la vida nosotros que hemos llevado, muchas veces no igual con la vida de brasileiros” (Enzo 29,07.10.2012). A compatibilidade na socialização é levada em conta, principalmente e não apenas, pela busca da preservação cultural e de identidades aqui no país de estada, e talvez pela proximidade territorial e possibilidade contínua de trânsito, ela se preocupa principalmente com o retorno, com a adaptação à vida, na possível volta à vida na Bolívia.

¹¹ Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (WEIL, 2001, p. 43.)

5.3. Identidade, Socialização e Apropriação Cultural.

Em nossa pesquisa, percebemos que, a identidade cultural boliviana tem certa relação inversa à apropriação cultural que este imigrante tem construído ao longo dos anos na sociedade brasileira. Porém, percebemos que uma “identidade de resistência¹²” emerge sempre que uma postura coletiva de manutenção da identidade cultural boliviana se faz necessária.

5.3.1. O sentimento de pertença, identidade cultural e o entendimento abstrato/prático sobre cultura.

Como sabemos em princípio, a identidade que este imigrante carrega é a de sua origem e em nenhum momento deixara de tê-la totalmente:

“uno... siempre lleva cultura de nuestro país, con las ideas de allá, con apolítica de allá... siempre está la visión allá, con más o menos te sientes como un ciudadano boliviano” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012).

Esta identificação passa pela noção do *ser* e do *estar* como imigrante, quanto mais clara e real for à condição provisória do Estar, mais este sujeito consegue distinguir o *ser* do meio em que se encontra inserido:

“Yo me siento boliviano, no me siento brasileiro, pero sé que estoy en otro país, pero me siento boliviano” (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

Porém, percebemos que quanto maior e mais enraizada for a sua condição permanente, maior será a identificação com a cultura local por ele manifesta.

“En verdad así, las raíces, uno es boliviano, las culturas que nosotros llevamos, seguimos, claro no practicamos aquí más, en nuestras mentes, en nuestro corazón lo mismo, nos gusta algunas cosas de Brasil, pero la mayor parte nuestras raíces bolivianas no hay como olvidarse.”(Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

¹² *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, constituindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...]. (CASTELLS, 1999, p.24.).

Esta lógica não é em nada estática ou única, ao mesmo tempo em que o imigrante boliviano em São Paulo, tenta manter sua identidade e cultura, ele também busca certa “adaptação” nas palavras de Ângelo:

“...yo mantengo mi cultura... yo digo mi origen es mi origen, nunca va cambiar eso, también... yo debido a la convivencia con el personal brasileiro también, me adapto muy bien con ellos también, no tengo ninguna dificultad.”(Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

Ao mesmo tempo em que se busca manter, social e psicologicamente, a crença de preservação cultural e identitária, em outros momentos, se passa a uma consciência da necessidade de apropriar-se da cultura na qual se encontra inserido como imigrante.

“Cuando nosotros llegamos de Bolivia no podíamos acostumbrarnos a la cultura. Una cultura totalmente diferente de la nuestra pero... hemos aprendido a “lidar” con la cultura, al punto de que nos hemos tenido que acostumbrar a la forma de vivir de ellos. Y yo me considero prácticamente... mitad, mitad... no porque digamos puedo decir: vivimos poco tiempo o mucho tiempo, sino que la forma de vivir el día a día, principalmente de personas que tuve bastante amigos brasileiros y tengo bastante amigos brasileiros y tuve la “oportunidad” de trabajar en algunas empresas brasileiras, donde habían noventa e nueve por ciento de brasileiros... pocos bolivianos. El idioma, la forma de hablar, la forma de cómo se comportan ellos, hemos tenido que prácticamente adaptarnos a las situaciones, entonces yo puedo decir que me considero sí. Una mitad de la cultura de mi país continuo teniendo porque es mi raíz, no lo puedo dejar nunca, y la otra mitad es que pude habituarme a esa forma de vivir.”(Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Podemos dizer que o que ocorre neste processo dinâmico de enraizamento é o aparecimento de uma natureza (cultural), que tende cada vez mais para a formação de uma identidade bi-cultural. Isto é, mesmo que estejam ainda claras quais as suas origens culturais, este imigrante começa a reconhecer a necessidade de apropriação da cultura na qual se encontra inserido, a fim de garantir a sua própria sobrevivência e autonomia. Esta necessidade é imposta a ele pelo *estar* como imigrante de maneira cada vez mais permanente, ainda que exista um período inicial de estranhamento, este sujeito assimila códigos, condutas, formas de ser e de ver o mundo a sua volta.

“...yo hago parte de la... cultura brasileira aquí porque me identifico más con el de aquí... pero también tengo parte... de Bolivia, porque aún me acuerdo lo que comía las comidas, lo que hacíamos en Bolivia, y aquí no hay eso

y... todavía me acuerdo de allá , y lo de aquí... yo prácticamente vivo más con el pueblo brasileiro, porque las comidas se han cambiado, hago mi propia comida, hago diferente... y si quiero comer algo boliviano, pido a alguien que me lo haga, pero yo mismo hacerlo no puedo... no es que no sé, yo sabía hacer pero no puedo, no sé si será el tempero o el costumbre que he ido viviendo, que he vivido más con el pueblo brasileiro y es eso...”(Vivian, entrevista concedida em 10.09.2012)

Este processo de formação de uma identidade bi-cultural é irreversível e mais profundo quanto maior for a apropriação cultural na sociedade onde este sujeito se encontra. O que vemos nesta sequência de relatos é exatamente esse processo: aqueles sujeitos que se consideram mais “adaptados” e que tiveram uma necessidade maior de convivência, tem a sua identidade cultural cada vez mais partilhada. Aquela identificação mais dura e clara, do que constitui cada sujeito culturalmente como *ser*, é agora difusa e “contaminada” pela força do *estar* mais permanentemente e mais próximos aos modos de vida da localidade em que o imigrante se encontra.

Por outro lado, a noção de cultura, quando tratada como definição coletiva de manutenção ou resistência da cultura boliviana, carrega um traço afetivo e de memórias que remetem os sujeitos as suas origens étnicas¹³, como base da ruptura ou diferenciação, que segundo Ângelo “no hay como borrar”:

“La cultura boliviana para mí... es como tener mi... mi inicio de vida, como... persona... y eso tal vez, por más simples que sea, es mui significativa por... el trayecto que es el niño como niño que en fin, cosas que marcan que nunca más se borran no... y... mismo que uno quiera que... por más que uno... no es más “aquele” que allá y mismo así no hay como... no hay como borrar...” (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

Neste aspecto, a pertença cultural no campo da memória se mantém bem definida, ela é o vínculo identitário com as raízes culturais do passado que ainda podem definir, psicológica e socialmente, o imigrante boliviano como diferente e particular no contexto em que se encontra inserido.

¹³ “[...] a etnia passa a tornar-se a base para a construção de trincheiras defensivas, territorializadas em comunidades locais, ou mesmo sob a forma de gangues, na luta por seu próprio espaço. Em meio a comunas culturais e unidades territoriais de autodefesa, as raízes étnicas são distorcidas, divididas, reprocessadas, misturadas, estigmatizadas ou recompensadas de maneiras distintas, de acordo com uma nova lógica de informatização/globalização de culturas e economias que produzem compostos simbólicos a partir de identidades não claramente discerníveis” (CASTELLS, 1999, p.24.)

O que explica este processo de aproximação e distanciamento, cultural e identitário, que parece ser contraditório a primeira vista, é a relação entre diferentes processos de socialização¹⁴ não excludentes entre si. Mesmo que ocorra uma profunda apropriação cultural deste sujeito em outro meio social, os registros de memória pertencentes a uma primeira fase de sua socialização são mantidos no campo da memória, não de maneira blindada e estática, mantendo certa lógica interna e social que afere sentido à consciência que cada indivíduo tem de sua vivência em sociedade: “La cultura boliviana para mí, es lo que uno ha vivido, la cultura boliviana es como recordar lo que hemos vivido allá y seguimos viviendo” Elton (22.09.2012).

Consideramos que, para este imigrante, a compreensão sobre sua cultura originária é um registro permanentemente ainda evocado a partir das ressignificações arraigadas no campo da memória. Como cita Edvaldo (20.10.2012): “Es cultura Boliviana para nosotros digamos, sería un... recuerdo... que no nos deja olvidar las cosas... cultura mismo no... es recordar!”, muito mais do que elementos presentes no cotidiano, cultura propriamente dita para este imigrante é recordar, isto é, antes mesmo que os espaços e elementos materiais de cultura sejam estabelecidos, a memória é principal responsável pela sua subsistência. Porém, tanto a memória, quanto a ideia de cultura mantida pelo imigrante são processos múltiplos:

“En Bolivia prácticamente son muchas culturas, por ejemplo del occidente, te hablo del altiplano, al cual están tres o cuatro ciudades parece en el occidente, en el altiplano ellos tienen diferentes culturas en cada ciudad. Ya del oriente, del clima más cálido, por ejemplo Santa Cruz de la Sierra, Beni, Pando, Trinidad, todos esos lugares tienen una otra cultura, entonces cada una de esas regiones tiene su forma de ser, su forma de vivir, hasta su folclore, hasta sus comidas, hasta su forma de hablar totalmente diferente, entonces es una diversidad muy grande.”(Ramon 28, entrevista concedida em 10.09.2012)

¹⁴ Berger & Luckmann, sob a ótica da Sociologia do Conhecimento, definem a socialização como "a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela". Definem, ainda, a socialização primária como "a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual tornasse membro da sociedade"; e socialização secundária como "qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade". (p. 175 - destaques meus).

Observa-se que há nesse enfoque uma clara dependência da socialização secundária em relação à socialização primária, à medida que ela é um "processo subsequente" de introdução de um indivíduo "já socializado" em outros setores (diversos) da vida social. (GOMES, 1992 p.94)

Neste sentido, podemos ampliar este conceito considerando que assim como a cultura, a memória é múltipla, ou seja, as culturas e as memórias se reproduzem de maneira múltipla. É importante dizer isto porque, o entendimento de cultura boliviana para cada imigrante é múltiplo e ao mesmo tempo particular, tanto pela multiplicidade de culturas conviventes, quanto pela multiplicidade dos registros de memórias oriundos de distintas vivências culturais. Assim o que o imigrante entende e reproduz como cultura boliviana fora da Bolívia, são representações parciais da cultura, ou culturas da cultura:

“Cultura Boliviana... es... nuestras músicas folclóricas, nuestras raíces “neh”, es la comida y la forma de llevarse con el pueblo mismo y la lengua indígena, que tiene dos tipos de lenguas que es más conocidos, siendo que hay otras lenguas más, pero es más conocido seria la quechua y el aimara, y eso... convivir con el pueblo, decir hacer una fiesta llamar a tu pueblo y hacer las comidas típicas, reunirse, compartir entre nosotros. Eso sería cultura para mí, boliviana.”(Vivian 26, entrevista concedida em 10.09.2012)

Observamos na fala de Valdir e na de Ramon, que a reprodução da ideia de cultura boliviana fora de seu contexto, rememorada por estes imigrantes, passa pela afirmação de diferentes traços regionais que “disputam” no campo das múltiplas possibilidades e contextos culturais locais pela ressignificação do que é a cultura boliviana em suas linguagens, dialetos, costumes:

Es la cultura boliviana para mí es un, que... nunca uno olvida de su país, que lleva toda la cosa que ha estado aprendiendo con sus padres, que ha vivido en Bolivia, sigue tiene ese mental, en mente está llevando su cultura... como por ejemplo, su comida, su costumbre de trabajo, su costumbre de estar un boliviano hablar con otro boliviano, amistad con los bolivianos mismo, es un tradicional que tenemos nosotros. (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

Estes processos são vividos de maneira coletiva, cada grupo se aglomera em torno dos mesmos signos, tentando reproduzir os elementos das culturas que ainda mantém em suas memórias. Os elementos em comum os identificam como povo fora de seu contexto, mais que isso, diferencia os povos dentro do povo, as etnias, os povoados as cidades. Os que falam *quéchua* dos que falam *aimará*, os do altiplano acidental dos do oriente, os Cochabambinos (de Cochabamba), os Santacruceños (de Santa Cruz) dos Passeños (de La Paz) e outras

identidades culturais, que recortam por dentro o entendimento e a reprodução da cultura boliviana pelo imigrante fora de seu contexto originário.

No que se refere ao entendimento da cultura brasileira, as opiniões se distribuem entre, as percepções das representações culturais e as características psicossociais do povo brasileiro. Por um lado, as impressões estão associadas ao carnaval, às festas, às comidas típicas, ao idioma:

“Cultura brasileira para mí es yo creo sería... digamos cultura de ellos... digamos el carnaval es para ellos una cultura que practican cada año... que se hace un, entrada sus fiestas” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Por outro, estão relacionadas ao avanço, ao moderno, ao espontâneo, ao expansivo, ao alegre, quase sempre colocado em contraposição com as características psicossociais do povo boliviano:

“bueno la cultura brasileira es algo muy interesante para nosotros, pues para comenzar uno ve a las personas y es un comportamiento totalmente diferente, son más... como se podría decir, son más impulsivos, son más extrovertidos, hablan, conversan, gritan, bailan, les gusta escuchar música, son bien alegres, parecen que no tuviesen problemas, entonces es un comportamiento totalmente diferente de la persona que es de Bolivia.”(Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Na fala de Ramon, percebemos que ocorre uma supervalorização das características psicológicas do brasileiro, uma percepção que valoriza e referenda a sua permanência neste país, ainda que este imigrante tenha a consciência dos preconceitos e da falta de respeito aos seus direitos sociais – como demonstraremos mais adiante – quando se trata de descrever a cultura brasileira, este imigrante parte para o entendimento comum da vida pública que vê o brasileiro pela sua amabilidade, hospitalidade, etc:

“Cultura brasileira para mí es un... la gente brasileira son alegre y divertido y... la gente son abierta, no son serrada como boliviano, boliviano es serrado no puede estar hablando de su propia vida a otro brasileiro, esa desconfianza que tiene, el brasileiro te habla, te avisa, lo que él tiene o no tiene, él te avisa, no tiene de eso... cerrado.” (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

Ao dizer que o boliviano é “cerrado” (fechado), introvertido e o brasileiro é “abierto” (extrovertido), Valdir apresenta um entendimento comum entre os imigrantes bolivianos sobre

o povo brasileiro, entendimento que tem muito a ver com a contradição entre o comportamento cosmopolita, característico nas metrópoles brasileiras e o comportamento camponês, característico do semiurbano boliviano. Ressaltamos que este entendimento parte do senso comum e é por natureza generalizante. A percepção que este imigrante tem da cultura brasileira, está profundamente permeada pela vivência na cidade de São Paulo e o que, cultural e ideologicamente, se difunde sobre os habitantes desta cidade.

5.3.2. Os aspectos de manutenção e reprodução da cultura boliviana e a socialização dos nascidos e ou crescidos no Brasil.

É importante apontar que quando questionados a respeito da necessidade de manutenção da cultura boliviana em São Paulo, a maioria dos sujeitos demonstra principalmente, preocupações que se polarizam em dois temas recorrentes:

- a) A necessidade de manutenção da cultura como elemento que seria parte importante do autoconceito imigrante, por meio do qual estes sujeitos se compreendem e desejam ser compreendidos e aceitos no contexto social em que se encontram inseridos como imigrantes.
- b) A necessidade de manutenção da cultura para a reprodução de uma identidade cultural que seja capaz, tanto de manter as suas próprias “raízes” (nos referimos ao conceito de enraizamento de Weil¹⁵), quanto a gerar “raízes” nas gerações dos não nascidos na Bolívia e assim mantê-los de certa maneira familiarizados com o país de origem.

Em primeiro lugar, para estes sujeitos a cultura boliviana tem de ser mantida no contexto da imigração, como forma de manutenção das ligações psicológicas com as suas origens, as múltiplas ligações identitárias com as culturas são evocadas como recurso de

¹⁵ “As trocas de influências entre meios muito diferentes não são menos indispensáveis do que o enraizamento no entorno natural. Mas um meio determinado deve receber uma influência externa não como uma contribuição, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa.” (WEIL, 2001, p. 43).

pertencimento à Bolívia e com os elementos sociais pertencentes à vivência nativa. Como afirma Edvaldo (20.10.2012): “no hemos nacido aquí, he nacido en Bolivia entonces tenemos nuestros principios con las culturas de allá”. A referência que Edvaldo faz a “principios”, atrelando esta ideia a “culturas de allá”, evidencia a importância deste elemento na forma de organização da vida cotidiana. Mais que isso, reforça a ideia do pertencimento à cultura não única, mas múltipla e inter-relacional, movimento que se manifesta no encontro dos sujeitos destas culturas naquelas determinadas condições existentes no dia a dia nativo, no campo, na lida dos animais, na casa, no caminho, nas festas, nas feiras, nas cidades, etc. Não existindo estes meios ideais que constituem a vivência nativa, este imigrante faz de si mesmo um meio de reprodução cultural e identitária, um porta-voz de sua origem cultural, sendo a memória, o seu núcleo de recriação. Como testifica Elton:

“[...] uno no puede olvidar-se de sus raíces... mantener el recuerdo al mismo tiempo llevar la cultura boliviana a otros países, como nosotros estamos extranjeros nosotros podemos demostrar nuestra cultura, nuestra manera de vivir, es así, demostrar llevar siempre, yo creo que independiente si tú vives en otra ciudad u otro país tú sigues siendo boliviano, no hay como, vos tienes que resaltar siempre tu cultura, uno tiene que sentirse orgulloso de su raíz, de su país, de su cultura, no ay como, claro apreciar también donde estamos, la cultura brasileira nosotros apreciamos, solo que no es lo mismo lo que nosotros tenemos.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Este imigrante sabe que, a reprodução de sua identidade cultural fora do contexto nativo será transpassada pelo novo meio social, no qual está como “estrangeiro” imigrante. Por isso, a manutenção das memórias é fundamental para a sobrevivência da sua identidade cultural, pois o autoconceito imigrante se dá pela reconstrução psicossocial das memórias e identidades destes sujeitos, da reconstrução e reprodução das culturas nativas, às quais estes se sentem pertencentes.

Ao mesmo tempo em que estes sujeitos se reconhecem por meio da manutenção de memórias dos elementos culturais e identitários, que consideram ser interno a eles e indissociáveis a sua existência como sujeitos e imigrantes, eles também reconhecem na

externalidade os elementos culturais, dos quais poderiam se apropriar com a finalidade de garantir a sua sobrevivência no novo cotidiano.

“[...] esa cultura que ha vivido desde pequeño, desde que ha nacido, te has formado en ese y siempre la lleva dentro de él. Eso le hace a la persona que...uno no pierde su cultura siempre lleva yo creo que va llevar mismo hasta cuando... porque mi... propio mío tengo esa misma cultura que yo tengo allá mismo, “só” que algunas cosas hay que mudar, cambiar y cambia, cambia no. So que respetando todas leyes de aquí, nuestra cultura ...cultura de Brasil respetar cada uno de ahí... por ejemplo... la forma de vivir no, un poco.. allá es bien diferente que aquí... más aquí uno se siente más tranquilo... muchas veces tiene otra vida... si llega allá ya cambia, otra visión otra... o sea es más diferente que aquí.” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Como já afirmamos anteriormente, esta apropriação a princípio, está muito mais ligada ao campo das necessidades do *estar como imigrante*, do respeito às leis, aos costumes locais, às formas de viver e às transformações, que inevitavelmente incorrerão na sua inter-relação com as vivências sociais existentes no novo cotidiano.

O imigrante apresenta de maneira bem marcante, aquela inter-relação dialética característica do processo de construção da “Identidade Social Coletiva e Individual” conceituada por Jenkins (1996), como processo de definição interno e externo. Isso porque, este já não se encontra no meio próprio onde se operacionalizava a sua identidade social coletiva originária. É a partir de sua *identidade social individual*, que ele carrega como conceito interno, como memória do vivido desde sua infância, pelo qual acredita ter sido formado como pessoa, que ele estabelecerá sua *identidade social coletiva* como imigrante.

Em segundo lugar, observamos a necessidade expressada pelos sujeitos desta pesquisa, de manutenção da cultura boliviana, não só para manter as suas próprias identidades sociais, coletivas e individuais, mas também para gerar o sentimento de pertença à cultura boliviana nos nascidos e ou criados no Brasil e gerar neles certa identidade com o país de origem.

“[...] tiene que ser mantenida, para que nuestros hijos conozcan y un día vuelvan a nuestro país y ellos puedan también participar, para que no se hagan a un lado y no caminen perdidos en Bolivia, con nuestros familiares.” (Vivian, entrevista concedida em 10.09.2012)

“[...] yo pienso que tiene que ser mantenida la cultura aquí en Brasil, la cultura boliviana. Es muy importante para el niño aprender de donde viene su descendencia. Principalmente se es un niño o una niña, para que sepa sus raíces.” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Assim, a necessidade vai além da manutenção, mas também se trata de reprodução da cultura boliviana em São Paulo, no dia a dia destes sujeitos e de seus filhos nascidos no Brasil. Tal necessidade está embasada principalmente na expectativa de retorno, na preocupação com as relações familiares destes com os seus ascendentes maternos e paternos que vivem na Bolívia, a preocupação com a apropriação cultural, o pertencimento àquele contexto social e cultural, a legitimidade que estes sujeitos nascidos no Brasil terão para tomar parte na identidade coletiva e cultura nativa boliviana. Preocupado com essa questão, quando indagado a respeito da identificação de seus filhos com a cultura brasileira, Elton afirma que:

“Los que nacen aquí ya son prácticamente brasileiros, entonces cuando nosotros viajamos allá ellos extrañan la ciudad el campo o la infraestructura de Bolivia no es igual que en la ciudad de São Paulo, la ciudad más grande, cuarta ciudad más grande del mundo, es muy difícil comparar, aquí “tem” metro, aquí “tem” plata entonces nos niños reclaman mucho, si tu preguntas a mi hijo si él quiere ir a Bolivia te dice no. Me afecta porque yo la verdad sigo, yo sigo siendo de mi país, yo tengo que hablar a ellos de mi cultura de mi país, para ellos poder también hacer parte de mi país, independiente que sean brasileiros mas también tiene que compartir con nosotros como nosotros compartimos, como en Brasil, como en Bolivia también.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Para o imigrante, a busca por manter a cultura nativa, fora de seu contexto originário, por meio das memórias e da reprodução de suas vivências, significa manter “raízes” em um coletivo que os agrega como povo, mesmo sendo o imigrante a figura do povo no exílio ou distante de seu contexto nativo. A tentativa de reprodução de uma identidade cultural que agregue um coletivo como povo pertencente à mesma origem nativa, manifesta neste sentido o conceito de “kultur”, de Elton (1994), isso porque, a reprodução das vivências que materializam o “caráter” e o “valor” de um povo, são os sentidos que podem garantir a compreensão do material a partir do imaterial, das vivências criadas a partir das memórias, dos costumes a partir da cultura vivida no tempo passado, das relações sociais a partir das

identidades geradas num contexto distante e que agora apenas existem no imaginário, espiritual, na parte não tangível que o imigrante carrega em si, mas que ele materializa na sua existencial tal qual. Como afirma Vivian:

“Desde el momento que hayan nacido son brasileiros, pero tienen la sangre boliviana... por más que sea padre o madre boliviana... ellos ya se creen brasileiros, porque ellos han nacido aquí... han aprendido hablar el portugués y... tienen más amigos brasileiros, y en la escuela... aprenden todo... mas por lado brasileiro... entonces yo creo que se creen más brasileiros. Solo que yo tengo que enseñarles hablar español, para que un día él diga... soy hijo de un boliviano y hago parte del pueblo boliviano.” (Vivian, entrevista concedida em 10.09.2012)

O contraponto é que, a socialização dos nascidos e ou crescidos no Brasil apresenta a estes imigrantes bolivianos, contradições inerentes e inevitáveis às novas experiências vividas no cotidiano do contexto local pelos seus filhos, principalmente a partir do início do convívio social para além do ambiente familiar, do contato destes com a língua portuguesa, com os costumes e formas de ser existentes do lado de fora das oficinas de costura (ambiente restrito de privacidade coletiva e compartilhada em que, na maioria dos casos, se mantém costumes predominantemente bolivianos) como, por exemplo, a partir do contato da criança com o ambiente escolar, do acesso mais autônomo às mídias sociais, por fim, da ampliação cada vez menos tutelada da sua rede de relações sociais e das experiências decorrentes delas. Enzo retrata bem esta questão, inclusive traçando um paralelo para diferenciar o comportamento do filho mais velho nascido na Bolívia e a filha mais nova nascida no Brasil:

“Yo tengo dos, uno ya estaba allá vivía allá, tiene visión de allá, siempre recuerda de allá, de sus abuelos, sus familiares, mas llegando aquí, o estando aquí... se siente humillado, tal vez por el idioma, en la escuela, todo eso muchas veces a él le lleva una dificultad, todo se le lleva irse allá tal vez. Más la otra ya no, es más... ha nacido aquí, vive aquí... son dos personas bien diferentes, así una de la otra, es porque ha sido... ha vivido ahí, ha nacido ahí, está creciendo ahí, yo pienso se ella se va allá... es difícil para ella estar allá, con ambiente, con la vida que “nos” llevamos e todo eso.” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Não discutiremos de maneira a polarizar profundamente os papéis das instituições ou esferas sociais como a Família e a Escola, o privado e o público, na constituição das

identidades destes sujeitos, pois, como afirma Elton (1993), compreendemos que o processo civilizador é múltiplo e não detêm em si a lógica da racionalidade universal, bem como não é a nossa intenção aqui, criar uma lógica única no caso dos filhos dos imigrantes bolivianos em São Paulo. Como este autor entendemos que:

“A aprendizagem dos autocontroles chame-se a eles de “razão”, “consciência”, “ego” ou “superego”, e a consequente moderação dos impulsos e emoções mais animais, em suma, a civilização do ser humano jovem, jamais é um processo inteiramente indolor e sempre deixa cicatrizes. Se a pessoa tem sorte - uma vez que ninguém, nem os pais, nem o médico, nem um conselheiro, podem, no presente, dirigir esse processo na criança de acordo com um conhecimento claro do que é melhor para o seu futuro, porque tudo é ainda na maior parte uma questão de sorte -, saram as feridas dos conflitos civilizadores incorridas na infância e as cicatrizes deixadas por eles não são muito profundas.” (ELIAS, N. 1993, p. 205)

A nosso ver, o processo de construção dos sujeitos não é passível de moderação direta, principalmente porque estes sujeitos em formação se encontram inseridos dentro de um contexto civilizador amplamente complexo e distinto ao do imigrante que nasceu e cresceu na Bolívia. A partir destas contradições, identificamos que a tentativa do imigrante não é a de assumir a direção do processo civilizador, o intento de manter a cultura boliviana se trata de garantir que no contexto brasileiro subsista também parte do que lhe pertence enquanto cultura boliviana, pra que seus filhos possam experimentar, mesmo que por meio de distintas vivências, parte do que lhe pertence e os identifica como povo, a fim de que certa identificação com a cultura boliviana permaneça e que as redes de relações sociais neste sentido possam ser potencialmente estabelecidas.

5.3.3. O idioma como importante elemento de cultura, identidade e memória.

Para o imigrante boliviano, a língua falada, é uma das principais mediações emblemáticas da sua constituição como sujeito. Os idiomas nativos (os mais conhecidos no caso boliviano, o Quéchuá e o Aimará) se constituem como elementos de cultura, identidade e memória. Mais que isso, o idioma é central em todas as esferas vividas pelo imigrante, tanto

na manutenção de suas “raízes” nativas, quanto no seu trânsito no universo Hispano/boliviano, Português/brasileiro.

Para começar por este último, o domínio do português é uma das principais barreiras à apropriação cultural e vivência autônoma do imigrante boliviano no contexto da cidade de São Paulo. Nas palavras de Ângelo (19.09.2012), falar e entender o português são elementos chave de sua constituição como sujeito e imigrante “eso “aprimora” vos en ti mismo... sería un atraso de vida no... para tu propio “desenvolvimento”, tu propio trabajo”. A questão da língua também é apontada por Enzo:

“es muy importante, aunque un poco complicado más... “pelo” menos entiendo porque... “tem” que comunicar con las personas... no solo vivir entre bolivianos, tiene que saber... compartir con los brasileiros... nosotros trabajamos con los... coreanos, brasileiros y... “tem” que saber hablar o por lo menos entender para hacer lo que... para tener una conversa... es muy importante... si uno no sabe... muchas veces, por todo eso ahí, uno no va, por ejemplo se enferma no va (al hospital)... hay muchas cosas... “pelo menos”... tiene que entender se “não”... puede pasar muchas cosas... uno puede perjudicar en su vida. (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Os relatos desta natureza são comuns entre os imigrantes bolivianos, porém, queremos chamar a atenção para elementos que vão além dos relatos das experiências cotidianas – sejam elas consideradas positivas ou negativas por estes sujeitos – que referendam a necessidade de aprender o português para entender e se fazer entender. Mais do que relatar eventos cotidianos característicos a este processo delicado, por muitas vezes conflituoso, devemos compreender os efeitos que a construção da noção de língua falada gera nos sentidos que o imigrante boliviano atribui às culturas e as identidades.

Dizemos isto porque, para a maioria destes imigrantes, principalmente os de origem camponesa/semiurbana, a língua falada, sobretudo o Quéchuá e o Aimará são elementos de identificação e diferenciação, aproximação e distanciamento dentro da própria Bolívia, isto é, antes mesmo de serem imigrantes, estes sujeitos já estabelecem suas vivências a partir de um meio não hegemônico, no que diz respeito aos múltiplos idiomas coexistentes falados na

Bolívia. No limite, o Quéchua e o Aymarà são antes de tudo, formas de resistência cultural e identitária do nativo boliviano frente ao espanhol, como símbolo cultural pertencente à herança colonial, como identifica Edvaldo:

“para mi importante seria, porque mayormente aquí en América hablamos, todo Latinoamérica habla español, entonces es necesario hablar español, porque nosotros hemos sido descubiertos por español no, entonces por eso hablamos español, y transmitir también, porque mayormente hablan español, entonces... es necesario aprender español, porque en el colegio mismo hemos aprendido español. Directo español hemos aprendido, no hemos aprendido hablar quechua ni escribir en quechua, ahora “pelo menos” hay con el gobierno que es Evo Morales, ya hay una materia que lleva el Quechua directo... de mi a poco cuando estaba en el colegio no había quechua, solo había Inglés, Francés y Español era normal, a escribir, leer... Inglés normal es, ahora francés parece que no hay ahora, esta Quechua en vez de Francés, entro Quechua, como idioma antigua de Bolivia, Quechua” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Identificamos que, para estes imigrantes, os idiomas nativos foram os primeiros a serem ensinados em casa, isto é, no interior da esfera familiar na Bolívia, em sua maioria no campo/semiurbano e, principalmente, por meio dos sujeitos de mais idade, a comunicação foi estabelecida em Quéchua e/ou em Aymarà desde os primeiros anos de vida da criança, como podemos observar nos casos de Ângelo e Enzo:

“yo aprendí quechua... hasta los seis años antes de ingresar a la escuela, después de ingresar a la escuela que he aprendido español.” (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

“¿Cuando era niño? Ahí aprendí quechua... nativo más... con pasar del tiempo uno aprende hablar español. Ahora ya... en la escuela uno aprende porque... como es idioma oficial de la nación y ahí uno tiene que aprender, si no aprende, no es... uno tiene... obligado aprender.”(Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Como cita Enzo, o aprendizado do espanhol parece ficar como obrigação civil, na comunicação pertencente à esfera pública e das suas instituições, na esfera privada. Na maioria dos casos, principalmente no campo, a comunicação se mantém por meio do idioma nativo. Essa lógica se reproduz com relação à importância de saber falar português, que segundo Elton, é necessário para garantir uma comunicação tranquila com os de fora:

“ [...] ahora que yo vivo aquí en la ciudad de São Paulo, en Brasil entonces “tem” que aprender portugués obvio, y ahí castellano ya sabemos entonces prácticamente que para nosotros para que vivamos tranquilos comunicables

con cualquier persona, necesitamos aprender portugués.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Como observamos, o imigrante boliviano reproduz essa lógica com relação ao Brasil e ao Português. Mais do que falar Espanhol, o idioma oficial de seu país, como é característico em meio às imigrações, no ambiente familiar ou na privacidade coletiva das oficinas de costura, o imigrante boliviano se comunica por meio dos idiomas nativos, contrapondo estes idiomas aos idiomas oficiais, tidos como pertencentes à esfera pública, o espanhol na Bolívia e o português no Brasil. Podemos dizer que, isto ocorre também como forma de resistência e identificação com suas “raíces”.

“la importancia de mi idioma es... cuando voy a Bolivia... de una cierta forma para no... “desfazer” de mis propios amigos que son simples allá... no voy estar hablando en portugués ni español... o sea el quechua es una importancia para mí también, de... como se dice... valorarme como gente... más orgulloso... el personal simples... lleva ese lado también porque... “se você foi” a una ciudad grande e ahora solo quiere hablar... portugués y no habla quechua... en fin comienza a distinguirte también... “enton” cuando tú hablas así nativamente del idioma nativo, ellos también se sienten muy bien... te abrazan así... y se sienten normal no... tú hablas de una forma diferente, ya... te distinguen, y tú también ya te quedas medio fuera... del lugar... así como un pez fuera de agua no.” (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

O significado atribuído a este elemento cultural, que consideramos de resistência do nativo, pertence ao campo da identidade cultural, ao sentimento de pertença aos povos originais que coexistem e que suas marcas ainda são muito fortes no povo boliviano. A importância do idioma para eles pertence ao campo da ancestralidade, da relação com os patriarcas e matriarcas.

“para mi importantes es... digamos mi abuela mis bisabuelas ellos netamente hablaban quechua, no entendían (español), hasta mi mama habla quechua, te entienden en español pero... no te hablan en español, solo quechua, entonces es necesario para nosotros aprender quechua porque, tenemos aún bisabuelos, abuelas que hablan quechua, que no te entienden español, entonces es, para nosotros es necesario hablar quechua.” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Porém, quando tratamos da transmissão dessas línguas nativas para os nascidos no Brasil, nos deparamos com uma situação controversa, isso porque, mesmo tendo a consciência

da necessidade de se manter as línguas nativas como elementos de cultura, que os identifica como povo, essa transmissão não ocorre de maneira significativa para com os indivíduos nascidos no Brasil.

Quando perguntado, qual o primeiro idioma que seus filhos tinham ou estão aprendendo no Brasil, as respostas foram unânimes ao afirmar como Ângelo:

“aquí es portugués... ahora están comenzando hablar... estamos comenzando... pasar un poco... ellos no se sienten muy bien... pero... después ellos “mesmos” se interesan... español. Y el quechua no, ningún momento porque el quechua es un idioma muy diferente de escribir y de hablar peor todavía... “enton”... a veces... para no confundir mucho la cabeza de ellos... ellos pueden tener dificultad” (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

Como já citamos no capítulo anterior, a socialização dos nascidos e/ou crescidos no Brasil apresenta a estes imigrantes um dos maiores desafios à manutenção de suas identidades culturais, isso porque, estes indivíduos já sinalizam algumas rupturas significativas no que se refere à identidade cultural boliviana reproduzida no Brasil.

“yo que creo que está aprendiendo es el portugués y al mismo tiempo está aprendiendo el Español, los dos, los dos idiomas... El quechua no... porque aquí no hablamos casi quechua, no hay quien hable quechua, porque hablamos portugués y español también...” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Como nos relatos de Ângelo e Edvaldo, na maioria dos casos, quando nos referimos ao primeiro idioma que os filhos dos imigrantes bolivianos, nascidos ou criados desde muito pequenos no Brasil aprenderam a falar primeiro, observamos que o português foi ou está sendo a sua primeira língua. Mais do que isso, com relação aos idiomas falados na Bolívia, o Espanhol é na maioria dos casos, a língua ensinada a eles no interior da família.

Mesmo sabendo que isto dificultará a comunicação de seus filhos com os familiares na Bolívia e que um elemento importante da cultura nativa poderá perder-se, o processo civilizatório (ELIAS, 1993), em curso no Brasil, se impõe como prioridade. Nos termos de Castells (1999), vemos que os idiomas nativos, como elementos de cultura pertencentes às “raízes étnicas” do povo boliviano são “recompensados”. O espanhol como idioma

pertencente à lógica da informacionalização/globalização é o que se mantém como herança possível e, mais próxima de ser executada, por ser menos diferente de escrever, falar e entender, como cita Ângelo “para no confundir mucho la cabeza de ellos”.

5.3.4. O estabelecimento das relações, identificações psicossociais e as apropriações culturais deste imigrante.

A maioria dos entrevistados afirma ter relações de amizade com os brasileiros, com vizinhos, nas quadras de *futsal*, conhecidos que constituem redes de relações sociais que possibilitam a eles, facilitar as suas vivências como imigrante. Estas relações se estabelecem em âmbitos mais específicos, na maioria dos casos, os locais de lazer aparecem como responsáveis por esta interação, não só com brasileiros, mas também entre bolivianos.

Os parques municipais, as quadras de futsal, as feiras típicas, e as rádios que transmitem programação boliviana, são os importantes meios utilizados para o estabelecimento de múltiplas relações sociais, para a ampliação e o fortalecimento das redes de relações sociais entre estes imigrantes, bem como afirmar espaços no meio social do qual se apropriam culturalmente, de maneira a participar da vida pública em sociedade. Cada um destes elementos cumpre papéis importantes e particulares, a que caberiam novas investigações dedicadas mais profundamente a cada elemento.

Em nossa pesquisa é importante dizer que, a multiplicação de espaços de ressignificação e apropriação cultural são essenciais e vem contribuindo para o fortalecimento comunitário dos imigrantes Bolivianos em São Paulo cumprindo, tanto o papel de “comunidades culturais”, quanto de “unidades territoriais de autodefesa” (CASTELLS, 1999, p.24.), onde as resistências e as rupturas com o meio são potencializadas.

A propagação de feiras típicas, como a feira cultural boliviana realizada na Praça Kantuta, no bairro Canindé – SP, a feira de produtos bolivianos da Rua Coimbra no Brás –

SP, a Feira Cultural boliviana no Largo do Rosário, na Penha e outros espaços apropriados para a reprodução da cultura boliviana em São Paulo, são essenciais para o fortalecimento comunitário e da identidade cultural boliviana, bem como para a afirmação pública desta identidade, para conquista de seu espaço no meio social. Como afirma Valdir (27.10.2012), “me siento boliviano, cuando estoy entre bolivianos, cuando estoy con los amigos comiendo, hablando en nuestros idiomas”. A apropriação cultural vivenciada por estes imigrantes confere novos significados coletivos a esses espaços, seja por meio das músicas regionais, dos idiomas nativos, das manifestações artísticas ou da culinária típica:

“La comida allá es diferente y que también nos hace recordar, porque de nuestro pasado, nuestra cultura mismo, o nuestra familia tal vez.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Outro exemplo, segundo Elton, são as rádios que transmitem programação boliviana, cumprindo um papel importante de informação e interação entre os imigrantes bolivianos residentes em São Paulo, isso porque, questões políticas, econômicas e de interesse social pertencente ao contexto boliviano, não são contemplados nas mídias de grande abrangência:

“Programas bolivianos, es más fácil para nosotros, más interesante, escuchar músicas, la información de allá mismo, mas escuchamos radio boliviana por causa de eso... cualquier noticia de Bolivia, fuese por internet, fuese por cualquier radio, un comentario, para nosotros ya es una cosa grande, solo que aquí de Brasil nosotros vemos en la televisión... nunca vas a ver noticias de Bolivia, entonces por causa de eso... cumple de informar un poco hablar, tal vez las necesidades de los residentes bolivianos aquí entonces, uno se interesa por saber porque es como sus hermanos tal vez pasando alguna necesidad, o tal vez alguna cosa hay, alguna reunión, alguna fiesta, alguien llega, entonces son esas cosas que a nosotros nos interesa.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

É importante perceber na fala de Elton que as rádios¹⁶ que transmitem programação boliviana se estabeleceram como canais de interação entre esses imigrantes, isso porque, elas prestam serviços de utilidade pública de interesse dessa comunidade e promovem a cultura boliviana na realidade brasileira: ofertas de trabalho em oficinas de costura, reuniões sociais e religiosas, eventos folclóricos em datas comemorativas, serviços de escritórios que prestam

¹⁶ Rádios Comunitárias FM como a Melodía 101,3/ Vanguarda 103,9/ Meteoro 107,5/ Galáctica 105,5 e outras, são ouvidas nas oficinas de costura pelos imigrantes bolivianos durante todo o dia enquanto trabalham.

consultoria aos imigrantes em questões burocráticas, tanto na regularização e emissão de documentos pessoais, quanto de CNPJ e notas fiscais para as oficinas de costura, além de toda programação cultural.

Devemos destacar ainda que, é recorrente a mobilização provocada por chamados públicos, feitos nesses meios, de auxílio a imigrantes que se encontram em situações emergenciais, como de indivíduos com doenças graves, necessidade de abrigo, dívida “justificável”, como no caso de viúvas que herdaram dívidas que não conseguem saldar.

Contudo na maioria dos casos, as mobilizações ficam restritas ao campo da livre iniciativa. A organização comunitária dos imigrantes bolivianos em São Paulo, ainda carece do fortalecimento de um coletivo representativo, como o fortalecimento de organizações sociais¹⁷, que congreguem diversos setores da imigração, que discutam e representem suas demandas coletivas.

5.4. Cidadania e Identidade Política

Entenda-se, para além do que já tratamos no Capítulo 2 deste trabalho, quando aplicamos o conceito Cidadania ao imigrante, projetamos estas ideias não apenas no entendimento estritamente territorial e normativo de cidadania civil e política¹⁸, que diz

¹⁷ A Pastoral do Imigrante cumpre um importante papel de cunho Assistencial e Social por meio da Igreja Nossa Senhora da Paz e a “Casa do imigrante” que oferece acolhida aos imigrantes (de todas as nacionalidades) recém-chegados a São Paulo, também existe ali o Centro de estudos Migratórios que desenvolve pesquisas e trabalhos de preservação das culturas. (Fonte: http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=49 acesso em 22/04/2013.)

A Associação dos Residentes Bolivianos em São Paulo promove atividades culturais em datas comemorativas e apoia a realização da maior feira cultural boliviana em São Paulo, a Kantuta (Administrada pela Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento), a Associação recentemente têm se envolvido na luta por moradia aliando-se a movimentos sociais brasileiros, também têm se manifestado repúdio a casos recentes de Bullying a alunos filhos de bolivianos em escolas da Cidade de São Paulo. <http://www.adrbbrasil.org/> acesso em 22/04/2013.)

¹⁸ Início a discussão com uma referência à obra de T.H. Marshall, o primeiro a estabelecer uma distinção sociológica entre as cidadanias civil, política e social e, ao mesmo tempo, defendeu uma interdependência necessária entre os três tipos de cidadania (Marshall, 1964 [1949], pp. 78-9). A *cidadania civil* é constituída pelos direitos necessários ao exercício da liberdade individual, como liberdade de ir e vir e liberdade de contratar (inclusive de firmar contrato de trabalho), ou pelo direito de possuir propriedades, e é garantida pelo sistema legal. A *cidadania política* é o direito de participar do poder político tanto diretamente, pelo governo, quanto indiretamente, pelo voto. Faz parte das instituições representativas dos governos local e nacional. A *cidadania social* é o conjunto de direitos e obrigações que possibilita a participação igualitária de todos os membros de uma comunidade nos seus padrões básicos de vida. Como assinalou Marshall (id. ib., p. 78), a cidadania social permite que as pessoas compartilhem da herança social e tenham acesso à vida civilizada segundo os padrões prevalecentes na sociedade. (ROBERTS, 1997, p. 02)

respeito, em maior parte, ao avanço no debate das Leis Federais, Acordos bi/multilaterais e Tratados Internacionais que tratam das migrações, principalmente na América Latina.

Para complementar a noção supranacional de garantias fundamentais e dos direitos humanos universais inatos ao homem, procuramos ampliar a noção de cidadania que trata das conquistas sociais para estes imigrantes, uma cidadania que seja produto da participação coletiva e das lutas por direitos sociais, que favoreçam a ruptura com a lógica desigual de exploração da força de trabalho imigrante, isto é, uma “Cidadania Social”¹⁹ construída pública e coletivamente por estes imigrantes. Neste sentido, é possível apontar para construção de uma cidadania para o imigrante.

5.4.1. Algumas impressões do imigrante boliviano sobre sua vivência na cidade de São Paulo.

As impressões sobre as vivências do imigrante na cidade de São Paulo estão sempre permeadas pelo trabalho, pela expectativa de alcançar melhora nas suas condições materiais de existência (MARX, 1982), o que Ângelo (19.09.2012) considera o “próprio desenvolvimento do seu estado” como imigrante.

Segundo Elton (22.09.2012), “En la ciudad grande vivís para vivir, vivís por el trabajo”, o que diz muito a respeito da própria rotina do imigrante no interior das oficinas de costura, da jornada exaustiva, do trabalho precário e confinado na maior parte do tempo:

“La vida que llevábamos allá es bien diferente que aquí... que allá es trabajo diferente... aquí es diferente... muchas veces... yo por ejemplo no me gusta costurar... solo que hoy en día no tengo otra opción... cuando vamos a ver, estamos ahí.” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

¹⁹ A cidadania social depende, então, da disponibilidade de relações sociais e de um certo sentimento de identidade e obrigação comuns. Não é possível agir sozinho para obter serviços que são basicamente coletivos, tais como condições adequadas de habitação, atendimento médico ou auxílio em situações de grande urgência. Esses serviços são prestados pelo Estado, ou então podem ser obtidos pela associação com outras pessoas que tenham as mesmas necessidades. Mesmo quando é o Estado que presta o atendimento, o indivíduo tem melhores condições de manter uma certa autonomia perante a gestão que procede de cima para baixo se cooperar com outros na organização de um lobby perante o órgão administrativo. Por essa razão, as organizações comunitárias e as redes de assistência social estão no cerne da democracia deliberativa. (ROBERTS, 1997, p. 07)

Podemos observar que, antes de tudo, a memória evoca às condições vividas nesse trabalho, de certa maneira a vivência na cidade de São Paulo é submetida a um paralelismo comparativo propiciado pela memória sobre as condições de vida em sua terra natal, frente às novas experiências como imigrante inserido no precário ciclo da costura na cidade de São Paulo. Sua visão de uma situação inevitável remete ao fatalismo (BARÓ, 1998), onde existe a necessidade inevitável de trabalhar na costura, pois isso é o que lhe é posto como tarefa para garantir a sua sobrevivência.

Porém, a possibilidade de ascender socialmente por meio do trabalho, dá a este imigrante, o combustível necessário para alimentar sonhos de “retorno vitorioso” (SAYAD, 1998) à Bolívia, nesse sentido historicamente construído pelas imigrações, São Paulo continua sendo a “terra das oportunidades”:

“Es bien, de todo, hay para todos... parece según lo que vemos... tiene oportunidad... el que quiere lucha, consigue... trabajar... trabajar para levantar la gente... aquí trabajando luchando consigue.” (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

Mesmo vivendo um contexto particular contraditório, o imigrante toma parte em sua apropriação cultural de certa ideia que valoriza a cidade, isto é, que valoriza o urbano, em tese, pelas múltiplas oportunidades de trabalho, mobilidade, lazer, cultura, ainda que ele esteja vivendo em um contexto no qual não consegue, na maior parte do tempo, vivenciar estas experiências fora da oficina de costura, como cita Ramon:

“La vida en la ciudad de Sao Paulo me parece de una gran facilidad, necesitas trabajo ahí hay trabajo, necesitas algunas cosas para poder hacer, por ejemplo: moverte, ir de una parte a otra hay los ómnibus, metro, prácticamente una vida muy buena se puede decir en un buen sentido de... hay muchas cosas que uno pueda hacer, tanto trabajar, tanto pasear, tanto disfrutar de la ciudad y muchas oportunidades que surge para nosotros los bolivianos.” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Percebemos que existe uma perspectiva entre elementos pertencentes ao contexto das grandes cidades, em detrimento da falta de infraestrutura característica do campo, que são vistos como positivos por Ramon. Mesmo vivendo em meio a inúmeras contradições sociais,

os imigrantes valorizam os aspectos característicos de grandes cidades e metrópoles modernas como, oportunidade de trabalho, mobilidade urbana, múltiplas opções de lazer e cultura.

5.4.2. O entendimento conceitual/filosófico e o entendimento normativo de cidadania.

Já citamos aqui os conceitos de cidadania, aplicando estes ao imigrante, tanto no aspecto conceitual/filosófico desenvolvido e categorizado por Marshall (1964 [1949]) e Roberts (1997), como Cidadania Civil, Cidadania Política e Cidadania Social, quanto a seus aspectos normativos de tratados e acordos internacionais que possibilitaram avanços neste sentido, com relação políticas de imigração internacional Brasil/Bolívia.

Contudo, é necessário dizer que quando questionados sobre o que é cidadania, o entendimento dos imigrantes bolivianos entrevistados sobre este conceito, em alguns casos, não se encontra previamente definido para este imigrante, não foi difícil se deparar com respostas como “¿ciudadanía? ¿ Como seria eso?” ou “¿ciudadanía? No se!”. Isso porque, para estes imigrantes, o entendimento de cidadania está muito mais carregado de sentido normativo, naturalmente pertencente à sua realidade prática, do que de um sentido conceitual/filosófico. Para ele, a cidadania pertence ao plano do cotidiano, de suas vivências e necessidades como imigrante, dos direitos e deveres pertencentes à vida em sociedade:

Ciudadanía sería, para mí una persona que sepa vivir como buen ciudadano, practicar la ciudadanía, ser bueno con la gente, ser bueno con los vecinos, ayudar al que está necesitando, practicar la ciudadanía en el tránsito, si tienes auto ser un buen motorista, respetar las leyes de tránsito, respetar las leyes que hay en este país... eso sería ciudadanía para mí. Un ciudadano boliviano sería una persona que emigro de Bolivia para Brasil, con la esperanza de un futuro mejor... y para luchar por un proyecto, por una meta para alcanzar, algo para su vida para su familia, este sería un ciudadano Boliviano aquí en São Paulo. (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

A partir da fala de Ramon (10.09.2012) e de outros imigrantes, conseguimos perceber que o entendimento de cidadania está muito mais fundamentado em aspectos da Cidadania

Civil, aquela que se constitui no exercício das liberdades individuais e nas garantias básicas ao ser humano, que é de fato a cidadania que eles experimentam como estrangeiros.

Na verdade, a resposta à questão da cidadania aparece mais claramente no questionamento normativo sobre: “O que é ser um imigrante com documentos no Brasil?”. Só então surge mais claramente a ideia de cidadania, pensada pelo imigrante a partir dos documentos legais, que permitem e reconhecem a estadia do imigrante, principalmente pela obtenção do RNE - Registro Nacional de Estrangeiros:

“Inmigrantes con documentos seria ya...un ciudadano de Brasil. Si porque habita, paga impuesto, de acuerdo que es del estado... entonces como un ciudadano” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Para alguns imigrantes, o documento significa ser cidadão brasileiro, equiparando-se a ele em direitos civis, como cita Ângelo (19.09.2012): “un inmigrante con documentos es como un brasilero”, isto é, ter documentos, para ele, o coloca em posição de igualdade civil, assim como para Enzo:

“Sería que nosotros tenemos nuestros derechos y deberes que respetar, cumplir y muchas veces cuando muchas veces cuando uno tiene ya un documento, uno se siente más libre, algunos tiene dificultad, o tal vez miedo que alguna cosa le acontezca, o tal vez que le maten, por ejemplo, que le peguen, o tal vez le boten, él tiene miedo al colmo, más cuando uno tiene documento, uno se siente más tranquilo, igual que un brasilero, anda más tranquilo.” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

As liberdades e garantias civis mais essenciais são as que, em maior parte, impactam a vida do imigrante num primeiro momento. Esta dimensão é a que ele percebe como necessária para garantir a sua sobrevivência básica como imigrante. O medo está presente na fala de Enzo (07.10.2012) em todos os aspectos, como principal elemento, que ao ter documentos, o imigrante aparentemente vence. Porém, não é o documento em si que coloca este sujeito livre das ameaças suscetíveis a qualquer imigrante, é a apropriação de direitos que este papel lhes confere, que faz com que tenham um maior acesso social e psicológico a Cidadania Civil e suas garantias fundamentais. Sem esta possibilidade de apropriação de Direitos Civis e da Cidadania por meio dos documentos, o imigrante está e se sente, inevitavelmente, sujeito a

todo tipo de violência, tanto no âmbito moral, quanto no físico e principalmente à máxima exploração precária de sua força de trabalho:

“Ser un inmigrante clandestino, era muy triste. Porque un inmigrante que no tiene documentos y es clandestino, no puede desenvolver su vida profesional, no puede estudiar, no puede trabajar, si trabaja va para los trabajos clandestinos donde la mano de obra es muy barata, donde pagan muy poco. Donde hay empresas que tú le dices que no tienes documentos ellos aprovechan de esa situación, y te ofrecen la mano de obra muy barata, hasta la mitad del precio de lo que te pagan, hasta la tersa parte.” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Segundo a experiência vivenciada e relatada por Ramon (10.09.2012), a clandestinidade é a principal aliada do mínimo custo de produção executado pelas confecções do ciclo têxtil em São Paulo, a “mão de obra barata” é remunerada em até um terço a menos do preço pago aos imigrantes que tem documentos.

Entendemos que, é no sentido inverso a essa lógica de exploração, que o imigrante deseja construir a sua cidadania; no sentido contrário ao da subcontratação; da terceirização precária; da remuneração mínima pela máxima produção; do “tráfico” de pessoas e do trabalho em condições análogas à escravidão; no sentido inverso ao da ilegalidade e da clandestinidade. Constatamos que este imigrante boliviano em São Paulo deseja construir sua cidadania a partir da apropriação da noção de direitos humanos e de direitos civis prioritariamente, como cita Edvaldo (20.10.2012): “Se debe tener respeto por los derechos humanos... respetarnos como inmigrantes”, para então pensar na construção de uma cidadania social e política, que parta do fortalecimento das identidades e da noção de obrigação comum, de conquistas coletivas não só no que diz respeito ao trabalho, mas também à habitação, saúde, etc. Isso se torna mais evidente quando dialogamos com os sujeitos de nossa pesquisa a respeito da noção de política e dos direitos sociais.

5.4.3. Identidade Política, análise social do grupo e noção de direitos.

A identidade política do imigrante se constitui não só sobre aquela perspectiva de permanência provisória de si mesmo como imigrante ou em torno apenas da identificação coletiva como povo boliviano, pela identidade cultural boliviana ou como trabalhador imigrante das oficinas de costura, inserido precariamente no ciclo produtivo têxtil na cidade de São Paulo. Ele também desenvolve uma identidade política, percebendo-se como sujeito parte do coletivo onde se encontra como imigrante, em questões que dizem respeito ao bairro, à saúde, à educação, à habitação, ao transporte etc.:

“A mi persona me gusta mucho política, entendió... tanto en Bolivia, tanto aquí. Porque hasta mismo aquí yo tengo a quien pueda apoyar, se yo tuviese que votar, votaría en ese entonces. Porque yo pienso siempre en la ciudad donde yo vivo entendió. Cuanto gustaría que mejorase los barrios donde yo vivo, las escuelas, porque “na” verdad es así, yo puedo estar allá en Bolivia, “só” que mis hijos prácticamente yo creo que se van a quedar por aquí, entonces yo tengo que pensar más por ellos también, y tanto para mí porque las necesidades son ambas, tanto para mis hijos, tanto para mí...” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Esta preocupação revela mais uma vez, aquela identidade bi-cultural, que nos referimos anteriormente, na qual, ao mesmo tempo em que o imigrante faz parte de um grupo específico de sujeitos no meio social, ele também se identifica com o contexto considerando-se parte responsável nele. Elton (22.09.2012) e Edvaldo (20.10.2012) se apoiam principalmente na perspectiva de direitos civis, políticos e sociais dos seus filhos nascidos no Brasil, isto é, na possibilidade de que estes vivam e possam exercer plenamente a sua cidadania como sujeitos nativos do Brasil. A própria identificação política de Edvaldo (20.10.2012) com o Brasil se apoia nessa perspectiva de que seus filhos possam, por meio do voto, representá-lo:

“Aquí no tenemos derecho de votar, pero si pueden tener derechos los que nacen aquí, nuestros hijos, ellos pueden luchar... porque ellos ya tienen derecho de votar, porque ellos nacieron aquí en Brasil. (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Mesmo estando ainda no plano hipotético, estes imigrantes manifestam intenções reais de voto e participação, gerando uma consciência política e coletiva de suas demandas sociais, como sustenta Ramon (10.09.2012):

“Si me interesa mucho la política brasileira, tanto que se tendría la oportunidad de votar en este país, sería un voto como ciudadano, no votando nulo, ni votando en blanco, sino que votaría en un candidato que me interesaría, tanto para mí como para la ciudad. Tanto puede ser un diputado o un vareador, un prefecto o presidente. Me gustaría quien sabe un día candidatearme a algo... siempre es bueno soñar.” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Essa consciência política, com relação às demandas sociais que pertencem ao campo das necessidades coletivas do imigrante boliviano em São Paulo, é a que aponta para os sentidos construídos pelos próprios sujeitos em suas vivências sociais e no trabalho, tanto para a construção, quanto para a apropriação de direitos sociais e de uma cidadania que alcance todas as esferas, não só a civil, mas também a social e a política.

Os elementos que compõem estas demandas foram produto da reflexão dos sujeitos entrevistados, nos diálogos que estabelecemos ao longo de nossa pesquisa. O voto, a participação comunitária, o direito coletivo, a necessidade de organização, de se fazer representar e até de representar politicamente o coletivo, como fala Ramon (10.09.2012), surgem na profundidade da fala instigada pelo método de pesquisa.

Ângelo (19.09.2012) se coloca em terceira pessoa, propondo aos bolivianos a formação de um coletivo politicamente organizado:

“yo buscaría algo que pueda dar un estado mejor para que ellos mismos pudiera organizarse... para que pueda desenvolver mejor su trabajo... procurar de unificar el Boliviano uniéndose entre ellos para que puedan tener cosas mejores” (Ângelo, entrevista concedida em 19.09.2012)

Para ele, isto é crucial, a fim de promover a melhoria nas suas condições de vida, nas suas condições materiais de existência (MARX, 1982), na realidade dos imigrantes bolivianos, no desenvolvimento do trabalho e da vivência em sociedade.

Como Roberts (1997), entendemos que a construção de uma Cidadania Social – no caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo e, por que não dizer também, a construção e apropriação da Cidadania em todas as esferas – depende desse sentimento de “identidade e obrigação comuns” que percebemos nestes sujeitos, como no caso de Ângelo (19.09.2012). Nesse entendimento, à associação política e comunitária dos imigrantes bolivianos em São Paulo, em torno de um coletivo que represente os seus interesses em comum, é a principal e mais autônoma das ferramentas em uma organização social, democrática deliberativa (ROBERTS, 1997).

Para Elton (22.29.2012) e Ramon (10.09.2012), as iniciativas quanto à manutenção da identidade cultural boliviana em São Paulo, bem como a construção e apropriação de direitos, tem exemplos em outras imigrações:

“yo pensaba por ejemplo... tener tipo escuelas particulares entiendes, ‘só’ para bolivianos, para “manter” un poco la cultura... por ejemplo; hay inmigrantes coreanos, ellos tienen todo, escuelas, hospitales... “só” de ellos...” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

“Se fuesen como inmigrantes japoneses, como coreanos, ahí seria bien diferente... mas nosotros... vivimos... medio mal organizado” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Porém, entendemos que, como no exemplo dado por Elton (22.09.2012), de “escolas particulares só para bolivianos, a fim de manter a cultura”, nem todos os modelos e experiências executadas por outras imigrações são integralmente positivas. Isso porque, assim como Freire (1970), pensamos que “os homens aprendem comunitariamente”, não no sentido de comunidade excludente ou apartada, mas pelo reconhecimento e o discernimento da realidade externa, é por meio dessa reflexão que se cria cultura e história:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da história e da cultura” (FREIRE, 2005, p. 49)

Tanto Ramon (10.09.2012), quanto Elton (22.29.2012) entendem a organização comunitária, como a chave pela qual outras imigrações historicamente se constituíram em

comunidades amplamente estabelecidas. Segundo Vivian (10.09.2012), não só pela valorização da cultura, mas também pela força coletiva de organização em voz de demandas pertencentes aos imigrantes.

“En São Paulo nos interesa un punto muy interesante, porque hay muchos bolivianos que conozco y muchas personas que desean un día formar algún sindicato, alguna cooperativa, algo para las oficinas de bolivianos porque... ellos digamos no pueden hacer nada contra los abusos de las autoridades o... la falta de fiscalización, o el bajo precio que los fabricantes nos pagan.”
(Vivian, entrevista concedida em 10.09.2012)

É importante notar que, alguns conceitos políticos de organização comunitária e de classe estão bem definidos no entendimento desses sujeitos. Para Vivian (10.09.2012), a necessidade de organização sindical e a formação de cooperativas de trabalhadores bolivianos do setor têxtil em São Paulo, são formas de enfrentar pontos cruciais que frequentemente são vivenciados por eles como imigrantes, principalmente frente às grandes confecções que demandam das pequenas oficinas de costura de trabalhadores bolivianos, a montagem das peças pelo menor preço e prazo possível. Mais do que isso, ela tem ciência que a cooperação e a organização de classe, por parte dos trabalhadores imigrantes bolivianos em São Paulo, desempenhariam importante papel, também na fiscalização das precárias condições de vida e trabalho nas oficinas de costura.

5.4.4. Análise comparativa e justificação da imigração.

Sucintamente, apresentaremos alguns aspectos apontados pelos sujeitos de nossa pesquisa com relação a dois questionamentos relacionados e, inversamente relacionados entre si, em grande parte, pela manifestação característica da passagem geográfica, social e identitária do rural para o urbano. Sintetizamos aqui os elementos comuns acerca das principais justificativas apresentadas pelos sujeitos que favorecem ou desfavorecem a sua estada como imigrante no Brasil. Tais elementos são produto do cruzamento entre os diálogos

empreendidos com nossos sujeitos que agrupamos em duas categorias: A - *Vantagens da imigração* B - *Desvantagens da imigração*:

A - Vantagens de viver no Brasil:

- Ganhos econômicos, poupança e a expectativa de ascensão social rápida.
- Maior oferta de trabalho, mesmo que esta esteja restrita às atividades que envolvem a costura.
- A taxa de Câmbio vantajosa, a possibilidade de mandar dinheiro para a família e adquirir bens na Bolívia.
- Facilidade de acesso aos bens de consumo, por meio da facilidade de acesso ao crédito, financeiro, imobiliário, automotivo, etc.
- Gratuidade do SUS e no pronto atendimento.

B - Desvantagens de viver no Brasil:

- Estar distante da família e do convívio social em que foram criados.
- Falta de opções na oferta de trabalho para o imigrante.
- Distanciamento da Cultura e da vivência nativa.
- Discriminação e dificuldade de se comunicar em Português.
- Constante sensação de insegurança e violência urbana.

B - Vantagens de viver na Bolívia:

- Sensação de segurança e tranquilidade no convívio social.
- Praticar a agricultura familiar de subsistência e consumir produtos orgânicos.
- Ter uma rede de relações sociais estabelecida.
- Vivenciar a Cultura em meio ao contexto nativo.
- Liberdade de exercer múltiplas atividades de trabalho.

A - Desvantagens de viver na Bolívia:

- Dificuldade de acesso aos serviços de saúde e de seguridade social.
- Exercer trabalho braçal e exaustivo no campo.
- Falta de oportunidade de trabalho e baixos salários praticados.

Em primeiro lugar, reforçamos que, a dualidade apresentada nos apontamentos feitos pelos sujeitos de nossa pesquisa, diz muito mais a respeito da relação entre o rural e o urbano do que qualquer inferência generalizadora que possamos fazer com relação aos aspectos correspondentes à Bolívia ou ao Brasil. Isto é, as características psicossociais e identitárias deste imigrante, estão baseadas em um primeiro momento nas suas vivências na cultura familiar no campo ou em uma realidade muito próxima a ele. É evidente a ligação com o campo, não só pelo nascimento, mas também pela Identidade Cultural, já que a maior parte destes imigrantes não só pertence ao meio rural/semiurbano, mas carregam heranças ainda muito fortes da cultura nativa em costumes, idiomas, formas de ser e viver em sociedade.

Além da taxa de Câmbio vantajosa, a Facilidade de acesso aos bens de consumo, ao crédito e a gratuidade do serviço de saúde, as vantagens e desvantagens de se viver no Brasil dizem respeito, em maior parte, a esta natureza psicossocial dos nossos sujeitos de pesquisa, aquela que pertence à socialização no meio rural/semiurbano, que se transforma na emigração para o meio urbano, principalmente no contraste desta realidade com grandes centros metropolitanos como a cidade de São Paulo.

Em segundo lugar, estão as expectativas de todo imigrante, que se caracteriza como aquele que vai a busca da ascensão social e tem a esperança de um retorno vitorioso ao país de origem (SAYAD, 1998). Com base na perspectiva apresentada pelos nossos sujeitos de pesquisa, se estabelece um tripé característico das motivações que justificam a imigração: a segurança e estabilidade econômica do país de destino; a infraestrutura em serviços sociais; a expectativa de ascensão social. São pilares fundados principalmente nas desvantagens

comparativas apresentadas por eles de se viver na Bolívia e nas vantagens comparativas de se viver no Brasil:

- A segurança e estabilidade econômica do país de destino, principalmente com relação às oportunidades de trabalho, salário, poupança, remessa e consumo.
- A infraestrutura em serviços sociais básicos, como de saúde, saneamento, educação, habitação, seguridade social, etc.
- Por fim, a expectativa ideológica de ascensão social embasada no panorama dos dois pilares anteriores.

Estas motivações em muito se assemelham às motivações da vinda de outros imigrantes para o Brasil, mais especificamente para a cidade de São Paulo, como apresenta Araújo (2000) no caso dos italianos do início do sec. XIX, ou da vinda dos coreanos em meados do mesmo século (GALETTI, 1995). O que ambos têm em comum é a busca pela estabilidade econômica e pela ascensão social (SAYAD, 1998).

5.5. Trabalho.

Para Marx, o trabalho como atividade detentora de uma racionalidade criativa, é uma faculdade que pertence exclusivamente ao homem, isso porque, ao mesmo tempo em que o homem transforma a natureza, ele também é transformado e constituído por ela no fazer pensante:

Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início existiu na imaginação do trabalhador e, portanto idealmente (MARX, 1996, p. 298).

Como para Sayad (1998), entendemos que o imigrante é “essencialmente uma força de trabalho”, que se caracteriza por se estabelecer-se em outro país de maneira permanentemente provisória:

“Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador imigrante é, neste caso, quase um pleonasmo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável em qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante.” (SAYAD, 1998 p. 54-55)

A partir deste autor, reafirmamos o nosso entendimento de que condição de existência do imigrante como *ser*, está subordinada ao trabalho, sua permanência na qualidade de homem é aceita pelo trabalho e pela função social produtiva que este sujeito assume.

Nos tópicos a seguir, trataremos das diversas faces que constituem a questão do trabalho na perspectiva do imigrante; das transformações vivenciadas por ele por meio do trabalho, suas perspectivas de futuro e aspirações de superação da condição precária do trabalho do imigrante boliviano na cidade de São Paulo.

5.5.1. Transformações nas vivências do trabalho.

Em primeiro lugar, devemos entender que, a atividade socialmente produtiva, o trabalho, tem por princípio a natureza e sua transformação por meio da ação natural da força humana, essencialmente através de sua corporalidade, para transformar em matéria útil a sua sobrevivência, os elementos existentes na natureza. Segundo Marx (1982), ao atuar dessa forma sobre a natureza, o homem não só a transforma, mas também transforma a si mesmo, isto é, a sua própria natureza é transformada pelo trabalho.

Dizemos isto porque, tanto as relações com a natureza, quanto às relações que se estabelecem no trabalho desenvolvido no campo ou no contexto semiurbano, fazem parte da realidade da maioria dos sujeitos de nossa pesquisa: “allá trabajaba con mis papas, con mi mama, es un poco extrañar que estamos lejos” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

Para Edvaldo (20.10.2012), o trabalho ainda carrega em si, na sua execução, marcas da relação estreita entre o natural e o social, principalmente na construção das relações familiares no campo. Quando questionamos os elementos correspondentes ao trabalho na Bolívia, a relação familiar e ancestral por meio do trabalho no campo é a que se apresenta como memória para este imigrante, como elemento mais importante e com o qual ele mais se identifica e sente falta, não da natureza do trabalho propriamente dito, mas das relações que nele foram estabelecidas.

As transformações vivenciadas por estes sujeitos no trabalho como imigrantes provocaram importantes rupturas com o trabalho no campo propriamente dito, para os que experimentaram essa passagem do rural para o urbano:

“no porque es un trabajo más duro, mas cansador, entonces yo creo que no extrañare [...] más duro, mas sufrido, también uno se acostumbra... si yo quisiese trabajar... en el campo yo no consigo más, en agricultura no consigo, porque ya estoy acostumbrado en una cosa más “leve”. Trabajar en la sombra, es una cosa más fácil, entiende.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Para Elton (22.09.2012), os que trabalhavam no campo, que são maioria, não sentem saudades deste trabalho, por considerá-lo mais pesado do que o trabalho nas oficinas de costura, como por exemplo, para Edvaldo:

“allá trabajábamos nosotros en machete, hacha... ahora allegando aquí la costura era un trabajo más liviano... no era como allá... como el trabajo que hacíamos nosotros, era duro, bajo el sol todo el día trabajando, para mí un alivio era, trabajar bajo el techo.” (Edvaldo, entrevista concedida em 20.10.2012)

A perda das habilidades no cultivo agrícola, da disposição física para lidar com a terra e a vantagem de trabalhar na sombra é citada por eles como vantagem, mesmo tendo consciência da precariedade do trabalho que executam nas oficinas de costura, como veremos mais adiante.

Aqueles sujeitos que afirmaram ter saudades do trabalho que desenvolviam na Bolívia, foram justamente os que exerciam funções pertencentes ao contexto urbano, como Vivian e Ramon (10.09.2012):

“si extraño el trabajo que hacía en Bolivia [...] en comercio... nosotros controlábamos toda la mercadería que entraba y salía, y controlábamos la entrada y salida de dinero también, entonces esa parte, un poco de administración. (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Por outro lado, quando questionados a respeito do trabalho nas oficinas de costura, a insatisfação e a consciência da precariedade do trabalho em que estão inseridos, apareceram claramente em suas respostas, em diversos sentidos, inclusive com críticas diretas à estrutura estabelecida no ciclo das confecções têxteis em São Paulo:

“A mí personalmente no me gusta, porque mucho trabajo para poco, trabajas demás y ganas poco... no tenemos otra opción, poco nos paga los coreanos [...] los coreanos aquí tienen empresas grandes, dan mucho servicio, aun que pagan poco, no nos queda otra que trabajar más horas y reponer lo que falta, para vivir no, para “pelo” menos tener alguna cosa.” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Na fala de Enzo, existem duas críticas que são centrais para compreender algumas das relações que sustentam à precariedade instalada no ciclo da costura em São Paulo. Em primeiro lugar, a presença massiva dos imigrantes bolivianos trabalhando nas oficinas de costura, segundo ele, é devida à falta de opções em ofertas de trabalho e de qualificação que pudessem diversificar as atividades de trabalho desses imigrantes. Como constata Ramon:

“Hay hartas oficinas, cada año que pasa, mas oficinas, va aumentando, mas oficinas de bolivianos, el trabajo va disminuyendo, entonces que pasa, la mano de obra se va volviendo más barata” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Em segundo lugar, a relação estreita entre a exaustiva jornada de trabalho, a carga de trabalho demandado, e o baixo preço pago, segundo Enzo (07.10.2012), pelos coreanos, os quais detém a maior parte do controle dessa relação entre a pequena oficina de costura boliviana e a comercialização dos produtos no atacado, junto aos grandes magazines e no varejo, em regiões características de São Paulo.

Vemos que, a jornada exaustiva de trabalho é produto dessa relação estabelecida pela velocidade da demanda e pelo mínimo custo de produção executado. Isso aliado à presença cada vez mais abundante do imigrante boliviano em São Paulo, barateando ainda mais a sua força de trabalho.

Entendemos que, estes são os principais elementos da precariedade instalada nas franjas da produção do setor têxtil na cidade de São Paulo, da qual a força de trabalho imigrante boliviana em São Paulo é a maior vítima.

5.5.2. Aspirações e o sonho de superação do trabalhador imigrante.

Na última parte dos diálogos de nossa pesquisa, reapareceram alguns elementos que já foram por nós abordados no desenvolvimento do trabalho; *Bolivianos na cidade de São Paulo: Caminhos de uma investigação Psicopolítica* (2011), principalmente nas aspirações do imigrante, porém consideramos importante reapresentá-los primeiramente porque, eles de fato se apresentaram a nós no processo de pesquisa e não podemos omiti-los como resultados que, continuam a fazer parte do nosso objeto e da constituição ideológica de seus sujeitos. Logo, consideramos que, após o desenvolvimento da presente pesquisa e dos novos elementos apresentados até aqui, temos a oportunidade de olhar de maneira mais rica e precisa para estes pontos e reuni-los em nossas considerações finais.

Para entender as aspirações e os sonhos de superação do trabalhador imigrante, é necessário ter em conta principalmente, a dinâmica transformadora do trabalho, aquela que para Marx (1982) transforma a natureza do homem.

Entendemos que, no caso do trabalhador boliviano das pequenas oficinas de costura na cidade de São Paulo, essas transformações são levadas ao limite, isso porque, ele se transforma não só pelo exercício de sua força de trabalho, mas este processo é potencializado principalmente pelas experiências vividas como trabalhador imigrante, pela precarização a

que ele está sujeito em suas vivências como trabalhador e como imigrante, principalmente pela exploração exaustiva de sua força de trabalho e pelas mudanças drásticas no campo sociocultural e geoespacial, como se fosse uma soma de fatores (trabalhador + imigrante), que para Sayad (1998), resultam em um pleonasmo de sentido.

No que diz respeito às aspirações do imigrante, retomamos do entendimento de Silva (2006) que, antes de tudo, o imigrante “leva consigo os sonhos de uma vida melhor para si e suas famílias”, assim estes foram os primeiros elementos que apareceram nos diálogos, sobre tudo, quando considerada a primeira e mais essencial das realizações dos objetivos destes sujeitos como imigrantes, tal qual afirmam Elton e Valdir:

“Con la costura me he podido levantarme un poco también entiende, económicamente y dado mucha alegría a mi familia.” (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

“Para tener alguna cosa en tu vida, para tu familia... para no estar dependiendo de otra gente... para eso fue importante.” (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

Quando questionados a respeito do impacto do trabalho nas oficinas de costura em suas vidas, tanto a aspiração de uma vida melhor para si mesmo como sujeito, quanto o auxílio à família que ficou na Bolívia, são os primeiros objetos de realização citados por estes sujeitos. A perspectiva de ascensão social, em ambos os casos, faz parte do imaginário do imigrante antes mesmo dele emigrar de seu país, a sua saída em direção a um país ou região estranha a sua, tem no local de destino estas expectativas individuais e sociais projetadas antes de tudo.

Porém, quando já imigrante trabalhador das oficinas de costura na cidade de São Paulo, surge a necessidade de superação advinda da própria condição precária de trabalho. A superação, que no início tinha as suas referências nas condições sociais vividas na Bolívia, agora é potencializada pela necessidade de superação também do meio pelo qual este imigrante pensou utilizar para alcançar seus objetivos primeiros. Isso quer dizer que, o imigrante se submete a outro tipo de precariedade para superar a uma primeira e acaba sendo

vítima desta última, tendo no fim, que superá-la também. Este é um dos principais mecanismos de sujeição do trabalhador imigrante, a “fuga” de uma condição precária de vida, que justifica ideologicamente a sujeição a um trabalho precário que, de forma contraditória, pode ser considerado melhor do que as condições vividas anteriormente, como no caso das justificativas apontadas no capítulo anterior, ou seja, uma condição precária se sobrepõe a outra e a justifica. Isto é a precariedade da precariedade, sendo que a submissão segunda é sustentada em princípio pela necessidade de superação da primeira:

“Sueño... mis sueños son muchos... por ejemplo... un sueño que yo tengo es hacer mi casa, vivir bien, trabajar pocas horas” (Enzo, entrevista concedida em 07.10.2012)

Para Enzo, as necessidades de melhores condições de vida, de moradia e de trabalho, fazem parte do seu projeto de superação e dizem respeito ao contexto precário instalado na imigração propriamente dita.

Contudo, os caminhos e planos para esta superação são traçados de diversas maneiras pelo imigrante. Em primeiro lugar, a alternativa interna ao ciclo, a que almeja nele a possibilidade de ascensão social, como para Vivian e Elton:

“si me quedo aquí, futuramente yo pienso crecer en la parte de la oficina, quiero... llegar a confeccionar... o tener “lôja”. (Vivian, entrevista concedida em 10.09.2012)

“trabajar en área de costura, so que con “loja” propia entiende, cortar para mí mismo, para no depender mucho de “fornecedores” que también son una gente solo piensa en ganar, entonces por causa de eso entendió... estudiar incluso modelaje, toda esas cosas, para poder hacer mis modelos mismo y tener una “loja” y vender ahí entiende. (Elton, entrevista concedida em 22.09.2012)

Primeiramente deixar de ser costureiro oficinista, trabalhador de uma oficina de costura como “empregado” e lograr ser dono de sua própria oficina de costura. Em segundo lugar, confeccionar e costurar os próprios modelos, fornecer costura para outras oficinas e vender para pequenas lojas diretamente. Terceiro; confeccionar, fornecer e vender os próprios modelos sendo proprietário de lojas no Brás, Bom Retiro, etc. (Esquema 2)

Esquema 2 (Baseado na descrição dos imigrantes Bolivianos entrevistados)

Vemos que esta alternativa de ascensão social “por dentro” reproduz os modelos estabelecidos historicamente no ciclo da costura na cidade de São Paulo, ela estabelece a divisão social do trabalho de maneira perversa e precária, entre os próprios imigrantes bolivianos em São Paulo.

As etapas destes processos não são estanques ou únicas, elas se estabelecem de maneira dinâmica e integrada, já que é possível observar imigrantes bolivianos em funções múltiplas de transição, como costureiro e dono de oficina, dono de confecção de modelos e fornecedor de costura para as oficinas de outros bolivianos, ao mesmo tempo em que vai a busca de compradores para suas peças, etc.

Porém, o que buscamos nesta pesquisa é compreender os mecanismos de ruptura no modo de vida e trabalho, ou seja, como os sujeitos podem romper com a reprodução do ciclo vicioso da costura. A predisposição em mudar totalmente de ramo é um elemento que nos chamou a atenção no discurso de Valdir e Ramon.

La vida poco a poco está desarrollando en costos... tu “vê” tu salud, día más día esta baja... me gustaría entrar a otro negocio, que voy hacer, seguir luchando hasta conseguir otro negocio, menos la costura. (Valdir, entrevista concedida em 27.10.2012).

“poder juntar un poco más de dinero para poder hacer algo [...] poder estudiar e intentar formarme en alguna cosa que no sea costura.” (Ramon, entrevista concedida em 10.09.2012)

Entrar em outro ramo de negócios que não seja a costura, no setor de comércio e serviços principalmente, aponta a possibilidade destes imigrantes realizarem rupturas. Principalmente devido à reflexão dos próprios imigrantes sobre o aumento do custo de vida e desgaste de sua saúde física e mental pelo trabalho precário nas oficinas de costura, manifestando a vontade de, com o dinheiro que juntarão do trabalho como oficinista, conseguir seu próprio negócio em um setor diferente do da costura. Até mesmo o interesse de Ramon em estudar e se formar em uma profissão que não seja a de costureiro, nos mostra que caminhos de ruptura estão sendo pensados e executados, individual e coletivamente.

Nesse sentido, os debates desenvolvidos neste trabalho foram férteis em apontar caminhos, agentes e sujeitos da mudança social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, iremos pontuar as principais contribuições de nossa pesquisa, para a compreensão deste fenômeno social que é a imigração boliviana em São Paulo. Consideramos que, a maior parte dos resultados, já foi apresentada durante o desenvolvimento analítico do nosso trabalho, assim, nossas considerações finais se referem principalmente, aos propósitos nesta pesquisa que se referem aos objetivos específicos²⁰.

Considerando o primeiro objetivo específico, verificamos que: As condições identitárias, ideológicas e culturais evidenciadas em nossa análise, foram elementos chave para compreender com considerável alcance, a construção e a legitimação do processo psicossocial e histórico, dos trabalhadores imigrantes bolivianos em São Paulo.

²⁰ I. Aprofundar a análise sobre a construção e a legitimação do processo psicossocial e histórico desse grupo, considerando como centrais as condições identitárias e ideológicas dos bolivianos em São Paulo;
II. Intensificar o diálogo com os envolvidos na pesquisa, a fim de apontar caminhos em favor de alguma mudança que contribua para o fortalecimento dessa comunidade.

Evidenciamos a centralidade das relações e transformações ocorridas, no trânsito executado por este imigrante, desde sua saída do campo, do semiurbano, para a cidade. Da realidade nativa, rural, ancestral, indígena, para o urbano, ocidental, hispano e por fim, para o contexto metropolitano da cidade São Paulo.

Como produtos das múltiplas vivências, dos processos de socialização experimentados no passado e no presente, o imigrante carrega em si, identidades difusas, retalhadas, continuamente desconstruídas, reconstruídas e recombinadas em diversos sentidos.

O imigrante perde sua condição nativa, e nunca mais a recupera em lugar algum, mesmo que retorne ao seu meio de origem, pois sua identidade vai se transformando a partir das suas vivências numa cultura distinta da sua cultura originária. Suas formas de vida originária (seu *modos vivendi*) não lhe cabem mais, não é mais integralmente o seu, pois quanto maior e mais profundas forem as suas experiências como imigrante, mais de si se desconstrói e do outro toma para se reconstruir, se resinificar e identificar.

Entendemos a partir de nossa análise que, este sujeito vive então em um estranhamento identitário e cultural contínuo, ou seja, numa contradição permanente. Assim, aqui (em São Paulo), o imigrante se vê incompleto pela falta dos elementos sociais, culturais e identitários de lá (Bolívia), e lá, este se vê incompleto pela falta destes elementos e da busca ideológica pela ascensão social vivenciada aqui. No caso dos imigrantes, trabalhadores bolivianos em São Paulo, identificamos neste processo contraditório a formação de uma identidade bi-cultural, ora pela valorização da identidade nativa, da sua ancestralidade camponesa, da lógica tida como natural “da vida como ela é”, ora pela valorização da vida e do trabalho urbano, das oportunidades de ganho financeiro, das expectativas ideológicas de ascensão social a serem alcançadas.

A apropriação que constitui esta identidade bi-cultural é tão inevitável, quanto necessária à sobrevivência do imigrante como tal. Ora como perda, ora como ganho, o

imigrante mantém um embate interno, entre as diferentes culturas e identidades vividas em sua trajetória, no nosso caso, do nativo, rural/semiurbano para o urbano.

Este processo é um fenômeno dinâmico, de estranhamento e enraizamento, que mantém certa relação inversa entre si, isto é, como em uma balança de pratos, onde para o imigrante, os elementos identitários e culturais, nunca estarão perfeitamente equilibrados. Ao mesmo tempo em que, estes sujeitos se apropriam de elementos culturais e identitários, pertencentes a suas vivências como imigrantes, eles também mantêm em si, uma “identidade de resistência”, de diferenciação, que emerge quando é assumida uma fala coletiva, na reflexão a respeito do grupo imigrante.

A definição coletiva de cultura boliviana carrega traços suscitados, a partir de memórias afetivas, étnicas, familiares, por isso a diferenciação emerge, na reconstrução das memórias, das vivências cotidianas na Bolívia, em maior parte, aquelas que pertencem ao contexto rural/semiurbano. Assim, percebemos que, a compreensão que este imigrante tem de sua cultura nativa, é evocada a partir de ressignificações das memórias, na aproximação e no distanciamento identitário, com o contexto sociocultural brasileiro vivenciado por ele.

Identificamos que, dentro da multiplicidade de elementos que constituem a cultura boliviana, em um primeiro momento – face à sociedade brasileira – o imigrante recorre à memória de signos agregadores e mais universais do contexto social vivenciado por ele, na Bolívia e no Brasil, nas suas as formas de se constituir como grupo, de se organizar, se apropriar, em valores e costumes evidenciados em feiras, rádios, ruas, com músicas, produtos, comidas típicas, etc. Isso para criar um autoconceito imigrante, uma maneira de se ver, de serem vistos e aceitos externamente.

Em um segundo momento, percebeu-se que, internamente o grupo mantém determinadas características culturais e identitárias, que diferenciam e agregam os povos que constituem o povo boliviano, principalmente pelos idiomas e regiões, como por exemplo, os

imigrantes que falam Quéchua, dos que falam Aimara e outros idiomas nativos, de distintas etnias, que distinguem culturas e identidades, pertencentes a múltiplas regiões bolivianas.

Aqui estes imigrantes, reproduzem as estruturas culturais e identitárias existentes no interior da Bolívia. Por exemplo, no interior das oficinas de costura, onde existem trabalhadores oriundos da cidade de Cochabamba, novos trabalhadores serão arregimentados, apenas se forem da mesma região boliviana, isso devido à afinidade cultural regional. Ressaltamos que, no interior da privacidade coletiva das oficinas de costura, os “cochabambinos” se comunicam em espanhol e no idioma nativo (Inca) Quéchua. Diferente do que ocorre em oficinas de costura de trabalhadores oriundos da cidade de La Paz, que também recrutam apenas trabalhadores da mesma região na Bolívia, por meio de relações sociais de parentesco. No interior de suas oficinas de costura, estes “passeños” se comunicam em espanhol e no idioma nativo (pré-colombiano) Aimara.

A manutenção da cultura boliviana no Brasil passa também pela reprodução de suas estruturas identitárias, como no caso do idioma nativo Inca (Quéchua) ou Pré-colombiano (Aimara), no campo da ancestralidade, do sentimento de pertença aos povos andinos originais. Estes elementos aparecem de maneira múltipla e dinâmica, contemplando as especificidades, por meio das memórias e da manifestação de suas múltiplas identidades culturais. Tudo isso se transforma, se desconstrói, se recombina e reconstrói no contato, na vivência cultural e identitária do imigrante boliviano em São Paulo. Reforçamos o conceito apresentado nesta pesquisa que considera a natureza da identidade cultural imigrante múltipla, inter-relacional e dialética, aquela que se constitui na vivência cotidiana, que se manifesta por meio da interação do imigrante com diferentes culturas. Defendemos que promover esta interação cultural identitária é promover também o fortalecimento comunitário, pela multiplicação de espaços de ressignificação e apropriação de vivências.

Entendemos então, a identidade bi-cultural, como sendo aquela formada tanto pelo primeiro, quanto pelo segundo momento apresentados nos parágrafos anteriores. Isto é, por um lado, a identidade cultural externa mais geral, que o imigrante apresenta a sociedade como um todo, com aproximações, distanciamentos e apropriações, formando assim, um conceito amplo, de como os imigrantes se vem e desejam ser vistos como grupo. Por outro lado, a identidade cultural que se manifesta, é a identidade cultural interna ao grupo, que guarda em si multiplicidades e particularidades do povo boliviano.

Dizer que o imigrante tem uma identidade bi-cultural, não é dizer que este possui duas culturas, na verdade, dizer isto significa entender que ao mesmo tempo, ele se constrói como sujeito e como grupo, tanto para a sociedade em que vive, quanto e para si mesmo e para seu grupo.

Por fim, considerando o segundo objetivo específico de nossa pesquisa, verificamos que: foi possível por meio do diálogo com os nossos sujeitos de pesquisa, apontar caminhos em favor da mudança social e do fortalecimento da comunidade boliviana em São Paulo.

Evidenciamos que o imigrante boliviano em São Paulo, cumpre uma funcionalidade produtiva específica, enquanto força de trabalho que tem inicialmente, na precarização, na terceirização, na irregularidade e na falta de direitos trabalhistas, o seu lugar na produção social das mercadorias. Podemos afirmar que os imigrantes bolivianos em São Paulo, hoje ocupam um lugar que já foi ocupado por outras imigrações externas e internas. A especificidade desta e de outras imigrações recentes, advindas dos países vizinhos para o Brasil, é o seu caráter fronteiriço, provocado pela importância econômica, pela influência política e social do Brasil na América do Sul. As expectativas ideológicas da imigração são socialmente construídas na Bolívia, com relação ao Brasil e a São Paulo, os que emigram para cá, trazem consigo expectativas sociais e ideológicas de “prosperidade” econômica. Por isso, refletimos sobre uma cidadania para este imigrante, considerando a rede de relações sociais,

econômicas, políticas e jurídicas que envolvem estes países e os laços identitários e ideológicos que referendam estas relações.

Ratificamos que se faz necessária, a construção de uma noção supranacional, regional, de garantias fundamentais. Para que esta força de trabalho em transito, possa ter garantias mínimas asseguradas, no seu transito pelos estados fronteiriços da América do Sul. Principalmente, no que diz respeito aos direitos sociais, às conquistas trabalhistas e políticas que, desconstruam a lógica desigual, de exploração da força de trabalho imigrante.

O diálogo com nossos sujeitos de pesquisa nos permitiu perceber que as possibilidades de avanço no campo das conquistas sociais e políticas, podem ser trilhadas por meio da construção coletiva, pela apropriação de direitos humanos, sociais e civis, contrariando, a lógica da máxima exploração precária, da força de trabalho do imigrante boliviano em São Paulo.

Os caminhos que apontamos em favor da mudança social, são produto do diálogo com os nossos sujeitos de pesquisa, que referem principalmente, às demandas manifestas por estes imigrantes, no que diz respeito à organização comunitária em cooperativas de trabalhadores imigrantes em São Paulo.

Temos a clareza, que este não é um trabalho acabado, que estes últimos apontamentos, geram a necessidade de continuidade e aprofundamento desta pesquisa, nos campos da Sociologia, Ciência Política e das Relações Internacionais.

Para isso, estamos construindo um projeto de Doutorado que provisoriamente intitulamos “As migrações fronteiriças na América Latina e a Mundialização da Força de Trabalho: Fronteiras do desenvolvimento humano e social na região”. Para refletir a respeito dos tratados/acordos bilaterais, multilaterais e internacionais, sobre a regulamentação do trabalho imigrante, especialmente os que envolvem as imigrações na América latina. Nesse sentido vemos a necessidade de se criar e fortalecer tratados de cunho social, isto é, que visem

o desenvolvimento humano e integrado na América Latina, percebendo a força de trabalho imigrante como termômetro e produto da relação desigual entre esses países.

7. BIBLIOGRFIA

ANSARA, S. (2008). Memória política: construindo um novo referencial teórico na Psicologia Política. *Psicologia Política*, 8(15), 31-56.

_____. (2003). Memória coletiva e cidadania: resgatando a luta por direitos. *Cadernos de psicologia*, (13). (pp.123-142).

ANTUNES, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set.

_____. (2008). *Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho?* Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho - São Paulo, 28 e 29 de novembro.

_____. (1999). Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo.

ARAUJO, J. R. de C. (2000). Imigração e Futebol – o Caso Palestra Itália. São Paulo: Editora Sumará, pp. 34-39.

ARAUJO, J. R. de C. SALLES, M. do R. R. (1999). Abdelmalek Sayad. *REVISTA USP*, São Paulo, n.41, p. 224-230, março/maio.

Associação dos Residentes Bolivianos em São Paulo <http://www.adrbbrasil.org/> acesso em 22/10/2012.)

BOURDIEU, Pierre. (1998). "Um analista do inconsciente", in Abdelmalek Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade* (Prefácio). 1ª edição. São Paulo, Edusp, pp. 12.

BRANDÃO, C. R. (1986). *Pesquisa Participante*. São Paulo. Brasiliense.

_____. (1981). *Pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 8a ed.

BRAGA, RUY. (2004). O trabalho na trama das redes: para uma crítica do capitalismo cognitivo. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*. www.eptic.com.br, Vol. VI, n. 3, Sep. – Dec.

_____. (1996). *A restauração do capital: um estudo sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Xamã.

BAVARESCO, A. (2001). A crise do Estado-nação e a teoria da soberania em Hegel. *Sociedade em Debate*, Pelotas, 7(3):77-109, Dezembro.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*, 2. ed.. São Paulo: Ática, Ano1987, pp. 16-41.

CACCIAMALI, M. C. e AZEVEDO, F. A. G. (2006) Entre o Tráfico Humano e a Opção da Mobilidade Social: os Imigrantes Bolivianos na Cidade de São Paulo. *Cadernos PROLAM/USP* (ano 5 - vol. 1 - 2006), pp. 129-143.

CASTELLS, M. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; V.2).

CARDOSO, F. H. y Faletto, E. (1978). Dependencia y desarrollo en América Latina, México, Siglo XXI, 14 ed.

CYMBALISTA, Renato e XAVIER, Iara Rolnik. (1997). "A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade." In: Cadernos Metrôpole, n. 17, pp. 119-133, 1º. sem.

DOU nº. 179, de 16/09/2005, Seção 1 página 67. Acordo BRASIL/BOLÍVIA sobre Regularização Migratória.

ELIAS, N. (2006). Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública. (Org. F. Neiburg e L. Waizbort), Rio de Janeiro: Zahar.

_____.(1994). O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1993). O processo civilizador, volume 2: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar.

FALS BORDA, O. (1988). Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense.

FREIRE, P. (2005). Educação como prática de liberdade. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1970). Pedagogía del oprimido, Montevideo, Tierra Nueva.

GALETTI, R. (1995). Migração de Estrangeiros no Centro de São Paulo: coreanos e bolivianos.

GOMES, J. V. (1992). Família e Socialização. Psicologia USP, S. Paulo, 3(I/2), p. 93 -105.

GRAMSCI, A. (1970). Antología, México, Siglo XXI. Gregory, R.J. (2001); "The spirit and substance of community psychology: Reflections". Journal of Community Psychology, 29 (4) 473-485.

HIRANO, S. (2011). Prefácio. In: MOTOYAMA, S. Sob o signo do sol levante: uma história da imigração japonesa no Brasil: volume (1908-1941) / Shozo Motoyama. – São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas.

JENKINS, R. Social identity. London: Routledge, 1996.

KRITSCH, R. (2002). Soberania: A construção de um conceito. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado.

PARRA, Neide Lopes (coord.). Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: FNUAP.

PERKMAN, Fredy (1982). «El fetichismo de la mercancía» en I. Rubin, Ensayo sobre la teoría marxista del valor, op. cit., p. 9-43.

Pastoral do Imigrante. <http://www.pastoraldomigrante.org.br/> acesso em 22/04/2013.

LIMA, M. E. A. (2002). A questão do método em Psicologia do Trabalho. In. GOULAR, Íris Barbosa (ORG.). Psicologia Organizacional e do Trabalho:Teoria, Pesquisa e Temas correlatos.São Paulo: Casa do Psicólogo.

MAGALHÃES, V. B. (2006) O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, Identidade e Memória. São Paulo: Departamento de História Social da Universidade de São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado).

MAGALHÃES, G. M. (2010). Fronteiras do Direito humano à Educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. 2010. 182f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

MARSHALL, T.H. (1964), “Citizenship and Social Class”, in T.H. Marshall, Class, Citizenship and Social Development. Chicago, the University of Chicago Press.

MARTIN-BARÓ, I. (1998). Psicología de la liberación. Madrid: Editorial trota.

_____. (1983). Acción e ideología. Psicología social desde Centroamérica, San Salvador, UCA Editores.

MARX, Karl. (1996). O Capital – Crítica da Economia Política. Livro primeiro, tomo 1. São Paulo: Nova Cultural.

_____. (1982). Para a Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural.

_____. (1982). O Capital. São Paulo: Difel, vol. 1, 7ª ed.

_____. (1844/1960). Manuscritos económicos y filosóficos de 1844, Santiago de Chile, Austral.

MÉSZÁROS, I. (2009). A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo.

MONTERO, M. (2006). Hacer para transformar: El método en la Psicología Comunitaria. Buenos Aires: Paidós.

_____. (2006). Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad. 1ªed. 3 reimp. Buenos Aires: Paidós.

MORIN, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez.

PATARRA, N. L. BAENINGER, R. (2004). Mobilidade espacial da população no Mercosul: Metrópoles e Fronteiras. Papeles de Población, octubre-diciembre, número 042. Universidad Autonoma del Estado de Mexico.

PÊCHEUX, M. (1969). Análise Automática do Discurso. In. F. Gadet & T. Hak (orgs). Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP.

POUTIGNAT, P, STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

REIS, E. (1997). História, Teoria e Utopia. In: Seminário Internacional sobre Justiça e Cidadania, 1997. Justiça e Cidadania (no prelo). Rio de Janeiro.

RIZEK, C. S; Georges, I; Freire da Silva, C. (2010): Trabalho e imigração: uma comparação Brasil-Argentina. Lua Nova, núm. 79, pp. 111-142. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/673/67315839006.pdf>. Acesso em 15/06/2011.

ROBERTS, Bryan R. (1997): A dimensão social da cidadania. Revista Brasileira de Ciências Sociais n.º 33, 1997.

SAYAD, A. (1998). A imigração ou os Paradoxos da Alteridade / Abdelnalek Sayad; prefácio Pierre Bordieu; tradução Cristina Murachco. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SAYAD, A. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp. p.7-32, jan.

SILVA, S. A. (2008): Faces da Latinidade Hispano-Americana em São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp - 2008.

_____. (2006): Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade”. *Revista de Estudos Avançados da USP – Dossiê Migrações*. São Paulo: vol. 20, n. 57 – Maio/Agosto.

_____. (2005): A Migração dos Símbolos, diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *SÃO PAULO EM PERSPECTIVA*, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set.

TAJFEL, H. (1984): Grupos Humanos y Categorías Sociales. *Estudios de Psicología Social*. Barcelona, Editorial Herder.

WEIL, S. (2001): O enraizamento. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC.